

ALMEIDA RIBEIRO A TRANSFORMAÇÃO DO CORAÇÃO DA CIDADE

Macau

澳門



HISTÓRIAS NUM QUADRADO

Os selos de Macau são os mais procurados na Ásia. Pedacos de identidade e da história, podem valer milhões



INVESTIMENTO
GUIA COMPLETO PARA
O EMPREENDEDORISMO



TURISMO DE LUXO
MACAU É LÍDER EM
GUIA INTERNACIONAL



Momentos Emocionantes

*Sinta as emoções desta cidade vibrante,
carregada pela energia e vivacidade de festivais e
eventos únicos ao longo do ano!*



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo



DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@ges.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda
CLL design

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Cátia Miriam Costa (Portugal), Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Monte da Silva (Goa), Filipa Araújo, José Simões Morais, Luciana Leitão, Marco Carvalho, Nuno G. Pereira, Patrícia Cruz, Patrícia Lemos e Sofia Jesus

FOTOGRAFIA

Carmo Correia, Gonçalo Lobo Pinheiro, Sanket Chavan (Goa) e Arlindo D' Miranda (Goa)

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gonçalo Lobo Pinheiro

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

3000 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

O fecho desta edição da MACAU coincidiu com a apresentação pelo Chefe do Executivo da RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) das Linhas de Acção Governativa para o ano 2015 e o arranque do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, agora na sua quarta edição.

Pouco tempo antes tiveram lugar, em Pequim, as sessões plenárias anuais da Assembleia Popular Nacional e da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, com a participação de representantes da RAEM em ambos os órgãos.

No que diz respeito à cooperação sino-lusófona, registe-se a entrada em funções de Echo Chan no cargo de coordenadora Gabinete de Apoio do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e da nova delegada de Moçambique junto do mesmo órgão, Francisca António Torcida Reino.

De todos esses acontecimentos damos conta nas páginas que se seguem.

Evocamos, por outro lado, a passagem do 130.º aniversário dos Correios de Macau, sem esquecer uma das suas facetas mais fascinantes, a filatelia. Os selos da Macau são dos mais procurados no continente asiático e veiculam para o mundo a identidade específica desta pequena mas surpreendente região administrativa especial da China.

Finalmente, num ano em que se assinala o décimo aniversário da inscrição de Macau na Lista do Património Mundial da UNESCO, iniciamos a publicação, nas nossas páginas, de uma série de infografias dedicadas às ruas e zonas históricas do território. A primeira diz respeito à avenida Almeida Ribeiro, uma artéria que guarda preciosas memórias da história da cidade no século XX.

Luís Ortet



- 6 ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 10 LINHAS DE ACÇÃO PARA 2015**
Crescimento sustentável e qualidade de vida são as grandes prioridades do Executivo para este ano
- 14 REUNIÕES APN E CCPPC**
O desenvolvimento de Macau foi tema incontornável nas reuniões magnas no Grande Palácio do Povo, em Pequim
- 16 GRANDES EMPRESAS: CAA**
A história de um filho da terra que fez do planeamento urbano a sua vida
- 24 UM PEDAÇO DE VENEZA**
A Ma.Re traz à região uma colecção inovadora de peças em vidro de Murano
- 30 GUIA DO INVESTIDOR**
O passo-a-passo para quem deseja abrir ou apostar num negócio na RAEM
- 40 TURISMO DE LUXO**
Macau lidera top internacional e afirma-se como centro de turismo mundial
- 46 O INCRÍVEL MUNDO DA FILATELIA**
Selos que valem milhões e retratam pequenos pedaços da história
- 54 DEZ SELOS COM HISTÓRIA**
A colecção mais valiosa e histórias curiosas por detrás dos quadrados
- 58 FILATELIA PARA GÉNIOS**
Emissão inovadora dos Correios lança desafios através do 'quadrado mágico'

No topo do topo

O *Forbes Travel Guide Star Rating*, guia de referência de hotéis, spas e restaurantes, elegeu Macau como o melhor destino de 2015, à frente de Hong Kong, Las Vegas, Nova Iorque, Londres e Tóquio



Na rota do investimento

Como uma das mais livres e dinâmicas economias do mundo, Macau tem despertado um crescente interesse para quem procura investir. Dos requisitos, aos instrumentos de apoio, até aos planos de incentivo, fica traçada a rota para abrir ou apostar num negócio



62 130 ANOS A DAR CARTAS
A história do desenvolvimento do serviço postal de Macau

68 OS TEMPOS DE OUTRORA
A transformação da Avenida de Almeida Ribeiro, um dos corações da cidade

70 TRADIÇÕES: CUJU
O primo direito mais antigo do futebol: afinal a China é o berço do desporto-rei

78 FESTIVAL DA LUSOFONIA DE GOA
Índia quer criar mais laços com os países de língua portuguesa

82 ROTA DAS LETRAS
O Festival Literário que dá nova cor à cidade

86 NEGÓCIOS DA CRIATIVIDADE
O panorama das indústrias culturais e criativas

90 NOVO ESPAÇO PARA ARTES
Cor, luz e arte invadiram as ruas e estão para ficar no primeiro bairro criativo de Macau

98 UNIDOS PELA MÚSICA
Músico português trabalha em parceria com cantora chinesa

102 ÁTRIO: SANDRA BATTAGLIA
As ideias da bailarina e coreógrafa que quer pôr Macau a dançar

108 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS
Sugestões para ver e ler nos próximos meses

114 MEMÓRIAS: LARGO DA SÉ
O centro religioso de Macau

O reatar de ligações históricas

Depois de em 2014 ter recebido a terceira edição dos Jogos da Lusofonia, Goa volta a impulsionar as suas ligações com o universo dos países de língua portuguesa. Durante um mês, entre Fevereiro e Março, o Estado indiano organizou pela primeira vez o Festival da Lusofonia

Da criatividade fez-se um bairro

Entre as sombras de um dos ex-libris de Macau, as Ruínas de São Paulo, nasceu aquele que é o primeiro de vários projectos na área das indústrias criativas, idealizados pela empresa privada Number 81

Macau, selo a selo

São pedaços de identidade com uma polegada e meia que podem valer milhões. Encerram um sem fim de história e de histórias e são um dos melhores cartões de visita para quem quer saber mais sobre a arte, a arquitectura, as tradições ou as idiossincrasias culturais de um povo, de um país, de um território





Criada associação para promover gastronomia portuguesa e lusófona

Macau conta, desde finais de Janeiro, com uma nova associação que pretende promover a gastronomia portuguesa e dos países lusófonos no território. A “Simbiose” visa promover a gastronomia portuguesa e dos países de língua portuguesa e divulgar a sua cultura gastronómica, técnicas e tradições alimentares, bem como fomentar a educação e o equilíbrio alimentares em estabelecimentos de ensino, em especial nas escolas portuguesas e luso-chinesas, nas empresas e em instituições público-privadas.



GONÇALO LOBO PINHEIRO

Echo Chan toma posse no Fórum Macau

Echo Chan tomou posse a 4 de Março como coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum Macau, substituindo Rita Santos que se aposentou. Licenciada em Economia pela Universidade de Jinan, Echo Chan domina também a língua portuguesa e está na função pública de Macau desde 1992, ano em que entrou para o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento, no qual exercia funções de vogal executiva do Conselho de Administração.

GEÓLOGOS UNEM-SE EM PROL DAS ORIGENS DE MACAU

Geólogos de Portugal, da RAEM e do Interior da China estão a trabalhar juntos desde Março no projecto MagIC, para estudar a petrologia e geoquímica das rochas magmáticas que tem como objectivo final chegar ao fundo das origens de Macau. Com a colaboração de investigadores de Macau, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto de Geoquímica de Guangzhou da Academia de Ciências Chinesa, a investigação deve estender-se por três anos e tem como objectivo inicial actualizar a Carta Geológica de Macau e publicá-la em formato digital em três línguas – chinês, português e inglês.

IPOR ASSINA ACORDO COM HAINÃO

O Instituto Português do Oriente (IPOR) assinou em Fevereiro um acordo com a Associação Económica e Cultural de Hainão em Macau para promover o ensino do português e para a formação e intercâmbio de professores naquela província. O protocolo pretende também promover a produção de material didáctico, estabelecer mecanismos de cooperação para o ensino e profissionalizar o ensino da língua portuguesa.



NÚMEROS

636.200

ESTIMATIVA
DA POPULAÇÃO
NO FINAL DE 2014 (+4,7%)

170.346

TRABALHADORES
NÃO RESIDENTES
EM 2014 (+24%)



Macau recebe primeiro parque de jogos interactivos ao vivo do mundo

O complexo turístico Sands Cotai Central vai albergar a partir do Verão o primeiro parque temático a nível mundial com jogos interactivos ao vivo centrados no jogador. Os visitantes poderão dar corpo a personagens fictícias e salvar reinos de diversas criaturas mágicas, em aventuras delineadas pelos próprios. O espaço, de 9400 metros quadrados, funcionará no terceiro piso do *resort*, depois de oito anos em desenvolvimento.

Genealogia das famílias macaenses em nova fase

O genealogista Jorge Forjaz, que em Outubro de 1996 lançou a primeira edição de *Famílias Macaenses*, está a refazer a obra, um trabalho que espera contribuir para a preservação da memória de uma comunidade em risco de desaparecer. A revisão permitirá, por exemplo, acrescentar toda uma nova geração de macaenses que não existiam à época do primeiro lançamento, mas também corrigir imprecisões que foram sendo detectadas ao longo das duas últimas décadas. A primeira versão da obra de Forjaz está dividida em três volumes, que em 3300 páginas descrevem cerca de 450 famílias de Macau identificadas.



MACAU CONQUISTA O 9.º LUGAR ENTRE AS ECONOMIAS MAIS LIVRES DA ÁSIA-PACÍFICO

Macau ocupa o 9.º lugar no *ranking* das economias mais livres da Ásia-Pacífico, caindo dois lugares em relação a 2014, de acordo com o relatório para 2015 da *Heritage Foundation*. Assim, entre as 42 economias da região, a RAEM fica atrás de Hong Kong, Singapura, Austrália, Nova Zelândia, Taiwan, Japão, Coreia do Sul e Malásia. Em termos mundiais, Macau ocupa o 34.º lugar, num total de 178 sistemas económicos, revelando também uma descida de posição em relação a 2014, quando ocupava o 29.º lugar.

Portugal divulga inovações tecnológicas

Cerca de 100 empresas portuguesas rumaram a Macau em Março para exibirem as suas mais recentes invenções no 'Pavilhão do Futuro'. No espaço montado na Praça da Amizade, no centro da cidade, estiveram à disposição dos visitantes tecnologias como uma câmara de filmar que pode ser utilizada até dez metros de profundidade na água, montras de loja interactivas ou sistemas de detecção de melanomas. A iniciativa, promovida pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), pautou-se sobretudo por divulgar o que tem sido criado em Portugal.



MOP 99.795

PREÇO MÉDIO
DO METRO QUADRADO
EM 2014 (+22%)

MOP 1959

DESPESA PER CAPITA
DOS VISITANTES EM MACAU
EM 2014 (-3,5%)

MOP 20.680

SALÁRIO MÉDIO DOS
TRABALHADORES NO SECTOR
DO JOGO EM 2014 (+8,2%)

Cervejaria tradicional portuguesa chega à Taipa

A cervejaria portuguesa Portugal já tem tudo a postos para entrar em funcionamento na Rua dos Mercadores, numa típica casa portuguesa na Taipa, trazendo à RAEM mais uma opção de gastronomia portuguesa, incluindo o tradicional bife à Portuguesa e as cervejas artesanais. A internacionalização da marca, com arranque em Macau, acontece numa altura em que a Portugal completa o seu 90.º aniversário.



Macao Ideas inaugurado em Lisboa

O centro de exposição de produtos de Macau, “Macao Ideas”, foi estabelecido pelo IPIM na RAEM em 2012 e conta com 1800 produtos em exibição de 110 parceiros e empresas. Desde Março, passa também a ter um espaço na Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa. A mostra permanente serve para apresentar em Portugal produtos fabricados ou concebidos em Macau ou nos países de língua portuguesa.

Nova delegada moçambicana inicia funções no Fórum

Moçambique tem desde Fevereiro uma nova delegada junto do Secretariado Permanente do Fórum Macau. Francisca António Torcida Reino iniciou funções, substituindo no cargo Esmeralda Matias Patrício. A nova delegada de ingressou no Ministério da Indústria e Comércio de Moçambique em 1996, na Direcção de Relações Internacionais. Em 2011, foi nomeada chefe do departamento de Cooperação Bilateral e Fóruns Internacionais, na Direcção de Relações Internacionais do Ministério da Indústria e Comércio de Moçambique.



Obras do metro na Taipa quase concluídas

Cerca de 80 por cento das obras de infra-estruturas para o traçado do metro na Taipa ficaram concluídas em Março. No segundo semestre, o Governo pretende iniciar a montagem dos carris para ter o troço a funcionar no próximo ano. O percurso na península ainda está por decidir.



ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



ONDE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

CENTRO DE PROMOÇÃO E INFORMAÇÃO
TURÍSTICA DE MACAU EM PORTUGAL
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, 115 – R/C
1069-204 Lisboa
Tel.: (+351) 217 936 542

DELEGAÇÃO ECONÓMICA
E COMERCIAL DE MACAU
Av. 5 de Outubro, 115 – 4.º andar
1069-204 Lisboa

FUNDAÇÃO ORIENTE
Centro de Doc. António Alçada Baptista
Avenida Brasília, Doca de Alcântara (Norte)
1350-352 Lisboa

FUNDAÇÃO CASA DE MACAU
Praça do Príncipe Real, n.º25 - 1.º
1250-184 Lisboa

CASA DE MACAU EM PORTUGAL
Av. Almirante Gago Coutinho, n.º142
1700-033 Lisboa

CHINA

EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM XANGAI
16-C, Cristal Century Tower
567, Weihai Road
200 041 Shanghai

EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM PEQUIM
8, Dong Wu Jie - San Li Tu
Chaoyang District
Beijing 100600

BRASIL

CASA DE MACAU DE S. PAULO
Rua Mário Martins de Almeida 234,
Jd. Santa Helena
04772-135
São Paulo, SP

BÉLGICA
MACAO ECONOMIC AND TRADE
OFFICE TO THE EU
Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles

MACAU

LIVRARIA PORTUGUESA
Rua de S. Domingos, 18-22
Tel.: (+853) 2855 6442

LIVRARIA SÃO PAULO
Travessa do Bispo, 11
Tel.: (+853) 2832 3957

PLAZA CULTURAL
Av. Conselheiro Ferreira
de Almeida, 32

CAFÉ CARAVELA
Pátio do Comandante
Mata e Oliveira, 29

PIZZA & COMPANHIA
Av. Ouvidor Arriaga, 79

JADE GARDEN
MAGAZINES STALL
Av. Da Praia Grande, S/N

SE DESEJA FAZER UMA ASSINATURA ANUAL
DA REVISTA MACAU, PREENCHA O CUPÃO E
ENVIE-O POR CORREIO, FAX OU E-MAIL PARA:

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E
Ed. First International
14.º andar – 1404
Macau

contacto@revistamacau.com
Tel.: (+853) 2832 3660
Fax: (+853) 2832 3601

Nome: _____

Morada: _____

Telefone: _____ E-mail: _____



PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

Angola	AOA 3.390,00	Moçambique	MZM 1.075,00
Brasil	BRL 78,00	Portugal	EUR 25,00
Cabo Verde	CVE 2.4760,00	S. Tomé e Príncipe	STD 607.000,00
Guiné-Bissau	XOF 16.400	Timor-Leste	USD 35,00
Macau	MOP 200	Resto do mundo	USD 40,00

* Sem portes de correio



LINHAS DE ACÇÃO GOVERNATIVA PARA 2015

Sob o alicerce da diversificação

Face ao ajustamento do sector do jogo e consequente abrandamento da economia, a almejada meta da diversificação é perspectivada como “alicerce” para um desenvolvimento estável de Macau nas recém-apresentadas Linhas de Acção Governativa (LAG)

T DIANA DO MAR

PERANTE RECEIOS sobre o abrandamento da economia de Macau – devido à entrada do sector do jogo em “fase de ajustamento” –, as LAG para 2015 perspectivam a diversificação do tecido económico como um “alicerce fundamental” para um “desenvolvimento estável”. Embora a meta não seja recente, o Chefe do Executivo, Chui Sai On, encara a actual conjuntura como uma janela de oportunidade.

“O recente abrandamento do ritmo do crescimento do processo da diversificação adequada (...) que constitui o alicerce fundamental para o desenvolvimento estável da nossa economia”, afirmou na Assembleia Legislativa, destacando o crescente contributo de outros ramos – como comércio, hotelaria, restauração, actividades financeiras e construção civil – cujas receitas representaram, em 2014, mais de metade do valor angariado pe-



los casinos. Embora reconhecendo “dificuldades e desafios”, Chui Sai On garantiu que se mantém inalterada a tendência de crescimento. “Iremos continuar alerta, otimistas e prudentes”, enfatizou.

Considerando “satisfatórios” os resultados obtidos desde a criação do regime de reserva financeira – cujo montante global ascende a 342.131 milhões de patacas –, Chui Sai On anunciou a intenção de estudar a aplicação de determinada percentagem da actual reserva financeira na criação do Fundo para o Desenvolvimento do Investimento da RAEM, “por forma a dinamizar a aplicação dos recursos e aumentar a sua rentabilidade, em benefício da qualidade de vida da população”, e de “um mecanismo eficiente de longo prazo para a distribuição dos saldos financeiros positivos”.

Sob o signo da diversificação económica, o caderno de encargos prescreve a definição de um plano quinquenal para transformar Macau num centro mundial de turismo e lazer e de um sistema de indicadores estatísticos sobre as indústrias emergentes, além de um mecanismo para que seja dada

TENDO EM VISTA
A DIVERSIFICAÇÃO
ECONÓMICA, O
EXECUTIVO VAI
ELABORAR UM PLANO
QUINQUENAL PARA
TRANSFORMAR
MACAU NUM CENTRO
MUNDIAL DE TURISMO
E LAZER

preferência a produtos *made in Macau* nas aquisições públicas. O Governo pondera também instituir um regime de prémio para as indústrias culturais e, em linha com as LAG para 2014 que tinha os “talentos” como protagonistas, avançar com o primeiro programa para a sua respectiva formação e criar centros incubadores para apoiar jovens empreendedores.

Também definidas como prioridades figuram as áreas da habitação, transportes e protecção ambiental. Além da reserva de terrenos para a habitação pública nos novos aterros e de parcelas a recuperar em breve, o Chefe do Executivo deu conta de revisões às leis de habitação económica e social, aventando a introdução de novos tipos de habitação pública.

Ficou a promessa de medidas “para fazer face ao atraso das obras do metro”, de au-

GCS



mento de licenças especiais de exploração do serviço de táxis e de optimização do modelo de funcionamento de autocarros. Em paralelo, além da consulta pública sobre a definição de um regime de avaliação de impacto ambiental, vai ser lançado um estudo sobre o uso de veículos eléctricos e promovida a utilização de via-

turas ‘amigas do ambiente’, a somar à revisão de diplomas legais para eliminar veículos altamente poluentes.

Para “elevar o nível da governação”, Chui Sai On revelou que um grupo interdepartamental vai ser incumbido de estudar e realizar uma consulta sobre a criação de um órgão municipal não político –

prevendo-se resultados para 2017. Além disso, os organismos consultivos vão ser sujeitos a uma reestruturação: os mandatos devem ter dois a três anos, cada membro pode acumular funções em apenas três núcleos e também por um período não superior a seis anos.

As LAG contemplam ainda, como tem vindo a ser tradição, um amplo pacote de apoios sociais, a maioria dos quais anunciados em Novembro, aquando do Orçamento para 2015. Chui Sai On reservou, ainda assim, para a sua ida ao hemisfério este mês, o anúncio de uma série de actualizações de subsídios, nomeadamente do índice mínimo de subsistência e da pensão de velhice e dos apoios na aquisição de materiais escolares, além do alargamento de isenções fiscais para aliviar os encargos em especial das pequenas e médias empresas. ■

GCS



PRIORIDADES SECTOR A SECTOR

ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA

- Desenvolver acções de estudo sobre a criação de um órgão municipal sem poder político
- Rever integralmente o regime de recrutamento centralizado e Regime das Carreiras dos Trabalhadores dos Serviços Público
- Regular a duração do mandato e a acumulação de funções dos membros de organismos consultivos
- Aperfeiçoar o regime de avaliação do desempenho dos dirigentes
- Rever a execução do Regime Jurídico do contrato de empreitadas de obras públicas
- Promover, de forma gradual, o desenvolvimento do sistema político, reforçando a competitividade das eleições indirectas e melhorando a justeza das eleições

ECONOMIA E FINANÇAS

- Criar o Fundo para o Desenvolvimento do Investimento da RAEM
- Estabelecer um mecanismo eficiente de longo prazo para a distribuição dos saldos financeiros positivos
- Criar um mecanismo de dotação em que o montante afectado ao Fundo de Segurança Social está indexado ao valor dos saldos financeiros positivos
- Lançar trabalhos de revisão intercalar do sector do jogo, procurando intervir apenas no ritmo e não na sua dinâmica, no sentido de desenvolver de forma estável o curso do seu ajustamento
- Implementar medidas relativas à preferência, nas aquisições públicas, por produtos criados e fabricados em Macau, incentivando as operadoras de jogo a dar-lhes primazia
- Criar o sistema de indicadores estatísticos das indústrias emergentes

SEGURANÇA

- Ampliar recursos aos meios tecnológicos, promover a formação técnica do pessoal, intensificar a capacidade de combate à criminalidade

- Optimizar equipamentos fronteiriços e adoptar medidas para aumentar a celeridade da passagem
- Reforçar gestão interna da polícia
- Promover cooperação policial a nível regional e internacional

ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

- Criar comissão para a construção do Centro Mundial de Turismo e Lazer e elaborar um plano quinquenal
- Lançar primeiro programa para a formação de talentos
- Criar centros incubadores para apoiar jovens empreendedores
- Concluir a elaboração do programa de desenvolvimento do serviço de apoio a idosos nos próximos dez anos
- Iniciar a terceira avaliação da condição física da população
- Resolver o problema da insuficiência de vagas em creches
- Concluir a criação do regime de segurança social de dois níveis

TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS

- Impulsionar as obras de aterro e disponibilizar 28 mil fracções de habitação pública na zona A e promover planeamento referente às zonas B, C, D e E
- Efectuar estudo relativo à introdução de novos tipos de habitação pública e rever actuais regimes de habitação económica e social
- Iniciar estudo sobre uso de veículos eléctricos
- Rever legislação relativa à emissão de gases de escape dos veículos em circulação, tomar medidas para eliminação dos altamente poluidores e dar incentivos a autocarros movidos a gás natural
- Regular o número e itinerários dos autocarros aos serviços das empresas concessionárias de jogo
- Desenvolver estudos relativos à quarta ligação Macau-Taipa e trabalhos preparatórios relativamente à construção de novo acesso entre Guangdong e Macau

REUNIÕES APN E CCPPC

Macau visto do Grande Palácio do Povo

O desenvolvimento de Macau foi tema incontornável nas reuniões magnas no Grande Palácio do Povo, em Pequim, na primeira quinzena de Março. Deputados e delegados participaram em intensas sessões diárias nas quais se falou de competitividade, mas também de diversificação económica, aliada a uma maior cooperação regional

T FÁTIMA VALENTE

O RELATÓRIO do Governo central entregue pelo primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, na Terceira Sessão da 12.^a Assembleia Popular Nacional (APN), principal órgão legislativo da China, reiterou o apoio aos Governos de Macau e Hong Kong “na governação de acordo com a lei, crescimento da economia, melhoria da qualidade de vida, avanço na democracia e promoção da harmonia social». Esse mesmo relatório foi analisado pelos 29 delegados de Macau à Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC), afirmou Leonel Alves à MACAU.

“O Governo Central continua a dar todo o apoio para o desenvolvimento estável das duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong”, sublinhou o delegado de Macau à CCPPC. Já numa análise em particular sobre Macau, em comparação com o texto do ano passado, o advogado notou a “omissão” de uma “referência expressa quanto à interacção da Ilha da Montanha com o desenvolvimento económico” da região. Leonel Alves arrisca uma interpretação: “Provavelmente isto tem a ver com o anúncio do presidente, Xi Jinping, durante a visita em Dezembro, de que Macau irá ter área administrativa marítima, e portanto tal irá abrir um novo capítulo no desenvolvimento de Macau ao nível da possibilidade de ter águas marítimas e eventuais novos aterros”.

A interacção com a Ilha da Montanha foi, no entanto, objecto de análise pelos delegados de Macau à CCPPC: “A conclusão é a de que a Ilha da Montanha tem uma jurisdição própria e, portanto, a legislação aplicável em todos os aspectos é sempre a de Zhuhai. Apesar da sua proximidade física a Macau há uma diferença abissal, quer a nível de legislação, quer a nível fiscal, quer administrativo”.

A necessidade de “espaço físico foi outro tema bastante discutido”, apontou Leonel Alves, sublinhando que, após o desenvolvimento dos últimos 15 anos, “Macau está exausta” e precisa de fazer face a problemas como o trânsito e o aumento demográfico, além dos visitantes e trabalhadores do exterior. “Macau precisa, de facto, de mais aterros”, comentou.

Cooperação regional

Um dia depois do apoio reiterado à região no relatório do Governo Central foi a vez de o presidente do Comité Permanente da APN, Zhang Dejiang, reunir com os 12 membros de Macau, e defender a diversificação económica, aliada a uma maior cooperação regional. “É um tema recorrente: como é que se diversifica? Como é

GCS





que Macau irá desenvolver-se em 2020/2030?”, questionou Leonel Alves, argumentando que “ninguém gosta da dependência única e exclusiva da indústria do jogo”.

Na opinião do delegado à CCPPC, Macau pode evoluir como centro financeiro pelo menos para abranger as trocas comerciais ou para pagamentos comerciais da China com os países de expressão portuguesa. “É um tema que pode ser desenvolvido: Macau, como porta de entrada para a China, pode ser guia para os investidores lusófonos. A China é um ‘grande edifício’, a entrada não é fácil (...) e Macau pode servir de plataforma para guiar os empresários e os profissionais que queiram desenvolver a sua actividade na China”, salientou.

Outro ponto em foco nas reuniões em Pequim foi o ‘Estado de Direito’, “um tema forte no interior da China”, descreveu. “Tivemos um projecto que fala exactamente na governação de acordo com a lei, e também temos vindo a discutir o modo de funcionamento interno do grupo de Macau na CCPPC para ver, ao longo do ano, em que área podemos dedicar a nossa atenção na cooperação com o interior da China”, adiantou.

Optimismo no futuro

O Chefe do Executivo de Macau deslocou-se a Pequim com uma queda das receitas do jogo, que se tem prolongado desde 2014, ainda fresca e com o debate instalado sobre o eventual limite de visitantes. Chui Sai On disse estar “optimis-

ta” em relação ao “desenvolvimento saudável e estável” da indústria do jogo, e que “nos tempos de abundância do desenvolvimento do sector, o Governo foi-se preparando para a crise, através do aumento da reserva financeira”.

Na capital chinesa, Chui Sai On encontrou-se com o presidente do Banco Popular da China, Zhou Xiaochuan, com quem abordou a “segurança e estabilidade do sistema financeiro de Macau e o aperfeiçoamento do regime de reserva financeira, e o desenvolvimento das operações financeiras”. Noutro encontro, abordou a optimização da política de vistos individuais com o director da Administração Nacional do Turismo, Li Jinzao, com a tónica na necessidade de acautelar “a qualidade de vida dos residentes, independentemente de Macau ser um destino turístico onde os visitantes se sentem em casa”. A melhoria da política de vistos individuais para os residentes do interior da China estará já a ser estudada, segundo informação divulgada ao nível do Conselho de Estado.

De acordo com Leonel Alves, os delegados de Macau à CCPPC não abordaram a questão das receitas do jogo nem a limitação do número de turistas: “Ninguém abordou esta questão. Pelo contrário: entendemos que se deve incentivar a criação de mais e melhores estruturas em Macau para acolher turistas de todas as proveniências, não só da China. Em Hong Kong o assunto ganhou outra tonalidade, mas entre os membros de Macau nem sequer foi falado”. ■

GRANDES EMPRESAS

CAA, PLANEAMENTO
E ENGENHARIA,
CONSULTORES LDA.

O homem e a cidade

T NUNO G. PEREIRA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Em 1990, Chui Sai Peng estava nos EUA a erguer plataformas petrolíferas *offshore*, quando o pai lhe pediu para voltar. Veio, fundou a sua empresa e teve como primeiro projecto uma bomba de gasolina. Dez anos depois já fazia planeamento urbano, produzindo um estudo de referência para definir a Macau do século XXI. Hoje continua de olhos na cidade, mantendo o seu negócio preferido: construir o futuro



NA ANÁLISE da CAA, Planeamento e Engenharia, Consultores Lda., desdobrar a sigla explica logo o essencial: “Chui And Associates”, ou seja, “Chui e associados” numa tradução do inglês quase desnecessária. O nome é de Chui Sai Peng, presidente da companhia, seu fundador e força-motriz de um projecto empresarial com 25 anos de intervenção na paisagem urbana de Macau. Uma história que só aconteceu porque, na boa tradição chinesa, o filho honrou o pedido de um pai com idade avançada.

Antes disso, tudo indicava que Chui Sai Peng iria ficar pelos Estados Unidos. Afinal, as partes mais difíceis estavam ultrapassadas: adaptação à cultura e à língua, estudos concluídos, vida profissional de vento em popa. A família, porém, foi mais importante. “Fiz o liceu, a licenciatura e o mestrado nos EUA, onde depois trabalhei como engenheiro civil durante vários anos. Um dia, o meu pai, que já tinha 70 e muitos anos, pediu-me para regressar a Macau. E eu voltei. Quis estar perto dele nessa fase, achei que era o mínimo que podia fazer. Dos três filhos (tenho uma irmã e um irmão mais novo), eu era o único na altura que lhe podia dar esse apoio de imediato. Mas não vim para tomar conta da empresa de construção dele – até porque havia outros parentes que trabalhavam lá e podiam fazê-lo –, por isso fundei a

HOJE A CAA TEM 45 COLABORADORES NOS QUADROS, UMA CARTEIRA DE CLIENTES BEM RECHEADA, TANTO NO SECTOR PÚBLICO COMO NO PRIVADO, E UMA DIMENSÃO MULTIDISCIPLINAR

minha própria companhia. O meu sentimento era fazer o que o meu pai precisasse, mas sendo independente. Continuar o trabalho que exercia nos EUA pareceu-me o mais lógico, por isso fundei a CAA, começando com apenas três pessoas, em 1990.”

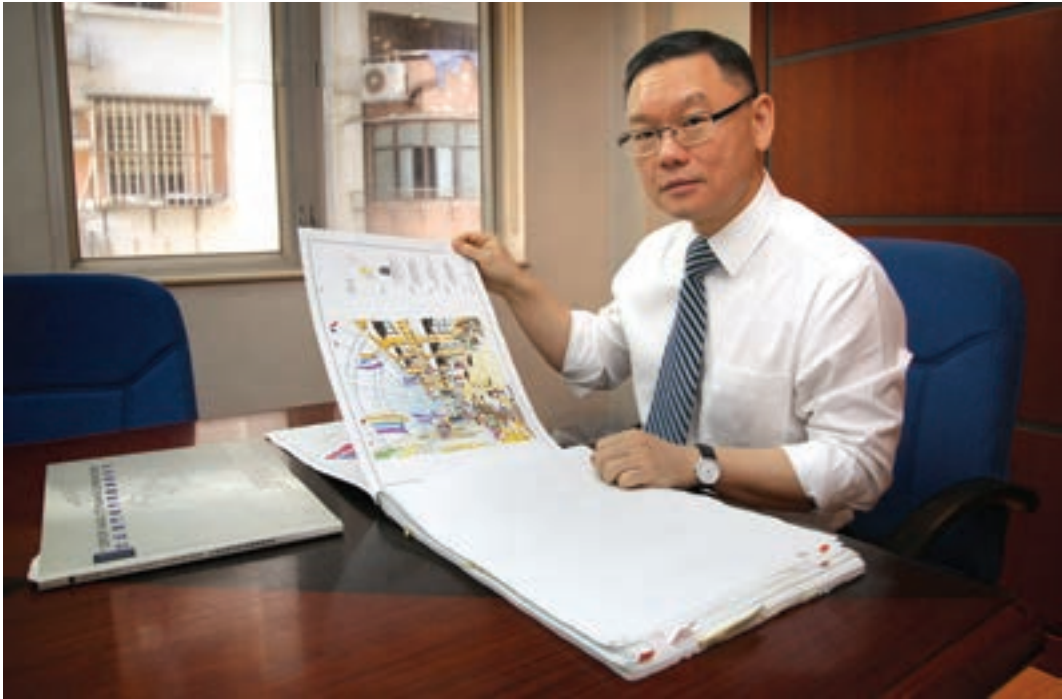
Hoje a CAA tem 45 colaboradores nos quadros, uma carteira de clientes bem recheada, tanto no sector público como no privado, e uma dimensão multidisciplinar. No início, a empresa dedicou-se em exclusivo à consultoria de engenharia (só mais tarde é que a palavra “planeamento” entraria no nome). O crescimento dos negócios, sólido e bem sustentado, seria constante.

O primeiro cliente foi modesto, em particular tendo em conta a experiência prévia de Chui Sai Peng nos EUA. Nem por isso hou-

DUPLO MEDALHADO

Chui Sai Peng possui licença de engenheiro civil em Macau e na Califórnia, onde pode ainda exercer actividade como engenheiro de estruturas. Foi também nos EUA que completou os estudos (liceu, licenciatura e mestrado). Tem ainda um doutoramento em planeamento urbano obtido na Universidade de Tsinghua (Pequim). Entre os vários cargos que ocupa, além de presidente da CAA, destacam-se deputado da Assembleia Legislativa da RAEM e deputado da RAEM à 12.ª Assembleia Popular Nacional. Em 2008, criou o Instituto de Planeamento Urbano de Macau, do qual é presidente. Em reconhecimento pelo seu trabalho, recebeu a medalha de mérito profissional do Governo de Macau (administração portuguesa, em 1999) e do Governo da RAEM (administração chinesa, em 2004).





ve falta de entusiasmo para agarrar o projecto. “Foi a bomba de gasolina aqui ao lado do nosso escritório, em colaboração com o arquitecto Bruno Soares. O cliente veio ter comigo porque sabia que eu tinha experiência com construção de estruturas de aço, o que era raro em Macau na altura. Aliás, ainda hoje não é comum. Era a minha vantagem, tinha feito muita construção desse género nos EUA, incluindo plataformas petrolíferas *offshore*.” Uma diminuição de escala radical. Foi difícil? “O tamanho da obra era muito diferente, mas também era construção em aço (risos). O importante é que foi um bom trabalho, essencial para arrancarmos. A seguir conseguimos vários projectos e estabelecemo-nos no mercado. Alguns anos depois, comecei a achar que

Macau, mais do que engenharia civil, tinha necessidade de planeamento urbano. Como é que a cidade iria mudar era algo muito importante para o seu futuro. Por isso, em 1997 voltei para a escola – tirei um doutoramento em Planeamento Urbano, conciliando os estudos com o trabalho.”

Tenho um plano

O tema escolhido para a tese não surpreendeu. “Naturalmente, foi sobre o desenvolvimento sustentado de Macau.” Após ter o estudo nas mãos, Chui Sai Peng foi mostrá-lo ao então Governador, o general Rocha Vieira, falando-lhe sobre as suas ideias para o futuro da cidade, de como o planeamento urbano poderia beneficiar a população. “Fiquei muito feliz

“À NOSSA ESTRATÉGIA TEM SIDO SEMPRE A MESMA: IR AO ENCONTRO DAS NECESSIDADES DOS CLIENTES DA FORMA MAIS ABRANGENTE POSSÍVEL, SENDO ATENTO, INOVADOR, FIÁVEL E PROFISSIONAL. É ISTO QUE TENTAMOS TODOS OS DIAS. NÃO TEMOS PRECONCEITOS EM RELAÇÃO AOS PROJECTOS, TANTO PODEM SER GRANDES COMO PEQUENOS”



Escola Luso-Chinesa da Taipa (2006-2007)



Bloco H da Escola Secundária Pui Ching (2008-2009)



Blocos B e E da Escola Secundária Pui Ching (2003-2005)



Universidade de Macau – East Asia College (2004-2006)

PAIXÃO PELA EDUCAÇÃO

“Temos plena consciência que a China quer que mais pessoas tenham acesso à educação. Apostámos nesta área há já algum tempo e criar instituições de ensino é um dos pontos fortes da CAA. Começámos com a Escola Secundária Pui Ching, o primeiro projecto em Macau que ousou fazer um estabelecimento de ensino tão alto. Só pode haver salas de aula abaixo do quinto andar, mas o espaço em Macau é uma preocupação para todos, não se pode desperdiçá-lo porque a lei é incapaz de acompanhar o desenvolvimento. Respeitando o quadro legal, garantimos espaço extra para prática de desporto, salas de professores, funções religiosas, administração, tudo. E por causa deste projecto marcante, o departamento de educação do governo de Macau começou a indicar a nossa empresa a outros estabelecimentos de ensino.”

por ele apoiar o projecto e querer uma versão mais elaborada. A partir daí, as coisas evoluíram depressa para a minha empresa. Percebi que vinha aí um mundo diferente. Expandimo-nos para trabalhos de arquitectura e planeamento urbano. Por causa disso, precisámos de um nome que nos descrevesse melhor. Escolhi CAA, Planeamento e Engenharia, Consultores Lda., a denominação que permanece até hoje. E o nosso primeiro projecto foi o *21st Century Macau City Planning Guideline Study*, o estudo de planeamento urbano mostrando a nossa visão para Macau no século XXI, aquilo que a cidade deveria tornar-se nos próximos 20 anos.”

O estudo foi feito para a Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, em 1999. “Tratou-se de um grande desafio, porque só tivemos um ano para trabalhar. Devido à data da transição, o prazo de entrega não podia ser adiado. Em Dezembro desse ano, apresentámos o estudo ao público, que o recebeu muito bem, o que nos deixou bastante orgulhosos.”

Encomendado no fim da vigência da administração portuguesa, teria de ser a nova liderança chinesa a concretizar as recomendações do estudo. Como decorreu esse processo? “Se olharmos agora para o mapa de Macau, há partes que se parecem com o que nós sugerimos, pelo que estamos muito felizes. Não pos-

so dizer que se trata do nosso plano, mas algumas propostas foram aceites.”

Quando o plano foi feito ninguém antevia o enorme crescimento da cidade, resultante da entrada das novas operadoras de jogo. Ainda assim, havia recomendações distintas. “Não fazíamos qualquer ideia da explosão de desenvolvimento que aí vinha, mas apresentámos três cenários, com previsões de diferentes escalas. Aliás, apesar de ter sido feito em 1999, o plano mantém-se actual e relevante. Dou alguns exemplos de recomendações apontadas: resolver a falta de terra (espaço geográfico), investir na educação, importar talentos qualificados, criar uma vida cultural rica.”

O plano, como se percebe, propôs uma visão completa de cidade, do crescimento e ordenamento geográfico, dos espaços verdes e zonas desportivas às exigências demográficas, educativas e culturais. “O planeamento urbano é um estudo sistemático, uma ciência formal, mas também é uma manifestação artística, porque a maneira como o configuramos não é uma fórmula de dizer sim e não, 1+1 nem sempre é igual a 2. Sublinho também que o planeamento urbano é uma política de governo, os planos têm sempre de ser aprovados por um governo.”

Ao concretizar um projecto tão ambicioso, a CAA também sofreu uma grande mudança. “Foi crucial para pôr a nossa empresa numa perspectiva diferente, muito mais virada para o cidadão. Com os projectos de planeamento urbano, passámos a ter um olhar mais

abrangente – já não se tratava só de servir um cliente, mas perceber como é que a vida da população pode beneficiar se tomarmos determinadas opções.”

Sobreviventes de luxo

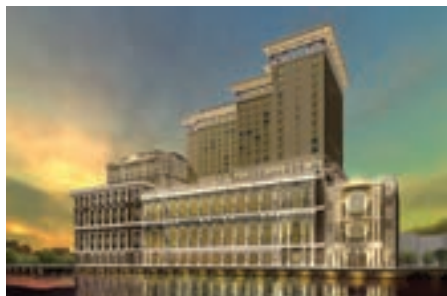
A CAA executa bastante trabalho para o Governo de Macau, mas, segundo Chui Sai Peng, o sector privado ocupa igual importância, incluindo clientes de grande envergadura ligados ao jogo e à hotelaria, como SJM, Galaxy e Melco Crown. Recentemente, outro aspecto trouxe renovado optimismo às operações da CAA. “O presente é muito encorajador, porque, desde Março de 2014, entrou em vigor a legislação de planeamento urbano que nos

TRANSFORMAÇÃO DA PRAÇA DO TAP SEAC

“A renovação da zona do Tap Seac é um projecto histórico, cuja influência se mantém. Fizemos um estudo para perceber qual seria o melhor sítio em Macau para estabelecer o distrito das indústrias culturais. Após uma análise exaustiva, propusemos a nossa visão para a mudança do Tap Seac. O projecto realizado não seguiu ao pormenor a nossa proposta (1990), mas ficámos muito satisfeitos com o que foi feito (2005-2007).” O projecto da Praça do Tap Seac é da autoria dos arquitectos Carlos Marreiros e José Maneiras.



QUATRO COLABORAÇÕES EMBLEMÁTICAS



Resort Ponte 16 (2005-2008)



Grand Hotel Lisboa (2005-2011)



Lote 12, Zona A do Lago de Sai Van (2004-2010)



Torre 5 (hotel) do resort City of Dreams (2013-2017)

trouxe grandes oportunidades de participar no processo de ajuda ao Governo nesta área.”

Quanto à estratégia para o futuro, é revelada sem sombra de secretismo, pois apresenta-se como um conjunto de linhas de conduta. “A nossa estratégia tem sido sempre a mesma: ir ao encontro das necessidades dos clientes da forma mais abrangente possível, sendo atento, inovador, fiável e profissional. É isto que tentamos todos os dias. Não temos preconceitos em relação aos projectos, tanto podem ser grandes como pequenos. O nosso critério é serem interessantes, para que possamos agarrá-los com paixão. A oportunidade de fazer projectos na área da educação está no meu coração. E criar uma cidade melhor também está no meu coração.”

Chui Sai Peng, que também é deputado, além de ocupar vários outros cargos cívicos e associativos, fala com um forte sentimento de responsabilidade social, sem distinguir Macau dos seus habitantes. Frisa que a evolução das duas partes está intimamente ligada. “Um bom cidadão faz uma boa cidade, um cidadão melhor faz uma cidade melhor e um óptimo cidadão faz uma óptima cidade. Como profissional, tento ajudar neste processo. Não posso dizer que o progresso de Macau se deve à nossa empresa, mas somos parte dessa evolução. Promovemos esse caminho, indo ao encontro das necessidades da população.”

Sobre os obstáculos enfrentados pela CAA, a resposta aponta apenas para um lado, a queixa

QUATRO PROJECTOS DE UTILIDADE PÚBLICA



Requalificação da freguesia de São Lázaro (2002-2003)



Melhoramento da Rotunda de Carlos da Maia (2007-2008)



Corredor da Fortaleza do Monte (2004)



Complexo de Serviço Social para Jovens da Taipa (2006-2007)

comum a tantas empresas locais. “É um desafio manter as pessoas a trabalhar connosco, porque os recursos humanos são uma das maiores limitações. Planeamento urbano, engenharia, arquitectura... são processos lentos de formação, entre

cinco e dez anos para criar um bom profissional. Infelizmente, são poucos os que estão dispostos a permanecer muito tempo na empresa. Isto faz com que a formação seja constante, um processo repetitivo que temos de fazer, bastante frustrante por sabermos que essas pessoas irão sair antes do período mínimo desejável. A maioria vai para a Administração Pública, por isso o Governo acaba por ser o nosso grande competidor pela mão-de-obra. Devia pagar um valor pela transferência, tal como acontece no futebol...”

O presidente da CAA não quis revelar os valores de facturação e lucro da sua companhia. A pergunta genérica também teve pouca sorte: pode-se dizer que a CAA é uma empresa bastante lucrativa? “Vamos sobrevivendo (risos).” ■

CHUI SAI PENG FALA COM UM FORTE SENTIMENTO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL, SEM DISTINGUIR MACAU DOS SEUS HABITANTES

**PME**

MA.RE

Um pedaço de Veneza em Macau

São peças de artistas de diferentes origens feitas em vidro de Murano. Encontram-se já à venda no território numa galeria do NAPE e a partir de Maio estarão numa loja

T LUCIANA LEITÃO
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

DERRETIDO NUM forno a mais de 1000 graus centígrados, o vidro é depois recortado enquanto quente, assumindo a forma que o artista quiser. Posteriormente, dá-se-lhe as cores pretendidas, feitas sobretudo de areia, silício e mais alguns ingredientes secretos.

Quem entra na loja de roupa IF, na Rua Cidade de Braga, no NAPE, não imagina o que vai encontrar. São peças monumentais desenhadas e produzidas por artistas oriundos de diferentes países, feitas em vidro de Murano. “Trouxe-



mos tudo de lá em vários carregamentos. Cada viagem demora, em média, 40 dias”, diz Tommaso Manzoni, diretor da Ma.Re, acrescentando: “Abrimos a galeria há seis meses e só há dois é que chegou o grande contentor.”

A primeira peça que surge aos olhos de quem visita esta recém-criada galeria é uma imagem de uma face feminina, recortada a vidro de Murano num fundo em porcelana, da autoria da artista moldava Ostapovici Svetlana.

Percorrendo o resto da galeria vêem-se, além de outros trabalhos desta artista, peças de joalharia, copos, grandes candeieiros

A FAMÍLIA MANZONI TROUXE A MARCA MA.RE PARA MACAU A PENSAR EXPANDIR O NEGÓCIO DO VIDRO DE MURANO PARA O RESTO DA REGIÃO. TODAS AS PEÇAS SÃO FABRICADAS EM ITÁLIA POR ARTISTAS ESPECIALIZADOS NA TÉCNICA

ros e esculturas monumentais. Ao território, Tommaso e a família trouxeram “peças luxuosas e limitadas”, também com o intuito de chegar aos *resorts*.

Na loja que vão abrir, no *resort* Galaxy Macau em Maio, terão à venda outro tipo de peças. “É bem mais pequena [do

que a do NAPE], só tem 30 metros quadrados. Vamos mostrar outras colecções, coisas que podemos usar todos os dias, como joalharia e copos”, diz, a título de exemplo, acrescentando: “Se alguém quiser ver outras coisas, pode vir à nossa galeria principal no NAPE.”



MA..RE
Macau
CLASSIC
EXCELLENCE
GALLERY

Desde que abriu a galeria, há seis meses, já conquistou alguns clientes, ainda que “poucos”. “Alguns vêm porque ouviram falar de Murano, mas é bem diferente em Veneza – lá recebemos clientes todos os dias.” Em Macau, tem de se concentrar mais em explicar aos potenciais clientes a tradição e os processos, sobretudo para justificar os preços dos produtos. “Normalmente, temos de mostrar um filme, em que se conta a história e só depois eles percebem e conseguem ver a qualidade do que oferecemos.”

Entre as peças que tem em exposição e à venda na galeria do NAPE, Tommaso destaca alguns nomes, como o de Alexis Silk, uma artista norte-americana que esculpe corpos de mulher em vidro. “Temos exclusividade em relação a tudo o que ela produz durante o ano.”

Alguns objectos que ali se encontram foram trazidas de Itália a pensar nos clientes chineses. “Temos algumas peças relacionadas com o mar. Trouxemo-las porque sabemos que na China são populares.” Entre os produtos que destaca encontra-se também a colecção de Venini e Saviatti, famílias antigas de Murano e que se tornaram famosas internacionalmente.

Os artistas com quem trabalha são de diferentes origens, apesar de todos terem em comum a passagem pela ilha veneziana. “Alguns não são italianos, mas todas as peças que vendemos são feitas em Murano.”

Agora em busca de novas oportunidades, Tommaso não esconde que os novos projectos do Cotai seriam ideais para o produto que veio vender no

O PROCESSO

Primeiro aquece-se o vidro num forno com temperatura a mais de 100 graus centígrados, de forma a poder esculpir-se à vontade. Recortando com uma tesoura, de forma a assumir a forma pretendida, vem depois a introdução da cor. “Usam areia e silício para fazer as cores, mas é um segredo que não passam a outros artistas”, explica Tommaso Manzoni. “Cada peça é totalmente feita à mão, desde o início até ao fim.” Normalmente, os artistas que estão a esculpir a peça são familiares, já que esta é uma tradição que passa de pai para filho. “É uma tradição, algumas técnicas e cores são de combinações de areias e os artistas não contam a ninguém como fazem.” Claro que as peças não estão imunes à humidade, ao excesso de calor e de frio e, muitas vezes, algumas perdem-se pelo caminho.



território. “Os candeeiros, por exemplo, são perfeitos para os casinos. Estamos a pensar no novo MGM, no Parisian, no novo Wynn.”

A família entra na Ásia

Tommaso Manzoni é a cara da linha Ma.Re em Macau, tendo a seu cargo a tarefa de trazer o vidro de Murano ao território e, posteriormente, ao resto da região. “Tudo começou quando vendemos umas peças a um cliente de Macau. Foi aí que surgiu a ideia de abrir um negócio aqui”, recorda. “Queremos entrar neste mercado asiático e Macau é o melhor sí-



tio para começar. Primeiro, começamos por Macau e Hong Kong, e depois, no futuro, por que não o Interior da China?”

Como muitas outras famílias tradicionais oriundas de Veneza, há já 40 anos que os Manzoni se dedicam ao negócio do vidro de Murano. “Te-

mos uma fábrica em Murano e uma loja em Veneza.”

Visitaram Macau pela primeira vez a convite de um investidor local, para conhecer o território e perceber se era viável o negócio. “Viemos algumas vezes, no ano passado e organizámos algumas ex-



posições, mas agora estamos mesmo baseados aqui.”

Em Veneza, grande parte dos locais se dedica ao mesmo tipo de negócio, mas Tommaso garante que a qualidade tem vindo a decrescer, já que é frequente ver à venda cópias de fraca qualidade. “Preferimos não seguir esta direcção, daí que fazamos poucas peças, mas de grande qualidade.”

Habituação a ver o pai a trabalhar neste negócio, Tommaso desenvolveu o gosto pelo vidro de Murano desde muito cedo. “Quando era novo, por vezes ajudava o meu pai e a minha família de-

pois da escola. Sempre estive rodeado destas peças e, mesmo em casa, já estava familiarizado com o vidro”, recorda. Mesmo assim, é apenas um vendedor das peças produzidas pelos diferentes artistas, já que não é assim tão fácil dominar esta arte. “É preciso nascer-se com talento. Sei fazer coisas pequenas, copos, tigelas. É importante saber o básico, os processos e os materiais.”

Agora a expandirem-se para Macau, pretendem manter a galeria do NAPE e abrir uma segunda loja mais pequena, no Galaxy Macau. Porém, não

faz parte dos planos instalarem nenhuma fábrica, já que a família prefere preservar a tradição livre de eventuais cópias. “É melhor manter a tradição em Murano. Mas cá poderia ter piada alguma demonstração. Aliás, estamos a trabalhar nisso, mas precisamos de tempo para trazer artistas.”

Por enquanto, vão demonstrando as suas peças em exposições no território e fora dele. Já participaram em vários eventos, incluindo a Exposição de Franquia de Macau, o Macao Gaming Show e a Exposição Internacional de Importação e Exportação de Iates. ■



ECONOMIA **M**

Na rota do investimento

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE



Como uma das mais livres e dinâmicas economias do mundo, Macau tem despertado um crescente interesse para quem procura investir. Dos requisitos, aos instrumentos de apoio, até aos planos de incentivo, fica traçada a rota para abrir ou apostar num negócio



SEM GRANDES restrições comerciais, tem uma atraente política fiscal aliada a um ambiente aberto ao investimento estrangeiro. Estrategicamente bem localizada, no cada vez mais pulsante Delta do Rio das Pérolas, faz ainda a ponte entre mundos: é “porta de entrada” para a China e “plataforma” para o universo lusófono. A funcionar há séculos como entreposto comercial, Macau apresenta-se como porto franco e território aduaneiro independente de livre circulação de mercadorias, capitais e pessoas e, por tudo isso, bastante atractiva aos olhos dos investidores. Mas por onde começar?

A primeira coisa que um potencial investidor deve fazer é “consultar um advogado”, diz, sem demora, o advogado Pedro Cortés. Porquê? “Em primeiro lugar porque poderá dar uma visão geral do ambiente de negócios em Macau” e, depois de identificado o investimento a realizar, indicar “o tipo de entidade a adoptar – constituir uma sociedade ou registar uma sucursal, por exemplo –, dando-lhe aconselhamento legal sobre as vantagens e inconvenientes de cada um dos tipos societários e respectivas implicações no plano fiscal”. Por

outro lado, considera, “o papel do advogado será também importante no que toca à melhor solução dentro do quadro legislativo para a contratação de mão-de-obra”.

As firmas de advocacia estão habituadas a tratar das burocracias relacionadas com a constituição de empresas, desde os contactos com os serviços de notariado, Conservatória do Registo Comercial, Direcção dos Serviços de Finanças e bancos, refere o advogado Carlos dos Santos Ferreira. O papel dos advogados vai até à preparação da documentação necessária para a abertura de contas: “Nós preparamos tudo, mas o cliente tem de ir ao banco para assinar a ficha de registo, porque o banco não aceita a abertura de contas por procuração”.

Os contactos com os escritórios de advogados em Macau chegam, muitas vezes, através de entidades congéneres em Portugal ou noutros países, onde os escritórios têm representações ou contactos/parcerias estabelecidos, ou directamente, por solicitação dos próprios investidores privados.

Um outro serviço disponibilizado pelos escritórios de advogados é a domiciliação de



À CONSTITUIÇÃO DE UMA EMPRESA É UM PROCESSO RÁPIDO - DECORRE NUM PRAZO MÁXIMO DE 15 DIAS - E O VALOR MÍNIMO PARA A ABERTURA É 25 MIL PATACAS. A ABERTURA DE UMA EMPRESA POR UM INVESTIDOR ESTRANGEIRO NÃO REQUER NECESSARIAMENTE UM PARCEIRO LOCAL, MAS SIM UM REPRESENTANTE EM MACAU

sociedades, algo que se afigura bastante útil quando os empresários ainda não têm um endereço em Macau. “Nesse caso, ficam sedeados e toda a correspondência oficial que lhes seja dirigida é-lhes depois reencaminhada”, informa Carlos dos Santos Ferreira.

Meio mês para abrir

A constituição de uma empresa é um processo rápido e decorre num prazo máximo de 15 dias. “Estando reunidos todos os documentos necessários, poderá estar registada na Conservatória e nas Finanças em menos de uma semana, se o pedido de registo justificar urgência”, descreve Pedro Cortés, indicando que “um processo normal pode demorar cerca de dez dias úteis”, mas que “em períodos de feriados, como sucede durante o Ano Novo Chinês, Semana Dourada ou o Natal, tem tendência a atrasar”.

Os 15 dias úteis são válidos seja para a abertura de sociedades de raiz ou de sucursais ou filiais, corrobora Carlos dos Santos Ferreira. “São os mesmos prazos para todos porque contam-se a partir do momento em que os documentos nos chegam às mãos. É na preparação que demora mais”, justifica.

Além de expedito, o processo é “relativamente fácil”, considera. Isto desde que “o objecto não careça da autorização do Governo, como é o caso dos bancos, casas de câmbio, empresas de segurança – porque andam armados –, ou casinos”.

O investidor pode optar por criar uma sociedade de raiz ou adquirir um domínio já registado na Conservatória. Segundo a experiência de Pedro Cortés, a segunda opção é pouco usual: “São muito raros os casos de *shelf companies*, isto é, de sociedades sem actividade que podem ser adquiridas imediatamente pelos potenciais investidores”. Já Carlos dos Santos Ferreira diz que “muitas vezes” os clientes preferem essa modalidade, por ser “mais simples”, uma vez que se pode ‘saltar’

por exemplo, a etapa da admissibilidade do nome da firma.

O valor mínimo para a constituição é 25 mil patacas. “Normalmente os investidores começam com esse capital social e depois aumentam-no. Também depende do que querem fazer: Se pretendem obter financiamento bancário vão começar com um capital social mais elevado porque nenhum banco gosta de lidar com uma sociedade pequena. Nesse caso, vão a uma tabela de 100 ou 200 mil patacas”, conta Carlos dos Santos Ferreira.

Um dos casos em que o processo pode ser mais complexo é quando um dos sócios já pertence a uma sociedade. Ao dar o exemplo de um potencial investimento proveniente de Portugal, o advogado explica que os investidores têm de ter uma deliberação, a qual tem de ser reconhecida por um notário no país de origem. “De Portugal para Macau as formalidades já são mais simples do que dos Estados Unidos, por exemplo, em que acresce o requisito da apostilha da Convenção de Haia [um método para verificar a autenticidade dos documentos no âmbito internacional] de que Portugal está isento”. No caso de outros países lusófonos, por exemplo, “todos têm de trazer a apostilha de Haia e os países que não sejam membros dessa convenção têm de trazer uma certificação de uma representação diplomática da República Popular da China”.

A abertura de uma empresa por um investidor estrangeiro não requer necessariamente um parceiro local. “O registo de uma sucursal ou filial é idêntico, ainda que sejam necessários mais documentos, como os estatutos da sociedade-mãe”, observa Pedro Cortés. Neste caso, tem de haver um representante local ou administrador, explica, ao frisar que “se for registada uma filial em Macau, a sociedade estrangeira deverá nomear uma pessoa singular com residência habitual ou domicílio profissional em Macau”.



GONÇALO LOBO PINHEIRO

“ O PAPEL DO ADVOGADO SERÁ TAMBÉM IMPORTANTE NO QUE TOCA À MELHOR SOLUÇÃO DENTRO DO QUADRO LEGISLATIVO PARA A CONTRATAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA ”

PEDRO CORTÉS

Carlos dos Santos Ferreira conta que a maior parte dos investidores estrangeiros que procura os serviços do seu escritório é de Portugal e dos Estados Unidos, mas também destaca, a título de exemplo, dois casos lusófonos que, através de Lisboa, constituíram uma sociedade em Macau, e outros dois empresários da China que obtiveram o “visto dourado” em Portugal. “Eles procuram muito a gestão de investimentos noutras sociedades. Por norma, constituem uma e depois compram ou investem noutras”, adianta. Já as áreas de investimento são variadas. “Há de tudo, até companhias aéreas”, exclama. “Muitas são subsidiárias, são sucursais e têm apenas um balcão no aeroporto, um sítio onde contactam com os clientes, mas o *back office* é todo aqui”, explicita Carlos dos Santos Ferreira.

No escritório de Pedro Cortés, constitui-se, em média, cinco a dez sociedades por mês. A grande parte provém “de investidores estrangeiros, com predominância em Hong Kong, Singapura, Estados Unidos e Índia”, descreve Pedro Cortés, dando conta de que tem “recebido ultimamente muitos pedidos de Portugal, Angola, Moçambique e Brasil”.

Salto para a China

Em muitos casos, a aposta não se circunscreve ao mercado de Macau e, por isso, é que a “porta de entrada para China” é um dos *slogans* que mais se ouve. É ‘chavão’ de quem dá os primeiros passos, mas também de investidores com muitos anos de tarimba que procuram tirar proveito das vantagens de Macau entrar na equação.

O triângulo (país de origem-Macau-China) normalmente desenha-se à partida. Como explica o advogado Pedro Cortés, investir em Macau para depois dar o ‘salto’ para a China é, aliás, “a intenção em muitos dos casos” que lhe chegam. “Tentamos acompanhar o processo, trabalhando em parceria com escritórios de advogados estabelecidos na China, com quem temos vindo a estabelecer bons contactos”, explica. Carlos dos Santos Ferreira segue idênticos procedimentos: “Temos escritórios na China que recomendamos e, depois, o contacto é feito directamente com eles”, diz, estimando: “Não é uma ponte fácil, deve ser uma montanha russa”.

Para quem tem um negócio em Macau afigura-se “bastante vantajoso utilizar as possibilidades conferidas pelo CEPA (Acordo de



“TEMOS ESCRITÓRIOS NA CHINA QUE RECOMENDAMOS E, DEPOIS, O CONTACTO É FEITO DIRECTAMENTE COM ELES”

CARLOS DOS SANTOS FERREIRA

Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Interior da China e Macau) e os seus suplementos”, defende Pedro Cortés, elencando desde logo, e sem prejuízo dos requisitos temporais de existência das sociedades em Macau, o facto de possibilitar a entrada no mercado da China com eliminação de barreiras alfandegárias e de outros obstáculos burocráticos”. Aliás, como define o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento (IPIM), o acordo reflecte uma “parceria semelhante ao comércio livre entre as duas zonas aduaneiras autónomas”, através da qual as mercadorias de Macau que obedeçam às regras do CEPA e subsequentes suplementos podem ser exportadas com isenção de direitos aduaneiros de Macau para a China.

Desde a entrada em vigor do acordo, em Janeiro de 2004, até Setembro deste ano, o valor

acumulado dessas exportações com ‘carimbo’ CEPA ascende a 543,4 milhões de patacas. Disponível em chinês, português e inglês, o portal do CEPA (www.cepa.gov.mo) oferece uma série de informações úteis sobre o ambiente de negócios, oportunidades e investimento lado a lado com leis e regulamentos vigentes em Macau e na China no contexto do acordo.

Plataforma sino-lusófona

E se Macau se apresenta, em geral, como “porta de entrada para a China”, publicita-se, em particular, como “plataforma de serviços para a cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa”, conforme o papel que lhe fora atribuído por Pequim e em cujo contexto nasceu, em 2003, o Fórum Macau. Pela sua própria definição, um “mecanismo de cooperação” que possibilita consulta de informa-

ções com especial enfoque no investimento e que contribui para fomentar o intercâmbio e o acesso a iniciativas como feiras, colóquios, missões e fóruns empresariais. Em 2011, o Fórum Macau deu à estampa guias de investimento em países de língua portuguesa em chinês, mas não dispõe, no entanto, de um manual em português para quem procura a China.

No apoio às empresas de países lusófonos no desiderato de penetrarem no mercado chinês também opera o IPIM que, além das actividades promocionais, presta serviços, incluindo “de consultadoria sobre negócios da China, dados e referências do mercado, encaminhamento de projectos, bolsas de contacto e apoio na procura de parcerias”. Neste capítulo, o IPIM destaca os cinco gabinetes de ligação na China (Hangzhou, Chengdu, Fuzhou, Shenyang e Jieyang), dotados de “pessoal especializado para prestar um leque variado de serviços ‘in loco’, inclusive apoio às empresas dos países lusófonos no desenvolvimento dos mercados regionais”.

“Ao longo de muitos anos, o IPIM desenvolveu acções em várias frentes no sentido de apoiar as empresas dos países lusófonos na penetração no mercado da China e do reforço da cooperação económica e comercial, enriquecendo e actualizando os seus serviços em função das evoluções do mercado”, realça o organismo, elencando nomeadamente o apoio à participação em feiras e exposições dentro e fora de Macau.

Ao Departamento de Apoio ao Investidor do

IPIM chegaram, desde 2000, aproximadamente 900 pedidos de informação solicitados por países de língua portuguesa de um universo de 18 mil, especificamente sobre a constituição de empresas, licenças, recrutamento de mão-de-obra não residente e procura de parcerias, explica o IPIM. Já desde 2003 até ao início de Setembro, o Departamento acompanhou um total de 38 projectos de investimento com capital lusófono, designadamente em sectores como o agroalimentar, saúde e higiene, hotelaria, tecnologia de informação ou indústrias culturais e criativas. No mesmo intervalo de tempo, e no âmbito das bolsas de contacto, mais de 5700 sessões envolvendo empresários lusófonos viriam a resultar na assinatura de 149 projectos (dos quais 109 com empresas de Macau).

Mesmo sem instrumentos de apoio da “porta da entrada” ou da “plataforma” um potencial investidor lusófono parte desde logo com uma vantagem: o idioma. A possibilidade de estabelecer o contacto formal com diversos departamentos governamentais e de interagir com outros agentes facilitadores – como os advogados – na língua materna, uma das duas oficiais da Região Administrativa Especial, ainda continua a ser vista como uma grande mais-valia nestas andanças.

Papelada ‘a solo’ e incentivos

Apesar da ampla oferta ao nível dos serviços de aconselhamento jurídico ou consultadoria em Macau, o investidor consegue, natural-

ETAPAS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA SOCIEDADE

1. Admissibilidade da Firma	2. Escritura da sociedade (Pacto Social) *(60 dias após a admissibilidade da firma)	3. Registo da Sociedade *(15 dias após a assinatura da escritura)	4. Declaração de início de actividade
Conservatória dos Registos Comercial e de Bens Móveis	<ul style="list-style-type: none"> • Através do notário privativo criado pelo IPIM ou • Advogado registado em Macau ou • Documento redigido pelo interessado, autenticado pelo notário privativo 	Conservatória dos Registos Comercial e de Bens Móveis	Direcção dos Serviços de Finanças

mente, tratar da ‘papelada’ sozinho (ver caixa). O IPIM também oferece, desde 2000, um serviço “One-Stop”, através do qual trata dos pedidos de informações e fornece orientações sobre os procedimentos e formalidades até à implementação dos projectos de investimento, especialmente das Pequenas e Médias Empresas (PME). O serviço tem recebido consultas de informações principalmente de empresários provenientes da China, Macau e Hong Kong.

Além de um sistema tributário simples com carga fiscal reduzida, Imposto Complementar de Rendimentos até um máximo de 12 por cento, Macau oferece uma série de incentivos do tipo fiscal (isenções) ou financeiro (bonificação de juros de créditos para financiamento empresarial). Em paralelo, há uma série de planos de apoio delineados para a actividade das PME, desde garantias de crédito até apoios financeiros para estimular as empresas a criarem portais na Internet. Ao abrigo de um outro plano, criado há um ano, os residentes permanentes com idades entre 21 e 44 anos que pretendam abrir o primeiro negócio, por exemplo, podem candidatar-se a um empréstimo, sem juros, de até 300 mil patacas a reembolsar no prazo máximo de oito anos. Aos planos de estímulo gerais soma-se um conjunto de incentivos delineados para actividades de áreas específicas, como a das exposições e convenções.

Novas empresas em alta

Com ou sem ajuda, maior ou menor apoio, os números atestam que o interesse é crescente. Só para se ter uma ideia, em 2001 foram constituídas 873 sociedades, um número que disparou em 2014 para 5409, com essas entidades a envolverem um capital social de 1,8 mil milhões de patacas. Em contrapartida, dissolveram-se 536. No final do ano passado, o universo de sociedades registadas era de 48.626, segundo dados dos Serviços de Estatística e Censos.

Das entidades formadas em 2014, mais de um terço (1854) pertencia ao sector do comércio por grosso e a retalho. Na lista seguiam-se os prestadores de serviços a empresas (1192), a construção (755), enquanto 594 caíam na esfera das actividades imobiliárias.

O capital social total ascendeu a 1,8 mil milhões de patacas. Mais de dois terços das empresas (3749) foram constituídas com um valor inferior a 50 mil patacas. Já 155 nasceram com um capital igual ou superior a um milhão de patacas. ■

MACAU EM NÚMEROS (2014)

POPULAÇÃO
636.200

TAXA DE DESEMPREGO
1,7%

POPULAÇÃO EMPREGADA
397.800

INFLAÇÃO
6,05%

MEDIANA DO RENDIMENTO MENSAL
MOP 14.000

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)
MOP 443,3 MIL MILHÕES
(-0,4% EM RELAÇÃO A 2013)

PIB PER CAPITA
MOP 713.514
(-4,9% EM RELAÇÃO A 2013)

VOLUME DE NEGÓCIOS DO COMÉRCIO A RETALHO
MOP 17.040 MIL MILHÕES
(-7,68% EM RELAÇÃO A 2013)

COMÉRCIO EXTERNO IMPORTAÇÕES
MOP 89,95 MIL MILHÕES

EXPORTAÇÕES
MOP 9,91 MIL MILHÕES

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos e Direcção dos Serviços de Economia

Experiência na primeira pessoa

A NECESSIDADE aguça o engenho, já diz o provérbio. E no caso de Raquel Fera foi o sentimento da falta de ‘pão português’ que levou ao negócio. A ideia surgiu já em Macau, para onde rumou com o marido. “O objectivo era arranjar trabalho, e não investir”, mas a demora em encontrar emprego na área de formação – Ciências da Educação – ajudou a jovem a decidir-se pela aposta num negócio próprio.

Depois de um mês em Portugal a aprender a fazer pão, voltou para Macau determinada em aplicar as poupanças, mas acabou por mudar de ideias, porque coincidiu com a altura em que foi lançado o Plano de Apoio a Jovens Em-

preendedores. “Este foi o único apoio que pedimos. Fiz tudo sozinha, não contratei nenhum advogado, nem recorri ao IPIM. Também fui directamente à Direcção dos Serviços de Economia, que é a entidade que emite o cheque”, explica Raquel, considerando que o processo foi “rápido e barato”, com todas as papeladas resolvidas por “cerca de 800 patacas”.

Ao contrário de Raquel Fera, da “Portuguese Bakery”, Pascoal Júnior e Mário Silva contaram na hora de criar a Macau IT Clinic com “ajuda” profissional, porque um dos sócios da recém-criada empresa é advogado. “Facilita imenso, pela capacidade que eles têm de interagir e de moverem, se bem que fizemos o início”, explica Pascoal Júnior, que reside há sete anos em Macau.

Ainda assim, realçou, “há imensa informação online. O website do IPIM tem muitíssima e, depois, os departamentos são muito perto uns dos outros ou estão localizados nos mesmos edifícios”. Pascoal Júnior e Mário Silva encontraram apenas um pequeno problema, rapidamente ultrapassado, por causa do nome da

GONÇALO LOBO PINHEIRO



empresa. É que, em Macau, ao contrário de Portugal onde existe o conceito de PC Clinic, aqui o termo *Clinic* está associado ao sector da saúde. “Quem avaliou inicialmente não entendeu.”

E se criar a empresa se afigura como um processo relativamente fácil, o mesmo não se poderá dizer quando chega a hora de contratar recursos humanos. A questão da mão-de-obra, antecipa Pascoal Júnior, “será difícil”. “Um técnico informático em Macau, por norma, ganha 2500 euros; em Portugal ganha 700 e estamos a falar de pessoas sem experiência, saídas da universidade” e com “muito pouco *know-how* em relação ao que poderemos trazer”, disse.

O recrutamento figura, sem dúvida, como a maior dificuldade e em várias frentes, corrobora Raquel Fera, referindo que o simples facto de Macau ter uma taxa de desemprego inferior a dois por cento não torna a vida do empregador mais facilitada. “É complicado porque quem tem Bilhete de Identidade de Residente (BIR) prefere ir trabalhar para grandes empresas onde consegue melhores ordenados, e quem não tem só pode ser contratado através de quo-

tas, e isso é um processo complicado”, descreve a jovem que continua a aguardar pela resposta ao pedido efectuado nesse sentido.

Além da mão-de-obra há um outro grande entrave que diz respeito aos preços praticados no mercado imobiliário. Comprar é uma opção que não passa sequer pela cabeça do pequeno investidor e arrendar é extremamente caro. Mas o facto de a “Portuguese Bakery” ser um *take-away* e de ter sido posicionada, desde o início, para fornecer supermercados e restaurantes ajudou na opção pelo arrendamento de um espaço afastado do centro da cidade: “Não era fundamental ter uma boa localização”. Embora tenha que ter máquinas, o espaço não é considerado uma fábrica. “Se fosse precisava de ter uma licença industrial e estar noutra localização, e esses espaços são gigantes e caríssimos”.

O preço médio por metro quadrado das fracções autónomas destinadas a escritórios atingiu 113.824 patacas no final do primeiro trimestre, enquanto o das industriais ascendia a 46.577 patacas, segundo dados oficiais, com base no imposto de selo de transmissão de bens. ■

GONÇALO LOBO PINHEIRO



TURISMO **M**

TURISMO DE LUXO

Macau lidera top internacional

T NUNO G. PEREIRA



O *Forbes Travel Guide Star Rating*, guia de referência de hotéis, spas e restaurantes, elegeu Macau como o melhor destino de 2015, à frente de Hong Kong, Las Vegas, Nova Iorque, Londres e Tóquio. No que diz respeito à hotelaria de luxo, uma área de extrema exigência, Macau já é, por reconhecimento externo e independente, o Centro Mundial de Turismo e Lazer



A **LUTA** constante que Macau trava para se conseguir impor como Centro Mundial de Turismo e Lazer disputa-se em vários tabuleiros, como a conservação do património, as convenções/exposições e a hotelaria de luxo. Nesta última área, provavelmente a mais competitiva de todas, a RAEM lidera pelo segundo ano consecutivo, tendo como referência a classificação internacional do *Forbes Travel Guide Star Rating*.

O guia atribui distinções de três tipos, por ordem crescente de importância: recomendação, prémio 4-estrelas e prémio 5-estrelas (nomenclatura sem relação com o descritivo típico de “hotel de X estrelas”). Claro que é óptimo para qualquer região receber distinções do guia, mas o que realmente marca a diferença são os prémios 5-estrelas, que definem a nata da nata. No ano passado, Macau bateu o recorde da lista, com 18 distinções, mais uma do que Hong Kong e mais duas do que Nova Iorque. Este ano, repetiu a proeza, triunfando com 23 prémios 5-estrelas, contra 20 de Hong Kong e 16 de Nova Iorque.

O crescimento de Hong Kong nesta área também é notável, mas Macau começa a distanciar-se. E o futuro, ao que tudo indica, irá acentuar o seu domínio. Dados da Direcção dos Serviços de So-



los, Obras Públicas e Transportes, relativos ao terceiro trimestre de 2014, revelaram haver 21 novas unidades hoteleiras em construção, representando um acréscimo de 14.434 quartos, uma subida de 52 por cento em relação à capacidade actual. Para lá dos aspectos quantitativos, que têm a sua relevância, sabe-se que a maioria destas unidades é de luxo, trazendo portanto mais restaurantes e spas de topo.

No *Forbes Travel Guide* de 2015, a 57.ª edição, Macau mereceu ainda particular atenção por outros dois motivos: a rede Conrad Hotels & Resorts, espalhada por vários países, conseguiu o seu primeiro prémio 5-estrelas de sempre graças ao Conrad Macao, no Cotai; e o Wynn Macau obteve cinco

distinções 5-estrelas (ex-aequo com o Mandarin Oriental de Hong Kong), o que nunca tinha acontecido na história do guia, por hotel, spa e três restaurantes.

Guia em expansão

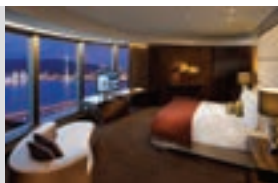
Os números totais do *Forbes Travel Guide Star Rating* de 2015 atingiram 218 prémios 5-estrelas (incluindo 115 para hotéis, um recorde), 691 prémios 4-estrelas e 160 recomendações. Pode parecer muito, mas é complicado conseguir a distinção 5-estrelas (Pequim e Tóquio, por exemplo, só obtiveram uma). O incremento de 2015 explica-se com a expansão das regiões abrangidas.

Nascido em 1958, o guia chamava-se então *Mobil Travel Guide* (foi fundado pela

TOP PRÉMIOS
5-ESTRELAS
★★★★★



Wynn Macau **5**



Altira Macau **4**



Crown Towers Macau **4**



Banyan Tree Macau **3**



EM 2014, MACAU BATEU O RECORDE DA LISTA COM 18 DISTINÇÕES, MAIS UMA DO QUE HONG KONG E MAIS DUAS QUE NOVA IORQUE

companhia petrolífera que lhe deu o nome) e estava circunscrito a cinco estados dos EUA. Ao longo dos anos o seu raio de acção foi-se alargando pela América do Norte (incluindo Canadá), dando o salto para fora desse continente em 2008, quando passou a contemplar também a China, já sob o nome de *Forbes Travel Guide*.

Nestes anos mais recentes, a expansão acelerou na Ásia e chegou à Europa (embora, até agora, apenas avaliando Londres). O guia de 2015 estreou

regiões nas Caraíbas, na América Central e na América do Sul, alargando ainda a esfera de influência na Ásia até Japão e Tailândia.

Inspecções às escondidas

Desde 2011 que o guia deixou de ser impresso, passando a existir apenas com suporte digital, no site www.forbes-travelguide.com. O processo de escolha para decidir quem merece as distinções, porém, continua a ser o mesmo. Segundo garante a organização, os seus profissionais visitam

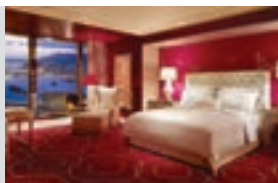
incógnitos as unidades a avaliar, submetendo-as a um critério que inclui “mais de 500 critérios”, para que a objectividade seja inatacável.

Uma verdade inegável é que os prémios do *Forbes Travel Guide* são muito valorizados por hotéis, spas e restaurantes. Sempre que a lista anual é publicada, os contemplados com distinções apressam-se a emitir comunicados de imprensa regozijando-se com a façanha. E quando são muitas façanhas juntas, como aconteceu este ano em Macau, abrem-se até perspectivas que vão para lá de cada um dos premiados – é toda uma região que sai altamente beneficiada.

A 10 de Março, um mês após a saída da lista, o site do *Forbes Travel Guide* publicou uma notícia onde se louvava a oferta de restauração topo de gama em Macau, um exemplo pujante de diversificação económica. “Embora possa ser conhecida como a “Vegas do Extremo Oriente”, Macau está a deixar de ser um centro de jogo para se tornar um destino de entretenimento. O primeiro passo nessa direcção é criar uma oferta formidável de restauração de luxo.” A notícia acrescenta que Macau tem agora nove restaurante distinguidos com o prémio 5-estrelas. “Mais do que qualquer outro local do mundo.” Algo está a mudar em Macau? Não, já mudou. ■



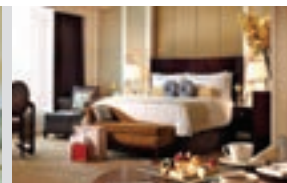
Mandarin Oriental **3**



Encore Macao **2**



Conrad Macao **1**



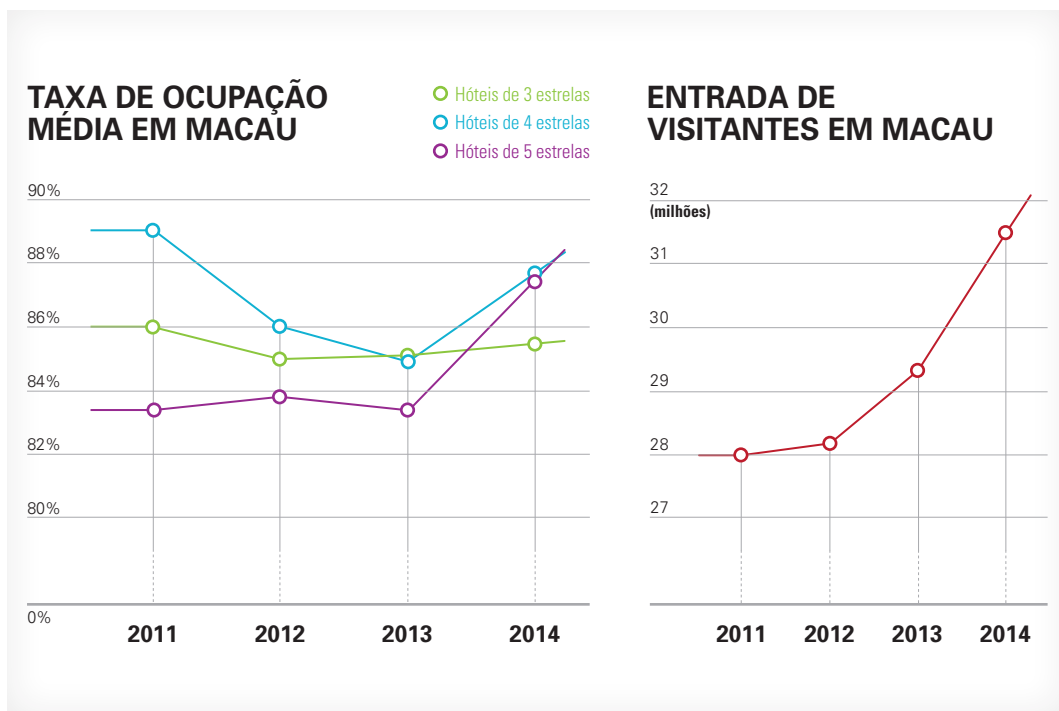
Four Seasons Hotel Macao **1**

Fonte: *Forbes Travel Guide Star 2015*

LISTA COMPLETA DOS PRÉMIOS ATRIBUÍDOS EM MACAU PELO *FORBES TRAVEL GUIDE STAR 2015*

Hotel	Restaurante	Spa
Wynn Macau (5*)	Il Teatro (5*) Wing Lei (5*) Golden Flower (5*) Mizumi (4*)	The Spa (5*)
Altira Macau (5*)	Aurora (5*) Tenmasa (5*) Ying (4*)	Altira Spa (5*)
Crown Towers Macau (5*)	Jade Dragon (5*) The Tasting Room (5*)	The Spa at Crown (5*)
Banyan Tree Macau (5*)	Belon (5*)	Banyan Tree Spa Macau (5*)
Mandarin Oriental (5*)	Vida Rica (5*)	The Spa (5*)
Encore Macau (5*)	—	The Spa (5*)
Four Seasons Hotel Macao (5*)	Zi Yat Heen (4*)	The Spa at Four Seasons Hotel Macao (4*)
Conrad Macao (5*)	—	Bodhi Spa (4*)
Galaxy Hotel (4*)	Terrazza (4*)	—
MGM Macau (4*)	—	Six Senses Spa (4*)
Grand Hyatt Macau (4*)	—	—
Holiday Inn Macao Cotai Central (4*)	—	—
Hotel Okura Macau (4*)	—	—
The Venetian Macao Resort Hotel (4*)	—	—
Grand Lisboa	Robuchon au Dôme (4*)	—





Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

TOP PRÉMIOS 5-ESTRELAS DO FORBES TRAVEL GUIDE STAR RATING

	BANGKOK	CANTÃO	HONG KONG	LAS VEGAS	LONDRES	MACAU	NOVA IORQUE	PEQUIM	SINGAPURA	TÓQUIO	XANGAI
2011	0	0	8	8	0	4	14	0	0	0	0
2012	0	0	9	10	0	4	14	0	3	0	0
2013	0	0	12	12	0	9	14	1	5	0	3
2014	0	0	17	12	9	18	16	1	6	0	5
2015	2	2	20	12	9	23	16	1	7	1	6

Fonte: Forbes Travel Guide



Macau, selo a selo

T MARCO CARVALHO / TDM F GONÇALO LOBO PINHEIRO

São pedaços de identidade com uma polegada e meia que podem valer milhões. Encerram um sem fim de história e de histórias e são um dos melhores cartões de visita para quem quer saber mais sobre a arte, a arquitectura, as tradições ou as idiossincrasias culturais de um povo, de um país, de um território. Os selos emitidos pelos Correios de Macau são dos mais procurados do continente asiático e há quem tenha dedicado milhares de horas e milhões de patacas a estudá-los e a colecioná-los. A MACAU aventurou-se no delicado mundo da filatelia

UM SELO habita as primeiras memórias de Manuel José da Rosa. O primeiro selo do coleccionador macaense pode ter sido uma estampilha evocando o agonizante reinado de Carlos Bragança Sabóia Bourbon e Saxe-Coburgo-Gotha, um exemplar da série “Ceres” ou qualquer outro. Aos 70 e poucos anos, o passado é para Manuel José da Rosa um lugar distante, mas a filatelia permanece para o antigo funcionário judicial uma paixão sempre presente, ainda que enraizada numa infância já longínqua. Um avô materno, que cuidava dos selos com a mesma delicadeza com que se afagam borboletas, foi quem o introduziu no fascinante mundo dos selos, dos envelopes de primeiro dia, das pagelas e das vinhetas postais. “Desde pequeno que a minha vida se cruza com selos. Ia a casa do meu avô, brincava, dava uma vista de olhos na colecção que ele tinha. De vez em quando, o meu avô da-

HÁ EM MACAU QUEM TENHA INVESTIDO MILHARES DE HORAS E MILHÕES DE PATACAS NA AQUISIÇÃO, NO ESTUDO E NA CATALOGAÇÃO DOS SELOS EMITIDOS AO LONGO DOS ÚLTIMOS 130 ANOS PELOS CORREIOS

va-me um selo explicava-me o que era e como podia ser valioso”, recorda.

O coleccionador está longe de ser caso único. O primeiro amor nunca se esquece e Io Ho Kuong mantém há mais de meio século a chama da filatelia acesa. Nascido no Cam-

boja em 1946, o presidente em exercício do Clube Filatélico de Macau escapou à perseguição da comunidade chinesa no seu país, viveu o auge da Revolução Cultural na República Popular da China, fez amigos, perdeu amigos, mas o fascínio que desde cedo nutriu pelos selos manteve-se intacto. “Colleciono selos há mais de 50 anos. Os primeiros exemplares da minha colecção datam de quando eu frequentava o ensino secundário em Phnom Penh.”

Manuel José da Rosa e Io Hong Kuong tratam por ‘tu’ os selos de Macau, conhecem-lhes a história, os segredos e o toque. Derby Lau afina pelo mesmo diapasão. A directora dos Serviços de Correios de Macau vê os selos como impressões digitais da história, da cultura e das tradições de um lugar. “Uma leitura atenta dos selos permite ler a história não apenas dos Correios, como entidade emissora, mas também



Manuel José da Rosa teve o primeiro contacto com o mundo dos selos através do avô materno



a própria história de Macau”, defende. Carlos Roldão Lopes, antecessor de Derby Lau nos Correios, concorda: “Os selos são, por excelência, um veículo de promoção de Macau por todo o mundo. São dos melhores embaixadores turísticos que um território com a riqueza cultural de Macau pode ter.”

Retalhos reinventados de identidade

Aromáticos, em braille, com ouro incrustado, em porcelana, a três dimensões ou inteiramente em seda.

São muitas as inovações ao longo de mais de um século e meio de história. A estampilha postal foi obrigada a reinventar-se, para não perder lugar face aos novos métodos de comunicação. O recurso a novos materiais e novas tecnologias é hoje uma estratégia a que os Correios de todo o mundo recorrem com frequência, com o objetivo único de valorizar o selo como produto filatélico. A en-

A COLEÇÃO DE SELOS DO NORTE-AMERICANO FREDERIC R. MAYER ERA, ATÉ A SUA MORTE EM 2007, UMA DAS MAIS EXAUSTIVAS DO PLANETA, COBRINDO A HISTÓRIA POSTAL DE MACAU DESDE 1796 A 1990. OS CORREIOS DE MACAU ESTIVERAM EM NEGOCIAÇÃO PARA ADQUIRIR O ACERVO, MAS NÃO SE CHEGOU A ACORDO COM OS HERDEIROS



tidade emissora de Macau não é exceção. Há um ano, no dia em que sopraram 130 velas, os Correios da RAEM assinalaram a efeméride com o lançamento de um selo especial: “Emitimos um bloco comemorativo impresso em seda pura italiana, que é um material mais caro. Cada selo faz-se acompanhar por um certificado do impressor. Esta emissão, apesar de ter um preço mais alto que o habitual, fez grande sucesso. Esgotou-se em menos de um mês”, aponta Derby Lau.

Há em Macau quem tenha investido milhares de horas e milhões de patacas na aquisição, no estudo e na catalogação dos selos emitidos ao longo dos últimos 130 anos pelos

Correios. “Tenho praticamente todos os selos de Macau. O que me falta são as cartas, com os tais selos circulados. Isto é que é difícil ter todas, porque são objectos únicos. Ainda consegui adquirir umas duas ou três”, refere Manuel José da Rosa.

O macaense é um dos mais reputados coleccionadores privados da RAEM. Secretário do Clube Filatélico de Macau e proprietário de um espaço comercial dedicado à filatelia e à numismática, Manuel José da Rosa herdou do avô materno o gosto. Dono de uma livraria, Thompson Lou foi durante a primeira metade do século XX um dos principais entusiastas do estudo filatélico no território e um dos maiores embaixadores dos selos de Macau no mundo. “O meu avô mandou muitas, muitas cartas para o exterior, para muitos comerciantes e coleccionadores estrangeiros. Enviou cartas para todo o mundo: para a América, Europa, para Portugal. Hoje em dia é possível encontrar à venda em leilões muitos envelopes e muitas peças filatélicas criadas pelo meu avô. Algumas eram cartas a solicitar selos, mas outras eram encomendadas por coleccionadores estrangeiros”, explica Manuel José. Quando Thompson Lou se começou a notabilizar nos meios filatélicos locais (não apenas a enviar selos de Macau para o mundo, mas também a adquirir selos de Portugal e de outros países, que depois vendia a entusiastas como Pedro José Lobo), os selos do território já eram um marca, ainda que limitada, de identidade quase há meio século.

A história dos selos de Macau teve início com a emissão, a 1 de Março de 1884, das primeiras estampilhas com a

franquia de Macau. Produzidos em Lisboa, com motivos comuns a todos os territórios então administrados por Portugal, a sua concepção esteve sob a alçada das autoridades de Lisboa até ao início dos anos 1980. Foi necessário aguardar quase cem anos para que os selos circulados no território fossem conce-



AS EMISSÕES
DE SELOS E
DE PRODUTOS
FILATÉLICOS SÃO
RESPONSÁVEIS
POR UMA FATIA
SIGNIFICATIVA DO
ORÇAMENTO DOS
CORREIOS

bidos e emitidos pelos Correios de Macau, com cunho e identidade própria. “Temos o nosso próprio *design*, temas e os nossos próprios motivos, concebidos por artistas e criadores de Macau desde os anos 1980”, esclarece Derby Lau.

Produzidos em Portugal com referências esporádicas a Macau, os selos que até então circulavam não reflectiam a variedade sociológica e a riqueza patrimonial da região. “Se formos olhar para todas as séries publicadas a partir da década de 1980, podemos compreender aquilo que é Macau através dos selos. Os selos não abordam apenas as questões sociais e culturais, mas são também um bom guia para o entendimento da arquitectura e do património. Os selos de Macau das três últimas décadas cobrem perfeitamente essas áreas: sociológica e os valores patrimoniais”, defende Carlos Roldão Lopes.

A emissão de selos com motivos próprios ajudou a dotar o Estatuto Orgânico, aprovado pela Assembleia da República Portuguesa em 1976, de uma maior densidade, ao facultar o território com uma maior autonomia não apenas a nível político, mas também a título filatélico. Os coleccionadores e os entusiastas locais acolheram a mudança de braços abertos. Io Ho Kuong acredita que os selos se tornaram mais interessantes aos olhos dos filatelistas. “Os selos são mais coloridos e os residentes de Macau deram por bem-vindas essas mudanças, porque os selos começaram a exibir cenas e monumentos de Macau, assim como algumas características culturais. É por isso que se tornaram tão popula-

res”, considera o presidente do Clube Filatélico.

Da República Portuguesa à República Popular

No dia 19 de Maio de 1987, na sequência da assinatura da Declaração Conjunta entre Portugal e a República Popular da China, um selo comemorativo do Festival dos Barco-dragão exibiu pela primeira vez os caracteres chineses relativos ao nome de Macau. As alterações mais significativas, no entanto, registaram-se apenas em 1999. A série “Macau Retrospectiva”, emitida a 19 de Dezembro de 1999 e concebida pelo arquitecto Carlos Marreiros, foi a última a ostentar a designação “Macau, República Portuguesa”. “Foi com muito prazer que aceitei o convite para fazer a última emissão filatélica de Macau sob administração portuguesa. O tema era muito interessante, difícil de abordar, mas aliciante”, recorda Carlos Marreiros. “Escolhi quatro temas que englobassem este abraço de culturas, essa forma de construção entre os chineses que já estavam em Macau e os portugueses que aqui chegaram”, sintetiza o arquitecto e artista plástico.

Um dia depois, a 20 de Dezembro de 1999, vê a luz do dia a primeira emissão relativa à nova realidade político-administrativa, com a designação “Macau, China”. A emissão foi concebida por Ren Guoen e por Yang Wengqing, artistas plásticos do Interior da China e bateu todos os recordes de venda. “Tivemos filas de mais de um quilómetro de pessoas que esperavam até um ou dois dias pela sua vez. A emissão também era limitada, embora com valores altíssimos comparativamente com aquilo que agora se produz. Havia compradores que



Derby Lau, directora dos Correios de Macau, diz que uma das apostas das emissões é a inovação de formatos e das ilustrações

se prestavam a impulsos especuladores, porque compravam a seis patacas e, dois minutos depois, vendiam-nos a 60”, recorda o então director dos Correios, Carlos Roldão Lopes.

A demanda por selos de Ma-

cau disparou com a aproximação à data de transferência, mas nos últimos anos a tiragem das emissões produzidas pelos Correios estabilizou e ronda actualmente os 200 mil exemplares por cada nova série. Motivos

como o Ano Novo Lunar ou alusivos à tradição chinesa são habitualmente os mais vendidos. A emissão do Ano da Cabra foi lançada a 5 de Janeiro e até ao final do ano a Direcção dos Serviços de Correios deverá colocar em circulação mais de uma dúzia de novos selos.

Os selos produzidos pelos Correios nem sempre são quadrados ou rectangulares. Entre os selos mais originais estão os circulares, hexagonais ou os debruados a ouro. Tais emissões suscitam junto de coleccionadores e investidores um interesse particular e correspondem a uma aposta com propósitos bem definidos por parte da própria Direcção de Serviços de Correios. “De vez em quando tiramos uns truques da cartola: produzimos selos em diferentes formatos, com o recurso a diferentes materiais e tecnologias e em quantidades mais diminutas”, confidencia Derby Lau. “Em 2010 emitimos um

À ESCALA LOCAL, O CLUBE FILATÉLICO DE MACAU — UMA ENTIDADE QUE REÚNE POUCO MAIS DE DUAS CENTENAS DE ASSOCIADOS, A MAIOR PARTE INACTIVOS — É O PRINCIPAL FÓRUM DE MOBILIZAÇÃO DOS COLECCIONADORES LOCAIS

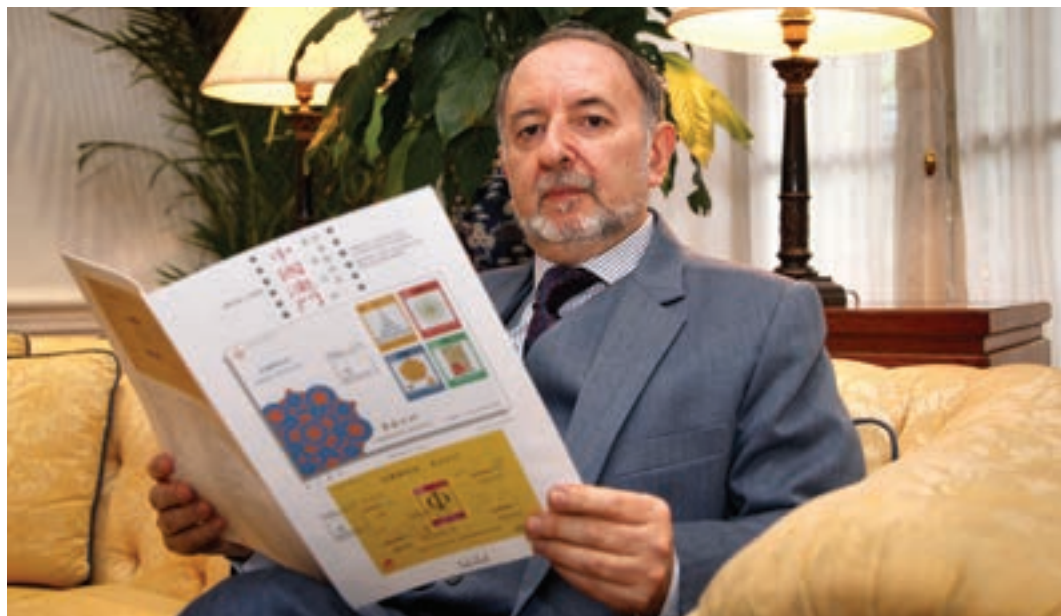
selo relativo à Exposição Universal de Xangai. Da série fazia parte um bloco comemorativo que de forma propositada imprimimos de forma irregular, com quatro partes distintas. A peça filatélica é pouco habitual, mas as pessoas gostam e suscita muita procura junto dos coleccionadores.”

As emissões de selos e de produtos filatélicos são responsáveis por uma fatia significativa do orçamento dos Correios. “Se tivermos em conta as receitas geradas apenas pelo sector postal durante o ano de 2013,

estas equivalem a 33 por cento. Se abordarmos esta questão da perspectiva das receitas gerais dos Correios de Macau, então a filatelia representa cerca de 17 por cento do total das receitas geradas”, remata Derby Lau.

Colecções que valem ouro

Se para a entidade emissora a filatelia é uma fonte de receitas importante, para os coleccionadores uma colectânea bem estruturada pode valer milhões. Manuel José da Rosa já perdeu a conta aos selos que tem no



Carlos Roldão Lopes, antigo director dos Correios de Macau, acredita que os selos das últimas três décadas ilustram a transformação da região



seu acervo, mas sabe de cor o ano, as características e o contexto em que surgiram as peças que lhe fazem falta. “Uma das lacunas da minha colecção é um selo bastante raro. Segundo os registos dos coleccionadores, assim como os registos dos próprios Correios devem existir para uns 56 selos, no máximo. São duas folhas, cada uma com 28 selos. Acho que é o selo mais raro de Macau”, admite o coleccionador macaense.

Os leilões e as exposições filatélicas são os principais pontos de encontro dos entusiastas a nível internacional e a participação em mostras e exposições já rendeu a Manuel José da Rosa várias distinções.

Os acervos de Manuel José da Rosa e de Io Hong Kuong são valiosos, mas não fazem sombra à colecção da própria Direcção de Serviços de Correios. Exibida a título parcial no Museu das Comunicações, parte substancial do acervo foi adquirida na década de 1980 a

José Correia Nunes, um médico português que viveu em Macau durante mais de três décadas.

Em 2007, uma delegação dos Correios de Macau, então dirigidos por Carlos Roldão Lopes, rumou aos Estados Unidos com o objectivo de adquirir aquela que era até então tida como a mais valiosa e mais completa colecção de selos de Macau. O acervo, angariado ao longo de décadas por Frederic R. Mayer, foi colocado à venda após a morte do coleccionador. “Os herdeiros queriam três milhões de dólares e nós oferecemos 2,5 milhões, mas não se chegou a nenhum acordo e eles acabaram por não vender a colecção completa. Foi depois sendo vendida de forma segmentada, o que rendeu mais do que três milhões de dólares”, aponta Carlos Roldão Lopes.

A colecção de Frederic R. Mayer era, até a sua morte, uma das mais exaustivas do planeta, cobrindo a história postal de Macau desde 1796 a 1990.

O acervo incluía selos, envelopes circulados e outros objectos postais, cobrindo também o período anterior à entrada em circulação dos primeiros selos de Macau. A colecção continha objectos postais e peças filatélicas de companhias privadas de navegação, do chamado Correio Marítimo, de serviços de Correio privado e do Correio das entidades britânicas que operavam no Sul da China. Havia ainda conteúdos relativos à história filatélica de Macau, com quase todas as peças colocadas a circular pelos Correios de Macau entre 1884 e 1990.

Apesar do valor intrínseco dos selos e das fabulosas quantias pagas por objectos postais raros, a filatelia é uma arte em declínio. Na era do *email* e da comunicação instantânea parecem longínquos os dias em que a carta era o grande meio de comunicação. Da troca de correspondência nasceu o hábito de coleccionar, estudar e investigar os selos postais. A prática conheceu um enorme sucesso durante décadas a fio, mas num mundo cada vez mais globalizado vem perdendo pontual e incontornavelmente espaço. “Hoje a filatelia já não é muito popular. Não são muitos os jovens que queiram fazer parte da nossa associação porque agora não faltam formas de passar o tempo. O mundo da Internet está cheio de atractivos que são bem mais aliantes que os selos”, lamenta o presidente do Clube Filatélico de Macau. “Os selos são um tanto ou quanto aborrecidos. É preciso ter método e paciência para coleccionar. Ainda assim, temos de nos continuar a esforçar para atrair sangue novo ao Clube Filatélico, mas esta não é uma tarefa fácil”, admite Io Ho Kuong. ■

FALHAS E EQUÍVOCOS TORNAM SELOS MAIS VALIOSOS

Dez selos com história(s)

Os selos tipo “Coroa” – os primeiros a circular em Macau – são uma das mais famosas criações de Augusto Fernando Gerard, desenhador e gravador francês que começou a trabalhar em Lisboa aos 20 anos. A sua obra chegou aos quatro cantos do mundo, e foi ele o responsável pelo *design* de todos os selos tipo “Coroa” que circularam em Portugal e nas antigas colónias portuguesas. Com motivos padronizados, as séries foram concebidas no final da década de 70 do século XIX, impressas na Imprensa Nacional da Casa da Moeda e enviadas para Macau em 1877, sete anos antes de terem começado a circular no território, a 1 de Março de 1884. A história filatélica de Macau é, no entanto, ligeiramente mais antiga. O primeiro selo com a designação “Macau” data de 1878

T MARCO CARVALHO

1. MACAU, ÍNDIA PORTUGUESA

O desfasamento temporal entre a produção das estampilhas postais e o momento em que o governo de Macau avançou para a criação dos Correios e deu luz verde à utilização dos selos deu azo a uma situação anómala: se é verdade que o despacho oficial sancionando a utilização da criação de Gerard data de 1884, os primeiros selos circulados de Macau são ligeiramente mais antigos e apareceram, não no território, mas nas antigas possessões da Índia Portuguesa. Carlos

George, filatelista português de renome, possuía na sua colecção uma carta franqueada com um selo de Macau de 10 réis de tom amarelado. Carimbado em Diu, o sobrescrito data de 6 de Agosto de 1878 e terá sido enviado para a Índia por engano por parte das autoridades de Lisboa.

2. EQUÍVOCOS QUE VALEM OURO

Impressos num amarelo tão pálido que a própria leitura e interpretação do selo se fazia difícil, alguns selos de Macau teriam sido colocados por engano no lote que se destinava aos territórios da Índia e vice-versa. Em Goa, Damão e Diu, os



espécimes de 10 réis de Macau foram vendidos e empregados na correspondência sem que ninguém desse por isso. Quando, em 1884, os selos produzidos com a chancela do território receberam finalmente luz verde para circular, o selo de 10 réis amarelo pálido com a inscrição “Índia Portuguesa” também constava do lote de estampilhas postais enviadas por Lisboa para o território sete anos antes. A exemplo do que sucedeu nas possessões indianas, também em Macau ninguém deu pela troca. Carlos George tinha também no seu acervo um exemplar da Índia circulado em Macau, com carimbo de 30 de Julho de 1884. Ambos os selos, assim carimbados, são extremamente raros.

3. O SELO FANTASMA

Oficialmente introduzida a 1 de Março de 1884, a primeira emissão postal com franquia de Macau era constituída por um conjunto de nove selos de diferentes denominações, facilmente identificáveis pela cor e com um valor facial que oscilava entre os cinco e os 300 réis. Foi necessário esperar 14 anos para que a primeira série filatélica comemorativa circulasse em Macau. O selo, alusivo aos 400 anos da chegada de Vasco da Gama à Índia, está na origem de um pequeno enigma filatélico, datado do período que se seguiu à instauração da República em Portugal. Por serem selos da Monarquia que não tinham a imagem do monarca, os selos do 4.º Centenário foram considerados dos mais adequados para circular no alvorecer do período republicano enquanto a República não emitia os seus próprios selos. São muitos e variados os

exemplares sobretaxados, mas há um que intriga os filatelistas: um colecionador sueco adquiriu numa compra a grosso um exemplar de Macau com uma sobretaxa de 1\$000. Nada de muito alarmante, não fosse a moeda de Macau ser desde 1894 a pataca. O improvável selo – que não consta de qualquer catálogo e do qual se conhece uma única encarnação – ou se trata de um equívoco (poderá ter sido tomado por um selo da Madeira, suspeitam alguns especialistas) – ou de uma falsificação.

4. UM SELO, DOIS REGIMES

A mais circulada das emissões do período da monarquia terá sido a série relativa ao rei D. Carlos. As emissões com a efigie do monarca foram extensivamente utilizadas após a queda da Monarquia com sobretaxas impressas quer em vermelho, quer em branco. Apesar de não serem necessariamente raros, os selos do período da Primeira Guerra Mundial podem chegar a valer 2000 patacas. Dependendo das condições em que se encontram, há selos que podem valer mais de 5000 patacas. Manuel José da Rosa, que possui no seu acervo quase todas as variações relativas à série D. Carlos, tem na coleção um selo com um valor facial de cinco avos, ao qual foi imposta uma sobretaxa – a elevar o valor para dez avos – e uma banda negra apensada ao canto superior direito. O exemplar é único e vale qualquer coisa como 100 mil patacas.

5. O SANTO GRAAL DOS SELOS DE MACAU

A história das emissões filatélicas de Macau ainda se faz mais de dúvidas do que de certezas



e o selo que constitui a maior falta da extensa coleção de Manuel José da Rosa continua a ser um mistério. “Tive oportunidade de o comprar num leilão, mas o preço subiu mais do que eu estava à espera e acabei por não o adquirir”, diz o colecionador. Trata-se de um raríssimo selo de dez avos azul esverdeado da Série D. Carlos ao qual foi apensada, em Setembro ou Outubro de 1913, a sobrecarga “REPUBLICA” a vermelho. Devidamente documentada, a existência de uma tal emissão constitui, por si própria, uma improbabilidade: um decreto emitido pelo governo de Lisboa a 4 de Julho de 1913 não contemplava a hipótese dos selos em questão poderem vir a ser sobretaxados e reutilizados. “É um selo raro porque só são conhecidos seis ou sete exemplares e a emissão era de origem muito reduzida, no máximo de duas páginas de 28 selos cada”, explica Manuel José da Rosa.

6. A MAIS PEQUENA EMISSÃO DO MUNDO?

A falta evidente de programação atempada das requisições de selos à Imprensa Nacional da Casa da Moeda originava frequentemente rupturas nos estoques, mas o caso do selo de dez avos, que é tido como um dos mais raros de Macau, pode indiciar, de acordo com os estudiosos, uma prática com finalidades especulativas. Luís Frazão, autor da mais extensa e completa obra sobre a história da

filatelia do território, dedica várias páginas ao selo em questão, concluindo que foram sobrecarregados apenas 16 deles, sem ainda assim conseguir explicar a reduzida quantidade. Elder Correia, autor do blogue filatélico “A Mala-Posta”, vai ainda mais longe e garante que foram emitidos apenas dez selos. Será, porventura, a tiragem mais reduzida da história postal de Portugal e dos antigas colónias portuguesas e uma das menores do mundo.

7. UMA EXCEÇÃO BÉLICA

Com o deflagrar da Guerra do Pacífico, Macau foi brindado com uma exceção de relevo: o isolamento circunstancial a que o território esteve votado durante o período da II Guerra Mundial forçou Lisboa a autorizar emissões locais da série “Padrões”, com um valor facial de 1, 2, 3, 6, 10, 20 e 40 avos. Os selos foram litografados pela Companhia Sin Chun Limitada, ao passo que a emissão habitual da Imprensa Nacional da Casa da Moeda era tipografada. Tendo sido produzida com recurso a papel mais rudimentar, a emissão local apresenta várias características únicas: por um lado não menciona o nome do gravador e por outro apresenta várias imperfeições nas perfurações da serrilha. Estes foram, no entanto, os primeiros selos impressos em Macau, antecipando uma tendência que apenas é institucionalizada no início da década de 1980. Os envelopes de primeiro dia criados no território datam também do período da Guerra do Pacífico



e são da autoria do um filatelista local Pedro Paulo Ângelo.

8. A DISTÂNCIA, A MÃE DE TODOS OS EQUÍVOCOS

Antes da década de 1980, e apesar de exibirem a designação “Macau” e de serem franqueados em patacas, os selos do território eram pensados, concebidos e impressos em Portugal. A distância e o desconhecimento factual das pequenas nuances que contribuíam para a especificidade cultural de Macau davam, incontornavelmente, azo a equívocos. Em 1950, a Imprensa Nacional da Casa da Moeda produziu um selo ostentando as Portas do Cerco, com um valor facial de 1 pataca, em tons de azul, nunca chegou a circular em Macau, devido a um equívoco de natureza cultural. A tonalidade da cor com que o selo foi impresso é considerada pouco auspiciosa na cultura chinesa e o selo acabou por ser mais tarde substituído por um selo idêntico, ainda que de tonalidade castanha.

9. MACAU COM VOZ PRÓPRIA

Em 1981, sete anos depois do fim da ditadura em Portugal, os Correios de Macau receberam luz verde das autoridades de Lisboa para conceber e emitir as suas próprias emissões. Desde então, várias mudanças estruturais sucederam-se. A 27 de Maio de 1987, os Correios de Macau quebraram um tabu com mais de um século e colocaram em circulação um selo

comemorativo, alusivo ao Festival dos Barco-dragão, onde pontificavam pela primeira vez os caracteres alusivos ao nome chinês de Macau (澳門). “Desde a década de 1980 até à transferência de administração emitimos 156 selos e depois da transferência, produzimos 180 emissões. Contas feitas, emitimos 300 e poucos selos desde que a emissão tornou-se autónoma em Macau”, explica Derby Lau, directora dos Correios.

10. UM EQUÍVOCO MODERNO

Os Correios de Macau despediram-se de mais de quatro séculos de administração portuguesa com a série “Macau – Retrospectiva”, emitida a 19 de Dezembro de 1999. Os selos foram os últimos a exibir a designação “Macau – República Portuguesa”, mas a pouco mais de um ano da transferência de administração, a autoridade postal esteve no centro de um divertido equívoco, ao ver-se obrigada a recolher a emissão filatélica comemorativa dos 500 anos da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, da autoria de Vítor Marreiros. A razão? Uma falta tão evidente que passou despercebida. Lançados a 20 de Maio de 1998, os selos celebravam a chegada de Vasco da Gama a Calecute em 1598. Em Setembro, a Direcção de Serviços de Correios colocou em circulação uma emissão com a data já corrigida. “É evidente que quem colecionou o selo com o erro valorizou a sua colecção”, reconhece Carlos Roldão Lopes, antigo director dos Correios de Macau.





“QUADRADO MÁGICO” DÁ O MOTE A EMISSÃO DE SELOS ÚNICA Filatelia para génios

A Direcção dos Serviços de Correios de Macau lançou uma emissão filatélica que dá que pensar. A série tem por base o “quadrado mágico”, um conceito matemático transversal às culturas chinesa e ocidental, em que a estratégia e o raciocínio andam de mãos dadas. A série filatélica fica completa este ano, mas já valeu aos Correios da RAEM reconhecimento internacional pela inovação

T MARCO CARVALHO/TDM

E SE um selo fosse também um convite ao raciocínio e à redescoberta de alguns dos mistérios da matemática? A Direcção dos Serviços de Correios quer fazê-lo pensar enquanto espera para enviar uma carta ou uma encomenda postal. Por isso, transformou um mito primordial da

cultura chinesa numa bem sucedida emissão filatélica. Reza uma das mais antigas lendas do norte da China que há 4000 anos Yu Huang, o Imperador de Jade, viu emergir das águas do rio Luo – um dos tributários do Rio Amarelo – uma tartaruga com uma carapaça enigmática. O animal teria o dorso perfurado por pequenos buracos configurados de

acordo com uma lógica muito própria: tida como um ente divino, a tartaruga exibia no casco um diagrama quadrangular, formado por nove segmentos uniformes, onde se agrupavam incisões em número distinto.

A couraça do quelónio avistado pelo sábio imperador Yu na margem do rio conforma o primeiro exemplo conheci-

do de um “quadrado mágico”, uma configuração numérica em que a soma dos números das linhas, das colunas e das diagonais é constante, sendo que em nenhuma das direcções as parcelas se repetem.

No dorso da mais cabalística das tartarugas da mitologia chinesa, a soma das filas das colunas e da diagonal principal do diagrama totaliza impreterivelmente quinze incisões. A configuração matemática hoje conhecida por Luo Shu (洛書), ou “Pergaminho do Rio Luo”, deu o mote a uma série filatélica que já valeu aos Correios da RAEM reconhecimento internacional. Louvada pelo diário britânico *The Guardian* pela originalidade, a emissão é composta por nove selos, cada um apetrechado com um quebra-cabeças distinto e um convite à reflexão.

Os seis primeiros encontram-se em circulação desde Outubro. Os três restantes só na recta final de 2015 serão conhecidos, revela Derby Lau Wai Meng, directora dos Serviços de Correios. “Lançamos a 9 de Outubro esta emissão filatélica, que inclui ao todo nove selos. Seis já foram tornados públicos em 2014; os três restantes, que completam a série e o quadrado, serão lançados este ano.”

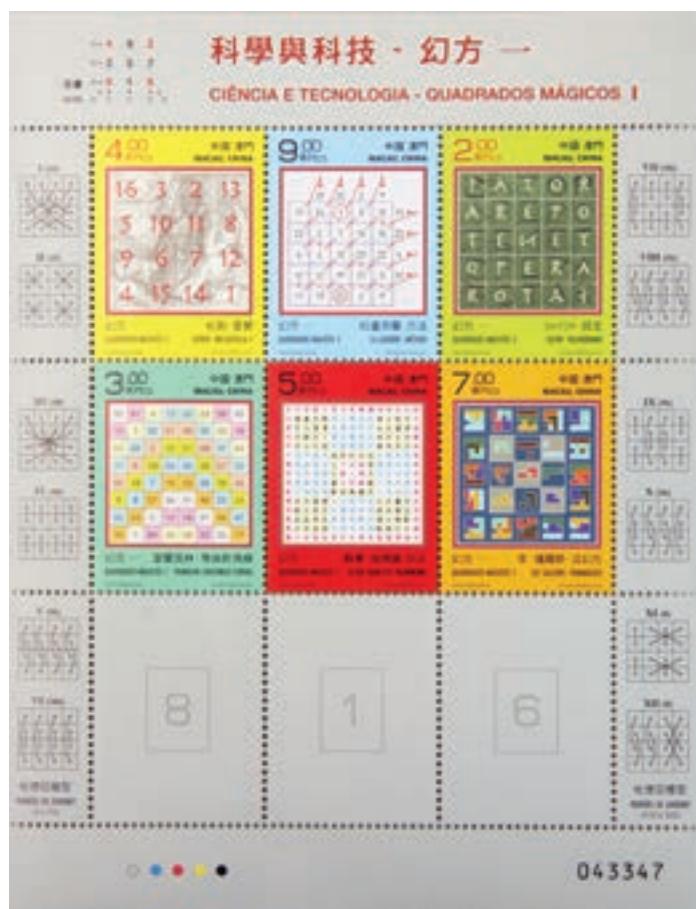
Composta por nove estampilhas individuais com um valor facial que oscila entre uma e nova patacas, a série recriará, depois de completa, a mesma configuração numérica que o Imperador de Jade encontrou na carapaça da tartaruga do rio Luo. Entre os nove “quadrados mágicos” estão um palíndromo escrito pela poetisa Su Hui há mais de 2400 anos, uma sequência

LOUVADA PELO DIÁRIO BRITÂNICO *THE GUARDIAN* PELA ORIGINALIDADE, A EMISSÃO É COMPOSTA POR NOVE SELOS, CADA UM APETRECHADO COM UM QUEBRA-CABEÇAS DISTINTO E UM CONVITE À REFLEXÃO

matemática imperfeita criada pelo inventor e diplomata norte-americano Benjamin Franklin, uma tabela de cálculo gravada no canto superior direito de uma tela pelo pintor Albrecht Dürer ou uma sopa de letras de características ambigramáticas e com alegados poderes místicos encon-

trada por entre os escombros de Pompeia.

Concebidos ao abrigo da série de emissões dedicadas pelos Correios à ciência e tecnologia, os quadrados mágicos têm por objectivo sensibilizar a população local para a relevância do conhecimento científico. Idealizada por Carlos



Roldão Lopes, antigo director dos Serviços de Correios, a emissão conjuga num produto filatélico ímpar matemática, mitologia e mistério. Do esforço resulta um expediente mais atractivo de enraizar o gosto pela ciência e pela tecnologia em quem tem o território como casa. “Quando produz conteúdos, os Serviços de Correios procura ser o mais abrangente e o mais pedagógica possível e é neste sentido que concebemos uma série de emissões dedicadas à ciência e tecnologia. Desde 2003 que publicamos todos os anos, ou de dois em dois anos, uma emissão relacionada com ciência e tecnologia. O objectivo passa por promover o conhecimento científico e as concretizações tecnológicas junto da população em geral, e em particular das gerações mais jovens”, sublinha Derby Lau. “Queremos que os mais jovens se sintam atraídos pela ciência e pela tecnologia e que não se cinjam apenas a disciplinas ou a opções de carreira que possam significar à partida emprego garantido ou salários melhor remunerados. É muito importante para o desenvolvimento sadio da sociedade que os jovens sem mantenham abertos ao conhecimento científico.”

Apesar dos seus 130 anos, só na década de 1980 os Correios começaram a produzir as suas próprias emissões, subordinadas a temáticas que vão ao encontro do carácter plural e cosmopolita do território. Aguardados com expectativa dentro e fora das fronteiras, os três últimos selos da série do “quadrado mágico” devem ser emitidos o mais tardar em Outubro deste ano, mas o labor criativo dos responsáveis pe-



ENTRE OS NOVE “QUADRADOS MÁGICOS” ESTÃO UM PALÍNDROMO ESCRITO PELA POETISA SU HUI HÁ MAIS DE 2400 ANOS, UMA SEQUÊNCIA MATEMÁTICA IMPERFEITA DE BENJAMIN FRANKLIN, UMA TABELA DE CÁLCULO GRAVADA NUMA TELA DO PINTOR ÁLBRECHT DÜRER E UMA SOPA DE LETRAS COM ALEGADOS PODERES MÍSTICOS ENCONTRADA POR ENTRE OS ESCOMBROS DE POMPEIA



las competências postais não se fica pelo *Luo Shu* ou pela mística abrangência de palíndromos, ambigramas e capicuas. Para 2015 estão previstas entre 12 a 14 novas emissões filatélicas subordinadas a temáticas tão diversas como o sol e a lua, o vinho e o leite.

Este ano os Correios também vão celebrar a importância de um elemento vital, homenagear o génio de um músico nascido no território,

obsequiar a filantropia e o espírito de entrega de uma organização e enaltecer, com um poema visual de duas polegadas e meia, um dos mais amados ex-libris da cidade “Para além da emissão do Ano Novo Lunar da Cabra, vamos produzir uma emissão com paisagens da China, uma série dedicada às zonas húmidas de Macau, um selo evocativo do 110.º aniversário do nascimento do músico Xiang

Xinghai, uma emissão comemorativa dos 110 anos do Movimento Rotário Internacional e outra evocativa da importância da água para a vida na Terra”, aponta a directora dos Serviços, avançando para mais novidades: “Vamos ter uma emissão que, a meu ver, tem tudo para suscitar muito entusiasmo. O nosso Farol da Guia faz 150 anos e não podíamos deixar passar a ocasião em claro”. ■

SERVIÇO POSTAL DE MACAU

130 anos a dar cartas



Apesar da idade avançada, os Correios de Macau dispensam bengala, pois nunca foram tão modernos como agora, respondendo em pleno às exigências do progresso acelerado da RAEM. E têm aquilo que a juventude nunca possui: uma história rica, que se confunde com a própria evolução da cidade

T PATRÍCIA CRUZ
F ARQUIVO HISTÓRICO

OS CORREIOS de Macau constituem um dos mais antigos serviços públicos, tendo celebrado o 130.º aniversário a 1 de Março do ano passado. A sua génese, porém, remonta ao reinado de D. Maria I. Foi um alvará desta monarca portuguesa, datado de 16 de Março de 1797, que estabeleceu a administração dos Correios para o Estado, ficando a cargo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em especial do próprio ministro, que exercia a função de Inspector dos Correios. E um ano depois, a 20 de Janeiro, um novo alvará cria os Correios Marítimos.

Apesar de ter sido criado em 1798, o Correio Marítimo de Macau utilizava selos de Hong Kong e era, praticamente, uma sucursal do Correio Marítimo da vizinha colónia britânica. O “período pré-adesivo”, como ficou conhecida essa época, perdurou até 1884. Nesse ano, o

governador Tomás de Sousa Rosa determinou, através da Portaria Provincial n.º 11, de 27 de Fevereiro, que comesçassem a circular os primeiros selos adesivos de Macau, a partir do mês seguinte. O dia 1 de Março de 1884 representa, assim, o nascimento oficial dos Correios de Macau, cujo primeiro selo se designou “Coroa”, por ilustrar a coroa do Reino de Portugal.

Ricardo de Sousa, administrador do Correio Marítimo desde 1869, assumiu a direcção da nova instituição. Durante o primeiro ano, trabalhou na sua casa, no n.º 1 da Rua do Campo. A situação só mudou em 1885, com a instalação do Correio em edifício próprio, na Rua da Praia Grande. Para regular o expediente postal segundo as convenções internacionais, Ricardo de Sousa adoptou várias medidas, onde se destaca o estabelecimento de um acordo com os Correios de Cantão; a criação do serviço postal das ilhas da Taipa e de Coloane; o início do serviço de vales de correio, e a instalação de receptáculos postais nos barcos das carreiras de Hong Kong. Mais tarde, vieram os serviços de caixas de apartado (1905) e de marcos postais (1910).

Telecomunicações

Ainda em 1884, o Governo de Macau contratou a Eastern Extension Australasia and China Company para a colocação e exploração de um cabo telegráfico submarino, entre Macau e Hong Kong, ligando-se na segunda cidade à rede geral telegráfica submarina. O contrato estipulava ainda a colocação de outro cabo entre Macau e a Taipa e concedia o monopólio das comunicações entre Macau e Hong Kong à companhia, por um prazo de 40 anos.

No ano seguinte, foi publicada a Portaria Provincial n.º 63, a qual regulamentava o serviço telegráfico da linha entre Macau e a Taipa. Nesta altura, existiam três estações telegráficas em serviço: Fortaleza do Bom Parto, a principal, Fortaleza da Taipa e Povoação da Taipa, onde trabalhavam chefes de estação, telegrafistas, boletineiros e guarda-fios.

Em 1887, foi introduzido o serviço da linha telefónica, entretanto criada. O serviço telefónico tinha carácter permanente, utilizava telefones magnéticos e funcionava em nove estações:

BOLETIM DA PROVINCIA

DE MACAU E TIHOE

報 憲 捫 地 門 澳

N.º 25

SABBADO, 21 DE JUNHO DE 1884

Vol. XXX

號五廿第

日八廿月五年申甲 日壹廿月六年四十八百八千一

第十三第

PARTE OFFICIAL

Por ordem superior se faz saber, que quando se suscitarem duvidas sobre a intelligencia das materias publicadas nas duas linguas portuguezas e china, prevalece a versao portugueza.

大
正文西仍之辦選行文西報捫門有驗惠奉
也爲洋以處論有者領華洋以運地澳所札
Está conferido. Pedro Nalvar de Silva,
1.º Intérprete.

MINISTRO DAS MARINHAS E FLEETAS
Direcção geral do ultramar
2.º Repartição

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e das Algarves, etc. Famosos saber a todos os nobres subditos, que as certas genes decretadas e são que se a seguir se lê:

Artigo 1.º É o governo autorizado a contratar com a Eastern Extension Australasia and China Telegraph Company Limited a collocação e exploração de um cabo telegraphico submarino entre Macau e Hongkong, ligando-se n'esta ultima cidade com a rede geral telegraphica sub-marina, nas seguintes condições:

1.º A companhia obriga-se a estabelecer não só o cabo telegraphico submarino, e que se refere este artigo, como tambem outro cabo entre Macau e a ilha da Taipa, ficando a conservação d'este ultimo a cargo do governo, e obrigando-se a compatibilizar a proceder a quaisquer reparações necessarias, bem como a substituição do dito cabo, sendo postas as respectivas despesas pagas pelo governo;

2.º O prazo para a construção d'outros cabos será de seis meses, e não poderá ir além de nove, contados da data da assinatura do contrato;

3.º O governo pagará á companhia o subscido annual de 3:250:000 reis, durante os annos, devendo, porém, no primeiro estabelecer-se o condicção identica á que se contém no contrato approved por lei de 29 de abril de 1883, quanto á duração d'este subscido, no caso de se alguma consideravel das despesas transmittidas pelo cabo;

4.º A companhia terá durante quarenta annos a privação das communicações telegraphicas entre Macau e Hongkong, não podendo o governo igualmente fazer commercio de quaisquer linhas terrestres ou submarinas, em Macau, sem accordo com a companhia;

5.º Será concedida á companhia a legação de pagamento de qualquer contribuição geral ou local sobre os rendimentos provenientes da exploração do cabo ou de sua estacão;

6.º As condições technicas do cabo submarino serão as mesmas que tiveram os cabos da rede que deve ligar-se com o cabo entre Macau e Hongkong, devendo em todo o caso satisfazer á velocidade de quarenta palavras por minuto;

7.º No contrato que o governo fizer devesse adoptar-se todas as regras prescritas pelas convenções telegraphicas internacionaes em vigor, prevendo-se devidamente os casos de interrupção do serviço, sendo dar-se a facilidade para o governo de suspender a transmissão, quando a consideração perigosa para a segurança do território a providencia dos despachos officiaes e todas as demais vantagens que se encontram em condições d'esta natureza.

8.º Durante o prazo de subscido os despachos officiaes serão transmittidos gratuitamente pelo cabo, e passando este prazo pagará-se metade da taxa; sendo sempre gratuita a transmissão de dois boletins meteorologicos por dia;

9.º A falta de collocação do cabo no prazo acima indicado, ou o não cumprimento de qualquer das condições do contrato que vier a ser locutado, dará ao governo o direito de rescisão;

10.º A companhia garantirá a execução do seu contrato com um deposito não inferior a 4:500:000 reis, que será levantado quando se provar que está em exploração o cabo submarino entre Macau e Hongkong, e collocado em condições de ser explorado o cabo entre Macau e a Taipa.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das marinhas e ultramar a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 17 de abril de 1884.—EL REI, com rubrica e guarda.—Manoel Pires de Gouveia Chagas.—(Logar do selo grande das armas reais.)

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das certas ge-

ras de 2 de março do corrente anno, que autoriza o governo a contratar com a "Eastern Australasia and China telegraph company limited" a collocação e exploração de um cabo telegraphico submarino entre Macau e Hongkong, ligando-se n'esta ultima cidade com a rede geral telegraphica sub-marina, e manda cumprir e guardar como n'ella se contém, pela forma n'ello declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*João de Sousa Castro Estêvão a fez.*

1.º Repartição
DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e das Algarves, etc. Famosos saber a todos os nobres subditos, que as certas genes decretadas e são que se a seguir se lê:

Artigo 1.º É concedida á confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos de Macau a posse do templo de Santo Agostinho da mesma cidade, ficando, porém, sem effeito esta concessão em qualquer epocha, se a mencionada confraria não proceder á reedificação, não prover devidamente á conservação do dito templo e á sustentação do culto.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das marinhas e ultramar a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 17 de abril de 1884.—EL REI, com rubrica e guarda.—Manoel Pires de Gouveia Chagas.—(Logar do selo grande das armas reais.)

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das certas genes de 24 de março ultimo, que concede conditionalmente á confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos de Macau, a posse do templo de Santo Agostinho da mesma cidade, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'ella se contém, pela forma n'ello declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*Pedro Nalvar de Silva de Oliveira Pires a fez.*



quartéis da 1.^a e 3.^a companhias da Guarda Policial; Palácio do Governo; Capitania do Porto; fortalezas do Monte, da Guia e do Bom Parto; Quartel do Batalhão do Ultramar; e Casa do Destacamento das Portas do Cerco.

Com o desenvolvimento das comunicações telefónicas, em 1907 surge a lista telefónica, que apresentava, além das estações oficiais, 76 particulares, e instruções de uso dos telefones. Em 1910, continha não só telefones de Macau, como também da Taipa e de Coloane. Um ano

○ DIA 1 DE MARÇO DE 1884 REPRESENTA O NASCIMENTO OFICIAL DOS CORREIOS DE MACAU, CUJO PRIMEIRO SELO SE DESIGNOU “COROA”, POR ILUSTRAR A COROA DO REINO DE PORTUGAL



ADMINISTRADORES DO CORREIO MARÍTIMO DE MACAU

- Felix José Coimbra (1798-1817)
- Felix Vicente Coimbra (1817-1823)
- Bernardo Gomes de Lemos (1824-1839 e 1839-1845)
- Domingos José Barradas (1845-1853)
- Ignácio Pires Pereira (1853-1861)
- José da Silva (1862-1869)
- Ricardo de Sousa (1869-1884)

DIRECTORES DOS CORREIOS DE MACAU

- Ricardo de Sousa (1884-1896)
- Francisco Xavier de Sousa (1896-1903)
- Luís Augusto Lopes dos Remédios (1903-1911)
- José Maria D' Almeida (1911)
- Artur Correia Barata da Cruz (1912-1927)
- Lino Moreira Pinto (1927-1932)
- Luciano Botelho Costa Martins (1932-1947)
- Joaquim Pereira Estrela de Oliveira (1947-1949)
- António Magalhães Coutinho (1949-1960)
- José Beltrão Poiães Baptista (1960-1964)
- Rui Salazar Trindade (1964-1974)
- Hipólito Botelho Ponce de Leão (1974-1979)
- António Sampaio Rodrigues (1979-1981)
- Luís Filipe Ferreira Simões (1981-1984)
- Carlos Reinaldo Pinheiro da Silva (1985-1989)
- Carlos Alberto Roldão Lopes (1990-2010)
- Lau Wai Meng (2010-)

depois, foi autorizada a inclusão de publicidade. Em 1915, a lista começou a apresentar a ordenação dos subscritores por ordem alfabética.

Em 1920, a Repartição dos Serviços da Marinha anunciou que as aulas de TSF começariam a funcionar no Quartel de S. Francisco. No mesmo ano procedeu-se à abertura ao público da estação radiotelegráfica de S. Francisco. Em 1924, verificou-se a concessão do exclusivo da instalação e exploração de uma estação transmissora de telefonia sem fios à

The Radio Communication Orient Company Limited, de Hong Kong.

Concentração de serviços

Até 1927, as comunicações telegráficas e telefónicas funcionavam sob a tutela da Direcção das Obras Públicas, de forma independente das comunicações postais, subordinadas à Direcção do Correio. Reconhecendo-se a perda de eficiência causada por esta dispersão, foi autorizada, em 29 de Junho, a integração dos serviços telefónicos e

COM O DESENVOLVIMENTO DAS COMUNICAÇÕES TELEFÓNICAS, EM 1907 SURGE A LISTA TELEFÓNICA, QUE APRESENTAVA, ALÉM DAS ESTAÇÕES OFICIAIS, 76 PARTICULARES, E INSTRUÇÕES DE USO DOS TELEFONES

radiotelegráficos nos telégrafo-postais. Ficaram assim estabelecidos os CTT, significando Correios, Telégrafos e Telefones ou, de forma mais simples, Correios e Telecomunicações. O ano ficou ainda marcado pela publicação do primeiro Boletim dos Correios e Telégrafos e pela criação da Escola Telégrafo-Postal.

Também ao nível das instalações se verificava uma separação, pelo que se determinou a construção de um edifício, no Largo de Senado. Foi concluído em 1929, sendo ainda hoje a sede dos Correios de Macau.

Também em 1929, assistiu-se à inauguração do serviço telefónico automático, o “sistema passo-a-passo”, adquirido à empresa alemã Siemens China & Co., de Hong Kong. Este serviço só foi instalado em Lisboa em 1930 – Macau era o território ultramarino onde as comunicações estavam mais desenvolvidas.

Em 1933, inaugurou-se uma estação de radiodifusão, que funcionava três vezes por semana e atingia Austrália, Nova Zelândia, Timor e Indonésia. Um ano depois efectuou-se a expedição das primeiras malas postais directas, uma para Lisboa e outra para Goa, no avião Dili, tripulado por Humberto Cruz e Gonçalves Lobato. E em 1937 arrancaram os serviços da Pan American Airways Co., que possibilitaram o recorde da maior mala postal até então, com 81.432 cartas.

Guerra e paz

As hostilidades do conflito sino-nipónico, em 1938, provocaram a interrupção das comunica-

ções radiotelegráficas com Cantão. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, os serviços postais entraram em declínio, enquanto os radiotelegráficos se revestiram de extrema importância, sendo necessário transferir funcionários radiotelegrafistas de outras repartições. Com a atribuição de autonomia financeira e administrativa aos CTT, em 1947, a situação começou a melhorar.

Em 1948, inaugurou-se o sistema radiotelefónico com Hong Kong, por frequência modulada, o qual se estendeu, no ano seguinte, a várias cidades chinesas, incluindo Cantão. Em 1949, devido à excelente situação financeira dos CTT, deu-se início à construção de dois bairros sociais para habitação dos seus funcionários, um inaugurado em 1950 e outro em 1952. Nesse ano, existiam em Macau duas estações de radiodifusão sonora: o Rádio Clube de Macau (que daria origem à actual TDM – Teledifusão de Macau) e a emissora Vila Verde, emitindo ambas diariamente, em português e chinês. Em 1954, testemunhou-se a abertura das estações telefónicas e postais da Taipa e de Coloane. Em 1958, surgiu o serviço de permuta de pacotes postais, por via marítima e aérea.

Durante as décadas de 1960 e 1970, Macau e, conseqüentemente, os CTT, foram afectados pela Revolução Cultural chinesa e pelo clima de instabilidade política que se vivia em Portugal. Sem recursos financeiros adequados, as comunicações, em especial as telecomunicações, tornaram-se cada vez mais dependentes de Hong Kong. A revolução portuguesa de 25 de Abril de 1974, juntamente com o estabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a China e a evolução favorável da política interna chinesa, trouxeram um crescimento económico acentuado ao território, para o qual muitas das estruturas administrativas não estavam preparadas, incluindo os CTT. No início da década de 1980, existia uma lista de espera com cerca de 12 mil pedidos para novas instalações telefónicas.

Modernização

A 20 de Outubro de 1981, após um complexo processo negocial, o Governo de Macau cele-

CAIXA ECONÓMICA POSTAL

A Caixa Económica Postal (CEP) foi criada em 1917, tendo como atribuições principais os depósitos e a Tesouraria dos Correios. A partir de 1983, passou a assegurar igualmente a gestão do Fundo de Bonificações para o Crédito à Habitação. A CEP é hoje uma instituição de crédito, podendo executar operações de natureza bancária.



Post Office and Maçao Hotel on Praya Grande, Macao.

ATRIBUIÇÕES DOS CORREIOS DE MACAU

Ao longo dos anos, foram várias as funções desempenhadas pelos Correios de Macau, muitas das quais passaram a ser da responsabilidade de outras entidades ou serviços públicos.

- Serviços Postais (desde 1884)
- Caixa Económica Postal (desde 1917)
- Operador de Telecomunicações (1927-1981)
- Supervisão dos Serviços das Indústrias Eléctricas (1928-1985)
- Serviços de Radiodifusão Sonora (1933-1973)
- Regulador de Telecomunicações e Gestor do Espectro Radioelétrico (1982-2000)
- Serviços de Certificação *eSign Trust* (desde 2006)
- Museu das Comunicações (desde 2006)

brou um contrato com a empresa inglesa Cable & Wireless PLC, para que criasse uma nova companhia em Macau, à qual seria concessionada a prestação de serviços públicos de telecomunicações por 40 anos. Esta viria a ser a Companhia de Telecomunicações de Macau (CTM), que opera até hoje.

Mantendo a função reguladora na área das telecomunicações, os CTT iniciaram uma fase de desenvolvimento, tendo criado a Divisão de Filatelia e o Correio Rápido (EMS), em 1982. A 30 de Junho de 2000, com a entrada em vigor do Regulamento Administrativo n.º 21/2000, as competências na área das telecomunicações

passaram para o Gabinete para o Desenvolvimento das Telecomunicações e Tecnologias da Informação (GDTTI), alterando-se a designação de CTT para Correios de Macau.

Nos últimos anos, os Correios de Macau apostaram na modernização dos seus serviços, destacando-se a instituição dos Serviços de Certificação Electrónica *eSign Trust*, em 2006; a abertura do Museu das Comunicações, em 2006; a adopção da norma internacional Serviços Electrónicos Postais Seguros (SEPS), em 2008; e a formação do Serviço Público de Carimbo Postal Electrónico Certificado (CPEC), em 2009. ■



Avenida Almeida Ribeiro

As ruas são os traços de expressão duma cidade. São únicas estas rugas do tecido urbano e cada uma tem uma história para contar. Mas há ruas tão importantes que são capazes de encher vários capítulos da mesma memória urbana. A quase centenária Avenida Almeida Ribeiro é uma delas.

Com esta obra esbateu-se a fronteira entre chineses e portugueses, Macau fez-se cidade cosmopolita. Na San Ma Lo, como é conhecida entre os residentes, conjuraram espões estrangeiros e refugiados chineses, passearam escritores e cineastas embevecidos pelo cenário simultaneamente romântico e exótico. Todos queriam descrever aquele Oriente multicultural e foi em ruas híbridas como a Almeida Ribeiro que primeiro lhe tiraram o pulso

T PATRÍCIA LEMOS
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O GRANDE mérito da San Ma Lo reside, provavelmente, na forma como agregou as cidades cristã e chinesa, ligando o Porto Interior e a Praia Grande, dois motores importantes do desenvolvimento local. Afinal, foi a grande razão desta obra, que ainda ajudou a cidade a fazer face ao galopante crescimento da população, apanhando assim o comboio urbano que reformava a Europa. Mas a locomotiva do progresso derrubou muito à sua passagem. Para além das demolições e expropriações, a obra cortou ainda a garra de um dragão que dava bom *feng shui* a Macau, assim acreditam os chineses que, consta, não eram muito a favor desta obra.

Antes da avenida ser avenida existiam apenas dois braços de terra batida: um com pouco mais de 100 metros que desembocava na Rua dos Mercadores e um outro troço que incluía o Largo do Senado. Durante quase uma década a avenida cresceu em três fases, primeiro construiu-se o troço da praça ao Pátio do Martelo, naquela que foi uma extensão de 62 metros e, dois anos mais tarde, em 1913, arrancaram as demolições. O pri-

meiro alvo a abater foi uma parte do Bazar chinês. Em 1918 foi a vez da casa do comerciante abastado Lin Lian ir abaixo, no cruzamento da Almeida Ribeiro com a Rua da Praia Grande. O terceiro troço, até à Praia Grande, ficou concluído no ano seguinte depois das últimas expropriações.

Apesar do seu espírito agregador, a San Ma Lo esteve sempre dividida entre a actividade comercial que seguia pelas perpendiculares, Porto Interior afora, e a administração pública, concentrada na primeira metade da avenida. Ainda hoje assim é, apesar do comércio não ser tão variado como outrora, daquele já não ser o coração do entretenimento local e das enchentes de turistas terem afastado o consumidor local.

Talhada segundo o figurino europeu, à Almeida Ribeiro acorriam muitos funcionários públicos portugueses que trabalhavam no Leal Senado e nos Correios de Macau e outras gentes atarefadas que visitavam o balcão do BNU ou tratavam de negócios nas muitas empresas que ali tinham o seu escritório montado, como a icónica importadora H. Nolasco. Havia sempre tempo para dar um salto à mercearia Soi Cheong que também era cambista ou passar pela Tabacaria Filipina e ainda afiar a má-língua nos cafés das redondezas. Foi assim durante décadas com os carros a tomarem cada vez mais conta daquele longo braço de asfalto da cidade.

A Almeida Ribeiro era a favorita das *promenades* de Macau. Havia muito para apreciar: as

A ALMEIDA RIBEIRO PERDURA ATÉ AOS NOSSOS DIAS COMO A PRINCIPAL ARTÉRIA DA CIDADE, MAS ALI JÁ NÃO MORAM OS FAMOSOS CAFÉS OU OS GRANDES HOTÉIS

lojas e o colorido da publicidade, as fachadas neoclássicas dos edifícios públicos e das bonitas moradias de famílias ricas cheias de motivos de *art déco* e arte nova, sobretudo na segunda metade da avenida. Era até “chique” ir aos sábados ao Apollo e depois do cinema “ir tomar um café ao Ruby”, como recordou Henrique de Senna Fernandes numa palestra em 2002. Os mais boémios, chineses e estrangeiros, ainda se divertiam nos clubes dos hotéis Central e Kuoc Chai, alguns até para alimentar o vício do jogo. Afinal foi na San Ma Lo que nasceu o casulo do jogo de Macau.

A Almeida Ribeiro perdura até aos nossos dias como a principal artéria da cidade. Foi renovada nos anos 1980 mas ali já não moram os famosos cafés, os grandes hotéis com os seus clubes misteriosos, as populares salas de cinema e desapareceu grande parte do seu comércio tradicional. Agora a San Ma Lo é mais para turista ver. ■



AVENIDA DE ALMEIDA RIBEIRO

亞美打利庇盧大馬路

SAN MA LO 新馬路
(a-mei-ta-lei-pei-lou-tai-ma-lou)

TRADUÇÕES POSSÍVEIS
Rua Nova
Avenida Nova



1 Hotel King Kee/Riviera

O primeiro hotel de Macau abriu no século XIX como King Kee (King Hee), mudando de gerência no início da segunda década do século XX e de nome para Macao Hotel. É depois remodelado por 120 mil patacas e abre como Riviera, tornando-se o favorito dos portugueses e dos turistas de Hong Kong atraídos pelo requinte da sua decoração e bem-estar proporcionado. Ali esteve hospedado o poeta Camilo Pessanha e eram muitos os espões que se reuniam naquele edifício. Nos anos 1970 foi demolido e hoje é morada do Edifício Comercial Nam Tung.

2 BNU

Foi o primeiro banco comercial de Macau e pioneiro nas suas características ocidentais, apesar de estar em funcionamento com filial desde 1902 só ganhou esta casa própria em 1926, naquele que era então o pólo económico da cidade. Alvo de várias remodelações, a sua grande renovação e ampliação dá-se em 1997, sendo acrescentada uma estrutura moderna no topo sem mácula para a fachada tradicional. Está nas mãos da Caixa Geral de Depósitos desde 2001.

3 Café Ruby

Muito popular entre portugueses e macaenses nos anos 1950, este café enchia aos fins-de-semana antes e depois das sessões de cinema do Apollo que, como a Tabacaria Filipina, ficava nas proximidades. O Ruby reinou como espaço de convívio macaense até aos anos 1960, altura em que o Solmar abriu na avenida da Praia Grande. Terá fechado nos anos 1970. Há vários anos que ali se instalou uma Pizza Hut.

4 Correios de Macau

O primeiro selo de Macau, a Coroa, entrou em circulação em 1884, mas a estação dos correios só se instalou definitivamente no imponente edifício de betão da Almeida Ribeiro em 1929. Ocupou o espaço de várias casas, incluindo a sede da Associação de Beneficência Tong Sing Tong. Nos Correios e Telégrafos de Macau funcionava ainda a Central Telefónica Automática e, em 1933, foi inaugurado o posto de radiodifusão CRY9 no segundo andar do edifício.

5 Cinema/Teatro Apollo

Conhecido entre os chineses como Peng On Hei Yuen, esta sala de cinema com plateia e galeria abriu em 1935 com uma lotação superior a mil pessoas, tendo ainda sido palco de espectáculos nas décadas seguintes. Eram vários os cinemas de Macau, mas o Apollo era um dos mais populares, mantendo-se em actividade durante cerca de 60 anos. O edifício é agora ocupado por uma loja de pronto-a-vestir.

6 Edifício do Leal Senado

A obra original terá sido construída entre 1573 e 1620 e incluía um muro. Era então conhecida como o Pavilhão Senatorial. Um segundo edifício foi ali erguido em 1784 em estilo barroco e a fachada neoclássica, conforme a conhecemos, data da remodelação dos anos 1940. Ali já operou uma cadeia, um tribunal e até uma estação de correios, mantendo-se ainda hoje ali abertas ao público uma capela e a mais antiga biblioteca de Macau que é um dos *ex libris* da cidade. De Senado passou a Câmara Municipal em 1847 e é desde 1999 a sede do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais.

8 H. Nolasco & Cia

Como a Soi Cheong esta empresa mudou muito desde a sua fundação em 1920. Começou por se dedicar à importação de produtos de Portugal, alargando depois a actividade e abrindo uma agência de viagens em 1947. O negócio continuou a crescer no sector dos serviços, expandindo-se até para fora de Macau. Esta empresa foi fundada por Henrique Nolasco da Silva que também detinha a Pharmácia Popular.

9 Café Safari

Como os cafés Belo e Ruby, este foi um dos espaços de convívio mais populares da San Ma Lo. Consta que era conhecido nos anos 1960 como "O Nosso Café" e era um ponto de encontro da "malta", leia-se macaenses.

10 Hotel President/Central

O Hotel President abriu em 1928 mas não era tão conservador como o seu contemporâneo Riviera. Ganhou fama por ser o primeiro arranha-céus de Macau e pelo animado salão de dança do Clube Hou Hing. O Central, como se viria a chamar dois anos mais tarde, incluía até um cinematógrafo, o famoso restaurante Golden Gate, um jardim no terraço e elevadores eléctricos. Atingiu o apogeu durante a guerra, com os salões cheios de japoneses, refugiados e ocidentais. Foi mesmo motivo de inspiração do escritor Ian Fleming. Manteve o nome no virar do século mas perdeu o fausto. É hoje um hotel decadente de apenas duas estrelas.

11 Vitória

O primeiro cinematógrafo de Macau terá aberto em 1910 na Calçada Oriental ou aqui mesmo nesta esquina, reabrindo depois como Teatro Vitória em 1921. Remodelado e modernizado nos anos 1930, este cinema viria a ser demolido em 1971, dando depois lugar a uma sucursal do Banco Tai Fung.

12 Loja de Penhores Tak Seng On

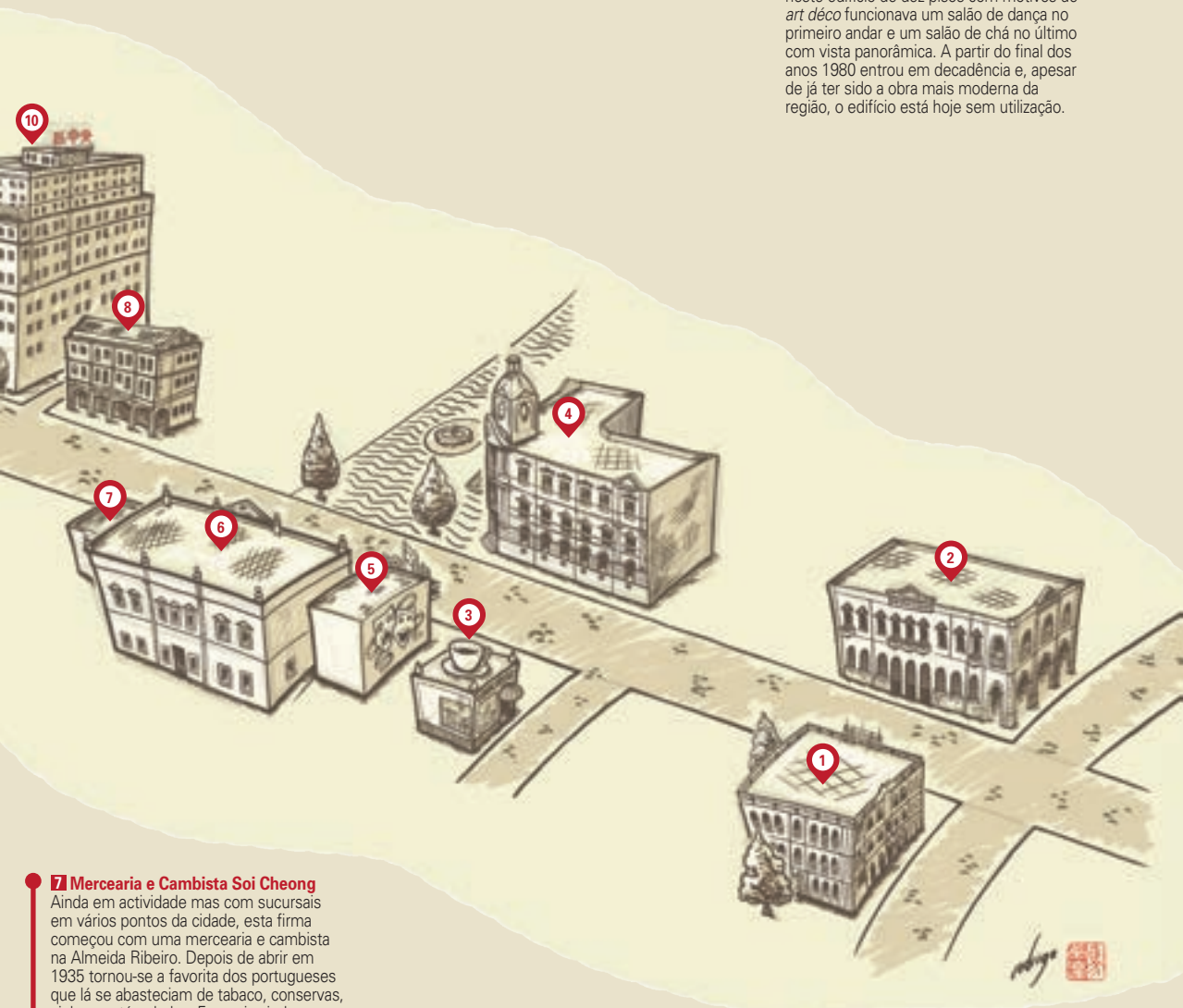
A Torre Prestamista e a Casa de Penhores Virtude e Sucesso (Tak Seng On) abriram em 1917. Um exemplo arquitectónico deste milenar negócio chinês, o edifício pertencia à família Kou Ho Ning e prosperou até à década de 1970. O conjunto foi renovado em 2000, a torre foi convertida numa casa de penhores tradicional e abriu três anos depois a par do Clube Cultural que, entretanto, fechou no início de 2014.

13 Casino Kam Pek

Foi um dos primeiros casinos de Macau, abrindo as portas em 1963. Há cerca de 15 anos que as máquinas de jogo foram desligadas. Hoje em dia, dá pelo nome de Kam Pek Community Centre e funciona sobretudo como sala de eventos.

14 Grand Kuoc Chai

Construído em 1941, este hotel de luxo tinha como grande alvo o mercado chinês. Viveu os melhores dias na II Guerra Mundial como palco de episódios dignos dos melhores filmes de espionagem. Conhecido por muitos como Grand Hotel, neste edifício de dez pisos com motivos de *art déco* funcionava um salão de dança no primeiro andar e um salão de chá no último com vista panorâmica. A partir do final dos anos 1980 entrou em decadência e, apesar de já ter sido a obra mais moderna da região, o edifício está hoje sem utilização.



7 Merceria e Cambista Soi Cheong

Ainda em actividade mas com sucursais em vários pontos da cidade, esta firma começou com uma merceria e cambista na Almeida Ribeiro. Depois de abrir em 1935 tornou-se a favorita dos portugueses que lá se abasteciam de tabaco, conservas, vinhos e até gelados. Fornecia ainda as repartições públicas, o exército e a armada e era tal o orgulho que tal constava na sua publicidade. No lugar da Soi Cheong opera agora uma loja de óculos.

CUJU (蹴鞠)

O primo direito mais antigo do futebol

T F JOSÉ SIMÕES MORAIS

Significa literalmente “chutar a bola” e é um antigo jogo de futebol com semelhanças ao futebol actual. O cuju foi reconhecido pela FIFA como um dos principais precursores do futebol moderno. Registos literários e artísticos da Dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.) comprovam que afinal o berço do desporto-rei está na China



VIAJANDO PELO Norte da província de Shandong chegámos a Linzi, capital do Reino Qi durante 800 anos e onde ergue-se um templo dedicado a Jiang Taigong, a quem fora oferecido este reino pelos serviços prestados aos primeiros reis da dinastia Zhou. Aí, estranhamente, também encontrámos o Museu do Futebol.

Na China, o jogo de futebol como hoje o conhecemos é recente e só em 1994 foi formada a Liga Chinesa de Futebol Profissional, aparecendo dez anos depois a Super Liga. No entanto, o *cuju* (蹴鞠), a forma mais antigo do desporto-rei, já aí reinava muito antes disso.

Nos anos 1970, muitos países reclamavam ser o berço do futebol e a Inglaterra proclamou-se o país onde o desporto nasceu. Ainda assim, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) achou necessário criar um grupo de investigação para recolher informações e analisar registos históricos dos locais onde o futebol ter-se-ia originado. Em Julho de 2004, os 36 investigadores envolvidos nesta missão realizaram uma votação com base nas suas descobertas e, por unanimidade, declararam Linzi como o berço do desporto-rei.

Na Cerimónia de Abertura do Campeonato Asiático de Futebol em Pequim, em Julho de 2004, altura que também se realizava na ca-



pital chinesa a Terceira Exposição de Futebol na China, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, anunciou oficialmente que o jogo de futebol tal como conhecemos hoje tem origens no *cuju*, prática desportiva da China antiga. Ainda no mesmo ano, na comemoração dos 100 anos da FIFA, Blatter reconheceu ter sido na China, mais propriamente em Linzi, pertencente a Zibo, actual província de Shandong, que se iniciou o jogo com bola usando os pés.

Origem do *cuju*

Há 4000 anos as pessoas utilizavam bolas de pedra como armas de caça que foram evoluin-



do até se tornarem num equipamento diário de diversão. Três dessas bolas, encontradas num túmulo em Banpo da dinastia Shang (1600-1046 a.C.), são a prova de que o jogo com bola era já nessa altura praticado. No final do Período Primavera e Outono, um desporto com regulamentos claros nasceu em Linzi e foi criado para a preparação física e estratégica do exército do Reino Qi. Conhecido por *cuju*, está descrito em dois antigos livros de história, que registaram os seus primórdios. Em *Estratégia dos Reinos Combatentes – Reino Qi*, Liu Qian refere ser Linzi uma região rica, onde os seus habitantes gostavam de tocar instrumentos musicais e de praticar ‘taju’. Este é um dos outros nomes pelo qual o *cuju* é conhecido – outras forma incluem, por exemplo, *cuqiu*, *cuyuan*, *zhuqiu* e *tiyuan*. Sima Qian, na obra *Memórias Históricas* (Shi Ji) escritas durante a Dinastia Han do Oeste, refere-se expressamente ao jogo *cuju*, existente já no Reino Qi, na capital Linzi.

Esses registos apontam para que *cuju* tenha aparecido na China em 685 a.C., quando Guan Zhong, o primeiro-ministro do Duque Huan do Reino Qi, pretendia dotar o seu reino com uma poderosa força militar. Por isso, agrupou as pessoas de acordo com aptências específicas para o desempenho de ofícios. Nos tempos de paz, as diferentes equipas trabalhavam na terra e preparavam-se militarmente através da prática intensa do *cuju*. Com regras estabelecidas, as equipas jogavam com uma bola, pontapeando-a e assim os caracteres referentes à *Cu* (蹴), usar os pés para jogar, e *Ju* (鞠), bola feita de couro, foram combinados dando origem ao termo *cuju*. Até à Dinastia Han (206 a.C.–220 d.C.) o jogo tinha grandes parecências com o futebol moderno.

Quando Liu Bang fundou a Dinastia Han do Oeste e se tornou o Imperador Gao Zu (206-195 a.C.) fez a sua capital em Chang’an, hoje Xi’an na província de Shaanxi. Proveniente de uma família de Xuzhou, na actual província de Jiangsu, o imperador pediu aos pais que se mudassem para a capital, para viverem num luxuoso palácio dentro da corte. Contra as suas expectativas, o pai não se sentia feliz, pois estava habituado a viver com pessoas simples, que gostavam de lutas de galos e de jogar *cuju*. O imperador ordenou então a construção de uma nova cidade, recriando aquela que o pai e mandando vir os velhos amigos dele, voltando assim a poder jogar

cuju, segundo a história escrita por Ge Hong na obra *Registos Xijing*, da Dinastia Han.

Treino militar e diversão para todos

A prática tornou-se ainda mais popular durante a Dinastia Han do Oeste, porque tanto possibilitava um intenso treino militar aos soldados como servia também de entretenimento para membros da família real e comuns mortais. A mestria dos jogadores no pontapear e controlar a bola ganhou grande pujança e o jogo tornou-se cada vez mais rotineiro, com várias equipas a entrar em campo. Daí evoluiu para um desporto de alta competição, regido por regulamentos profissionais muito semelhantes aos do futebol de hoje.

Jogado num estádio próximo ao Palácio Imperial, o imperador tomava-o tão a sério como a inspecção do seu exército. Os joga-

NOS PRIMEIROS TEMPOS, O DESPORTO ERA USADO DE FORMA COMPETITIVA COMO TREINAMENTO FÍSICO PARA CAVALEIROS MILITARES, ENQUANTO QUE EM OUTROS LUGARES, PRINCIPALMENTE EM CIDADES RICAS COMO LINZI, ERA PRATICADO COMO FORMA DE DIVERTIMENTO





DEVIDO AO SEU DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL, A DINASTIA SONG (960-1279) TESTEMUNHOU UM GRANDE FLORESCIMENTO DO CUJU, ESTENDENDO A SUA POPULARIDADE A TODAS AS CLASSES SOCIAIS. OS BONS PRATICANTES ERAM IDOLATRADOS E A PARTIR DE ENTÃO O DESPORTO COMEÇOU A SER USADO PARA FINS COMERCIAIS

dores eram divididos em diferentes grupos e competiam em confrontação directa, como numa batalha. No livro *Ju Cheng Ming* da Dinastia Han do Leste, Li You descreveu o necessário para um jogo de cuju: “Bolas redondas e paredes quadradas como o *yin* e *yang*; balizas em forma de lua opostas uma à outra; cada lado tem seis, igual em número; selecciona os capitães e aponta o árbitro; baseado em imutáveis regulamentos; não considera família e amigos; não satisfaz a parcialidade; mantém justiça e paz. Se tudo isto é necessário para regular o jogo, quanto mais é preciso para direccionar a nossa vida.”

Mais tarde, o Imperador Wu Di (140-87 a.C.) reuniu-se na capital Chang’an com uma assembleia de mestres de cuju de todas as partes da China, tendo aí se realizado um grande jogo. Com o rápido desenvolvimento da economia durante a Dinastia Han, passou a haver mais espaço para a diversão e o jogo de cuju passou a ser o desporto de eleição da corte e do povo.

Com golos ou sem eles, a prática tinha na essência a qualidade de controlar a bola de couro com os pés e o corpo, excepto com os braços e mãos. Podia ser jogado por uma pessoa, que dava uns toques na bola, e quando jogado por duas, ou mais, passavam a bola entre si, mas sem formarem equipas. Essa técnica de controlar a bola era designada por *xieshu* e estava dividida em três partes: *xieshu* de cima (controlo da bola pelos ombros, peito, costas e ca-

beça), *xieshu* médio (joelho, cintura e barriga), e *xieshu* baixo (perna, peito do pé, tornozelo, pontas do pé e calcanhar). Diferentes combinações dos três *xieshu* podiam ser temporariamente utilizados para dar resposta aos ressaltos de bola e fazê-la dirigir para continuar o jogo.

O retorno da ‘febre’

Com a China a regressar a um período de guerras, do final da Dinastia Han até ao século VI, o cujo serviu para treino militar, mas já sem os grandes desafios de competição no estádio. Esses nunca mais se fizeram e os espectáculos de controlar a bola passaram a ser realizados pontualmente em festivais, com talentosos jogadores a demonstrar as suas habilidades no domínio da bola.

Na Dinastia Tang o jogo regressou em força e evoluiu no sentido do espectáculo. Deixava de haver duas balizas e a bola ganhou outra qualidade, sendo dividida em oito partes e no seu interior havia uma tripa que era insuflada com ar, ficando assim muito mais leve. As mulheres também começaram a praticá-lo. Bem aceite pela sociedade, tornou-se numa moda, sendo o Festival do Qingming um dia especial para este jogo.

Não havia confronto directo entre as equipas, já que a única baliza – feita de dois paus de bambu de 6,7 metros de altura, separados por dois metros entre si e com um aro vertical chamado de *fengliuyan* – era agora colocada no meio do campo. Quando a bola cruzava o aro central, era assinalado golo. Noutras ocasiões, o jogo era disputado sem a meta de se marcar golos. O *baida cuju*, que surgiu na dinastia Tang e continuou pela Song, focava-se na habilidade de pontapear e controlar a bola. Quem se distinguisse em dar os melhores toques era aplaudido efusivamente. As equipas, formadas por entre um a dez indivíduos, usavam apenas a bola para os seus ‘espectáculos’.

Na Dinastia Tang, a prática estendeu-se à Coreia e ao Japão, e na Dinastia Song, o cujo atingiu o seu apogeu. A bola feita de couro estava

À BALIZA, FEITA DE DOIS PAUS DE BAMBU E UM ARO CENTRAL, FICAVA NO MEIO DO CAMPO: QUANDO A BOLA CRUZAVA CÍRCULO ERA ASSINALADO GOLO



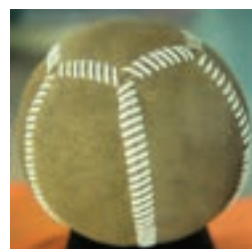


AS ORGANIZAÇÕES DE CUJU SURGIRAM EM GRANDES CIDADES DO REINO E SÃO AGORA RECONHECIDAS COMO OS MAIS ANTIGOS E QUIÇÁ PRIMEIROS CLUBES PROFISSIONAIS DE CUJU, CUJOS PARTICIPANTES ERAM GERALMENTE ARTISTAS PROFISSIONAIS APAIXONADOS PELA MODALIDADE

dividida em 12 partes, tomando uma forma muito mais redonda. Qingyuanmiao Daozhenjun era o ‘deus’ do cuju, respeitado e colocado nas casas dos amantes da modalidade. Os praticantes faziam até cerimónias de sacrifício e queimavam incenso ao deus, para mostrar o seu respeito antes de entrarem no recinto de jogo. Ainda assim, nem todos eram talentosos. Nos registos de *Cuju Tu Pu*, da Dinastia Song, lê-se que “é difícil encontrar um excelente jogador de cuju e entre mil, apenas aparecem dois”.

Para alcançar o sucesso, os jogadores deveriam aprender com bons mestres e darem tudo de si para atingirem a perfeição. Na comunidade Qi Yun, era essencial aprender todos os passos da cerimónia de respeito e um jogador que quisesse entrar para o grupo de-

veria oferecer um banquete e prendas ao mestre. Com as regras já bem definidas e de forma madura, a competição era feita a nível nacional e passou a ter uma matriz comercial. As



As primeiras bolas: À esquerda um exemplo da Dinastia Song e à direita da Dinastia Tang



OS AMADORES QUE DESEJAVAM SE AVENTURAR NUMA CARREIRA PROFISSIONAL PRECISAVAM PAGAR UMA TAXA ANTES DE SE TORNAREM MEMBROS DOS CLUBES E DEVERIAM DESIGNAR FORMALMENTE UM PROFISSIONAL QUE SERIA SEU MESTRE E PROFESSOR

crianças também jogavam o cuju como forma de divertimento, tentando imitar habilidosos os toques que viam nas feiras.

Na Dinastia Song, muitos foram os imperadores amantes do cuju, mas nenhum como Hui Zong (1100-1125), que teve dois primeiros-ministros mestres deste desporto. Na Dinastia Song do Sul, havia já muitas associações de cuju, com a dos Jogadores Profissionais de Cuju comparável às actuais associações de futebol, apesar da modalidade ter uma forte vertente recreativa e cultural e muito pouco de competição.

O declínio do cuju ocorreu com a chegada da dinastia mongol Yuan (1271-1368), mais afeita ao arco e flecha, tal como ao pólo, que passaram a ser os desportos favoritos. O cuju continuou aos poucos a perder adeptos até eclipsar-se do

quotidiano chinês nos finais da Dinastia Qing, por ser meramente uma forma de entretenimento e não um jogo de competição, o que levou ao desinteresse das pessoas.

O jogo do cuju atingiu uma larga influência na China por mais de dois milénios, penetrando em muitos aspectos da vida cultural da sociedade da altura, actuando como estímulo ao desenvolvimento da literatura, desporto, música, sendo retransmitida aos vizinhos da Coreia e Japão. Com a sua expansão para fora da China, o cuju tornou-se gradualmente o mais popular dos desportos no mundo. “O futebol originou-se na China e daí passou para o Egito. Depois atingiu a Grécia, Roma, França e finalmente chegou ao Reino Unido”, afirma, sem dúvidas, Joseph Blatter, presidente da FIFA. ■



FESTIVAL DA LUSOFONIA DE GOA

O reatar de ligações históricas

Depois de em 2014 ter recebido a terceira edição dos Jogos da Lusofonia, Goa volta a impulsionar as suas ligações com o universo dos países de língua portuguesa. Durante um mês, entre Fevereiro e Março, o Estado indiano organizou pela primeira vez o Festival da Lusofonia. Macau esteve representado com uma exposição fotográfica sobre a vida quotidiana da cidade pelas lentes da artista Margarida Fernandes. O sucesso do evento já lhe ditou o futuro: ano que vem, há mais

T FERNANDO MONTE DA SILVA
F SANKET CHAVAN E ARLINDO D’MIRANDA
EM GOA, ÍNDIA

UMA COLECCÃO de fotografias do século XIX, exposições sobre Macau, Angola e Timor-Leste, aulas de samba e *workshops* de culinária foram os itens que compuseram o vasto cardápio do primeiro Festival da Lusofonia de Goa. De 20 de Fevereiro a 20 de Março, foram 30 dias recheados de sabores, danças, artesanato, música e cultura dos

países de língua portuguesa. Aurobindo Xavier, presidente da Sociedade Lusófona de Goa, que organizou o evento, aponta que a iniciativa é “uma tentativa de reatar ligações históricas” e que veio para ficar.

“Depois de 1961 [quando os territórios portugueses de Goa, Damão e Diu foram anexados pela União Indiana], Goa perdeu muitas das afinidades que tinha com as antigas colónias portuguesas como Brasil, Moçambique, Macau e Timor

-Leste. Por razões de natureza política, houve um esfriamento dessas relações e só nos últimos 20 anos a Índia facilitou os contactos de Goa com esses países lusófonos”, refere Aurobindo Xavier.

Um dos pontos altos do certame foi a exposição “Viagem ao Oriente”, da colecção do Museu de Lamego, que levou pela primeira vez ao estrangeiro um conjunto de fotografias dos primórdios do século XIX que retratam as aventuras das viagens marítimas

de Lisboa a Timor, passando pelo Canal do Suez, o Egipto, Bombaim, Goa, Damão, Nagar-Aveli, Sri Lanka e Indonésia. “Trata-se de um conjunto de imagens inéditas, expostas pela primeira vez em Portugal no ano passado. É um projecto muito interessante que resultou da identificação e do inventário de espólios fotográficos familiares do Douro. As imagens transportam-nos para um mundo novo, no auge da descoberta e do fascínio da Europa pelo Oriente”, apontou o presidente da Sociedade Lusófona de Goa. Depois da Índia, a exposição segue para Londres.

De Macau chegaram imagens da vida quotidiana, da herança arquitectónica portuguesa e da harmonia entre portugueses e chineses. Pelas lentes de Margarida Fernandes, viu-se uma Macau quase que parada no tempo, com as tradições chinesas e o ambiente europeu combinados em cada retrato na exposição “Glimpse of Macau”, patente na galeria Sanskruti Bhavan de Panjim. Houve ainda mostras fotográficas sobre “as paisagens e povo” de Angola e um “olhar turístico” sobre Timor-Leste.

Laços arquitectónicos e gastronómicos

A conservação arquitectónica em Portugal e Goa foram o tema de um debate entre arquitectos dos dois países, numa altura em que grande parte dos prédios antigos da região indiana já foram demolidos para abrir espaço para construções mais modernas. O português Gerson Rei de Coimbra e o goês Ketak Nachinolkar sentaram-se à mesa da Biblioteca Central



Aurobindo Xavier

AUROBINDO XAVIER, PRESIDENTE DA SOCIEDADE LUSÓFONA DE GOA, QUE ORGANIZOU O EVENTO, APONTA QUE A INICIATIVA É “UMA TENTATIVA DE REATAR LIGAÇÕES HISTÓRICAS” E QUE VEIO PARA FICAR

do Estado de Goa, em Panjim, para discutir afinidades arquitectónicas e trocar impressões sobre a preservação de edifícios de grande valor histórico.

No que toca à gastronomia, muito mais do que provar, os goeses foram convidados a fazer. Um grupo de cozinheiras

brasileiras ficou responsável por leccionar um *workshop* sobre a doçaria tradicional, que mereceu sala cheia. Durante uma tarde inteira, uma plateia composta anotou receitas do quindim, da torta de banana, do brigadeiro, da queijadinha ou da broa Caxambu. Fernanda Figuei-





ró, brasileira que reside há quatro anos em Goa e a chefe das pasteleiras no evento, classifica a experiência como “altamente satisfatória”. “Há muitas semelhanças entre as cozinhas brasileira e goesa. Um festival deste género serve sobretudo para realçar essas semelhanças e aproximar culturas também pelo estômago”, referiu.

O Brasil teve ainda direito à uma festa com toda a popa e circunstância, sob o mote que já diz tudo: “Feijoada e Samba”, em Margão. “Esta foi a primeira vez que Goa teve contacto tão de perto com a cultura brasileira”, aponta o

presidente da Sociedade Lusófona de Goa. Houve muita caipirinha – à semelhança do que acontece anualmente no Festival da Lusofonia de Macau – feijoada, pão de queijo e moqueca, e demonstrações de samba. Ao encontro juntou-se ainda os pastéis de bacalhau portugueses, a cachupa cabo-verdiana, o mufete angolano e ainda a quizomba, o kuduro e a zumba. “Esta é uma maneira de demonstrar aos goeses que temos mais semelhanças do que diferenças com estes povos lusófonos”, afirmou Aurobindo Xavier. Não houve, porém, espaço para a comida de Goa,

por uma questão estratégica. “A ideia era que os goeses tivessem contacto com outros sabores, por isso deixamos os pratos locais de fora”, explicou o organizador.

Surpresas do Sul e do Leste

Embora grande parte dos eventos do Festival da Lusofonia



Rui Baceira e Margarida Fernandes

PELAS LENTES DE MARGARIDA FERNANDES, VIU-SE UMA MACAU QUASE QUE PARADA NO TEMPO, COM AS TRADIÇÕES CHINESAS E O AMBIENTE EUROPEU COMBINADOS EM CADA RETRATO NA EXPOSIÇÃO “GLIMPSE OF MACAU”



nia tenha se realizado no norte de Goa, do sul e da zona oriental sopraram 'bons ventos'. Em Colva, a galeria Ray's Atelier recebeu exposições sobre os recursos naturais de Angola e o despertar para o turismo de Timor-Leste e teve casa cheia durante o mês inteiro. Já na zona de Dharbandora, ao leste, uma inesperada multidão juntou-

se para ouvir falar das ligações indo-portuguesas e celebrar, a 13 de Março, o "Dia Lusófono". Para a grande maioria dos presentes no Goa Multifaculty College, esta foi a primeira vez que ouviram falar dos laços históricos entre Portugal e Índia e sobre o universo da lusofonia.

Com uma comunidade lu-

sófona cada vez maior – prova disso é o facto de todos os eventos do festival se terem feito com a colaboração de residentes naturais de países de língua portuguesa residentes em Goa –, a Sociedade Lusófona de Goa quer retomar a festa em Fevereiro de 2016. "Como há muitos brasileiros a residir em Goa neste momento, decidimos dar destaque ao Brasil nesta edição, com uma grande participação também de cabo-verdianos, angolanos e portugueses. Para o ano, vamos ter outro país como destaque", referiu Aurobindo Xavier.

Anualmente, a Sociedade Lusófona de Goa tem organizado a Semana da Cultura Indo-Portuguesa, com destaque para a música e a literatura. No ano passado, realizou-se também no Estado indiano o congresso internacional sobre a «Índia e o mercado lusófono». Mas festa como esta, com a participação massiva de goeses, nunca se viu. ■



ROTA DAS LETRAS – FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

Letras que formam um todo

Na sua 4.^a edição o Festival Literário de Macau começa a ganhar forma de adulto. Foi em 2012 que dois amantes das letras, palavras e textos decidiram partilhar o seu gosto com a sociedade de Macau. Quatro edições depois a Rota das Letras já conquistou jovens e adultos, artistas profissionais e amadores. O antigo tribunal foi a casa que acolheu esta nova edição que se destacou por ter o primeiro workshop em língua chinesa

T FILIPA ARAÚJO

F TATIANA LAGES/ FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

O **FESTIVAL** Literário Rota das Letras começa a deixar de ser uma novidade para os que neste território habitam. “Não é um festival direccionado para a comunidade lusófona”, assim começa a nossa conversa com Hélder Beja, vice-director do evento literário, que sublinha que o festival pretende acima de tudo dar “primazia à língua chinesa, aos seus autores, dando depois um peso muito parecido ou igual à literatura, língua e autores lusófonos”.

Depois de três edições passadas é impossível negar a evolução que a 4.^a edição da Rota das Letras sofreu. A âncora do festival continua a ser a mesma: “criar um evento que pudesse reunir durante alguns dias autores da lusofonia e da China e que além disso convidasse essas pessoas a escrever sobre Macau”, assim garantiu a organização. A partir daqui “o conceito

foi evoluindo” e passou de uma ideia inicial de palestras para um grupo de actividades, tais como, exposições, concertos, *workshops*, projecção de filmes, entre outras coisas.

Relembrando o ano de nascimento do evento, Hélder Beja assume que “o local não foi o melhor”, tendo a organização percebido que eram necessários menos convidados e um espaço que os ligasse. E tudo isto aconteceu nesta quarta edição que reuniu mais de 40 convidados num único ponto de encontro: o antigo tribunal de Macau.

“Acho que o festival está muito bem organizado. Já conheço os organizadores e o facto de terem conseguido criar um espaço em comum, apesar de nem todos os momentos literários serem ali [no antigo tribunal], há um ponto de encontro, que foi muito bem aproveitado”, contou João Tordo, autor português e convidado para esta edição.

O vice-director olha para a edição agora terminada com a sensação de dever cumprido e leva

MACAU



Blademark
músicos



Cecília Jorge
investigadora
e escritora



Chan Im Wa
escritora



Joe Tang
escritor



Mike Ao leong
fotógrafo
e vídeoartista



Rogério Beltrão Coelho
jornalista



Summer Ha
designer



uma certeza no bolso. O antigo tribunal “é o sítio ideal para a realização deste festival”. “Queremos que este seja o sítio deste evento, não queremos voltar para o teatro D. Pedro V [local que acolheu o evento nas segunda e terceira edições]”, reforça.

A agradecer a todos

A adesão superou as expectativas criadas pela organização, que pela primeira vez viram as suas salas “sem cadeiras disponíveis”. “Tivemos pa-

lestras e *workshops* com sala cheia. A Rota das Escolas – actividade que fizemos com as escolas, onde levámos os autores às escolas para conversar com os alunos e responder a perguntas – foi um dos momentos que nos encheu de alegria. Foi muito bom ver as crianças interessadas e fazer perguntas”, exemplificou Hélder Beja.

Inquestionável foi também a adesão das várias faixas etárias. O público fez-se mostrar e as instalações do antigo tribunal receberam residentes de todas as idades, de todos os interesses e pessoas das regiões vizinhas. “Apesar de serem visitas pontuais, a nossa massa de visitantes é maioritariamente local, recebemos pessoas de Hong Kong, Taiwan e do Interior da China, como por exemplo Zhuhai. Estas são visitas principalmente de profissionais, de autores que conhecem outros autores, de ilustradores, tradutores, pessoas que estão mais na área”, esclareceu.

Variedade em cima da mesa

Do leque dos convidados fizeram parte escritores, tradutores, guionistas, escultores, fotógrafos e músicos. Adelino Gomes fez as honras da casa, num pré-evento no dia 18 de Março, com a apresentação do livro *Os Rapazes dos Tanques* em língua portuguesa, com tradução para inglês. No dia seguinte foi oficialmente inaugurada abertura a 4.ª Edição do Festival Literário, uma sessão em três idiomas – português, chinês e inglês. E é assim mesmo que a organização pretende ser, “um festival trilingue” que permita a todos estar, perceber e participar.

Muito mais nomes marcaram presença nas actividades. João Tordo conduziu algumas palestras em instituições de ensino de Macau, como por exemplo, o seminário “A Caminho de ser Escritor: Carreira e Criatividade” que aconteceu no novo campus da Universidade de Macau. A autora portuguesa Maria do Rosário Pedreira, juntamente com poetas locais, pro-

CHINA



Ge Zhe
artista plástico



Murong Xuecun
escritor



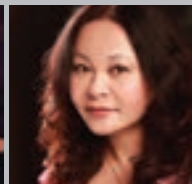
Wang Anyi
escritora



Xi Chuan
escritor
e tradutor



Yan Ge
escritora



Yang Hongying
escritora



HONG KONG



Ann Hui
cinéasta



Kelly Yang
escritora



LMF
músicos



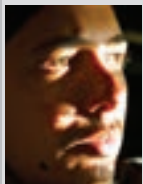
Wong Bik-wan
escritora

TAIWAN



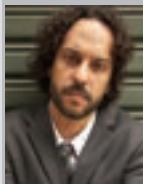
Hung Hung
poeta e cineasta

ANGOLA



Ondjaki
escritor

BRASIL



Gabriel O Pensador
músico

FILIPINAS



Xyza Cruz Bacani
fotoágrafa



tagonizaram uma das sessões de poesia que aconteceu nesta edição.

Mas não só de letras viveu este festival. A música foi uma das personagens principais. Principalmente com a presença do Maestro António Victorino D’Almeida que brindou o público com concerto ao piano, de improviso. O *rapper* brasileiro Gabriel, o Pensador encheu o Cotai Arena, na noite que recebeu a primavera, dia 21 de Março, com a companhia de duas outras bandas musicais LMF (Hong Kong) e Blade-mark (Macau).

A missão do evento está cada vez mais delimitada. “Queremos que o festival seja acima de tudo um espaço de reflexão e de pensamento, mas também queremos que seja uma celebração da arte e da cultura, que haja uma parte festiva permitindo que o festival não se fecha a si próprio”, argumenta Hélder Beja.

No programa reinou também uma surpresa. Pela primeira vez na ainda recente história do festival literário, que acontece sempre entre o Ano Novo Chinês e a Páscoa, decorreu um *workshop*

em língua chinesa de escrita criativa pelas mãos da autora Yan Ge. “Do ponto de vista da programação e da conversa com os convidados nunca tinha surgido a oportunidade de marcar um *workshop* com autor chinês. Este ano surgiu com a autora Yan Ge. Foi a primeira vez que conseguimos isto”, partilhou o vice-director.

Mas muitos outros momentos marcaram esta edição que contou acolheu outros artistas, tais como, Chan Im Wa, escritora de Macau, também conhecida pelos pseudónimos Shen Shang Qing, Zhou Tong e Shen Shi; o autor David Machado; o poeta Hung Hung de Taiwan; o escritor Joe Tang; a colunista do *South China Morning Post* e autora de livros infantis Kelly Yang; o vencedor do Prémio Saramago 2013, o autor angolano, Ondjaki, entre muitos outros.

Os dez dias de festival terminaram com duas sessões de filmes do realizador português João Botelho – *Filme do Desassossego* e *Os Maias*. Esquecendo o cansaço físico que a organização de um evento desta dimensão traz, a única certeza é a de que “para o ano há mais”. ■

PORTUGAL



Adelino Gomes
jornalista



António Victorino d’Almeida
músico



David Machado
escritor



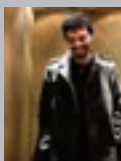
Francisco José Viegas
escritor e jornalista



João Botelho
cineasta



João Fazenda
ilustrador



João Tordo
escritor



M^{re} Rosário Pedreira
escritora e editora



Miguel Costa
cineasta



NEGÓCIOS DA CRIATIVIDADE



T CÁTIA MIRIAM COSTA*

*Investigadora no Centro de Estudos Internacionais (ISCTE-IUL), colaboradora no Centro de Filosofia das Ciências (UL) e consultadora no DAST (Design a Sustainable Tomorrow)

Macau tem uma herança histórica e um património cultural único no mundo. Testemunha deste facto é o seu património material, devidamente classificado enquanto Património da Humanidade pela UNESCO, e o seu património imaterial. Esta unicidade vem do encontro entre Ocidente e Oriente ou entre as águas doces dos rios chineses com as águas salgadas dos mares sulcados pelos portugueses, como muito bem observaram Chen Su Weng, secretário-geral da Associação de História de Macau, e Cheang Ko Keong, secretário-ge-

ral do Conselho do Património Cultural. Vem também da história prévia à presença portuguesa e posteriormente ao cruzamento de povos vindos de diferentes partes da Ásia e de África. É a transformação de uma vila piscatória numa cidade cosmopolita porque aberta, através do mar, a diversas presenças que tornou Macau muito peculiar.

Para além do cruzamento de indivíduos de diferentes proveniências, outros elementos contribuíram para a construção de uma identidade local, como, por exemplo, a introdução da indústria do jogo, in-



E CULTURA EM MACAU

cluindo jogos de origem chinesa e europeia. O jogo pode ser considerado um dos motores de mobilidade em Macau, como o tinham sido outras mercadorias e produtos culturais. Lembremos que quando se leva o chá para Portugal, mais do que um produto, está-se a levar um hábito, uma relação com o meio envolvente, um comportamento. Lembremos que foi uma rainha portuguesa, Dona Catarina de Bragança, que introduziu a rotina do chá no Reino Unido. Significa que muitos produtos considerados apenas mercadorias incorporavam já aquilo que

definimos como valor cultural e, conseqüentemente, valor simbólico. Se o chá mudava comportamentos e despertava paladares e olfactos, o comércio da porcelana tinha sobretudo uma finalidade estética, era a sua forma e não o seu uso que determinaram o seu valor nos mercados europeus.

Ter sido porto de saída e entrada de gentes e produtos moldou Macau. A mobilidade que caracterizou desde cedo o território é um traço mantido até hoje. A criatividade e a dinâmica cultural vivem sobretudo da mobilidade, ou seja, dessa capacidade de atrair o

mundo, com o que é produzido localmente, daí o interesse que os negócios da criatividade e cultura poderão ter por estes lados (*ver caixa*). O esforço de Macau na preservação das heranças culturais chinesa e portuguesa contribui para a originalidade dos produtos culturais que aqui se podem produzir.

O CARÁCTER ÚNICO DOS PRODUTOS CRIATIVOS E CULTURAIS

Os produtos criativos e culturais diferenciam-se dos outros exactamente porque a criação do seu valor acres-

ENQUADRAMENTOS

As Indústrias Criativas estão devidamente enquadradas em Macau, seja através de diplomas legais, seja no que concerne a instituições e projectos. Aqui ficam três exemplos deste facto:

Conselho para as Indústrias Culturais

Criado em 2010, tem por objectivo debater as questões ligadas ao desenvolvimento das indústrias culturais e apresentar propostas de política pública para este sector. Divide-se em três grupos especializados: Grupo Especializado de Promoção das Indústrias, Grupo Especializado de Planeamento de Recursos, Grupo Especializado para o Estudo da Cooperação Regional.

Quadro da Política do Desenvolvimento das Indústrias Culturais

Este documento define o que se entende por indústrias culturais e criativas e o modo como é expectável que estas contribuam para a diversificação da economia e para a reestruturação industrial.

Plataforma para as Indústrias Culturais e Criativas Portugal-Macau

Projecto desenvolvido no contexto do programa de inovação do ecossistema InovC, com o objectivo de fomentar a partilha de informação e comunicação a par da implementação de parcerias e projectos comuns e da formação e da mobilidade de investimento entre ambos territórios.

centado resultado do valor simbólico incorporado. As marcas e o design de produto podem tornar um objecto funcional em algo com valor cultural e criativo. Já outros produtos, como os objectos de arte, filmes, livros, música, performance, que hoje são comercializados ancoram o seu valor de mercado no seu carácter simbólico. Enquanto produtos culturais são maioritariamente criados para fruição estética, logo o que está em causa é sempre o seu valor simbólico (*ver caixa*).

Como produtos que pretendem renovar-se permanentemente para não perderem o seu valor simbólico, é a sua unicidade que os torna atractivos. Assim sendo, não se pretende uma produção em escala, mas a produção de um bem ou serviço único. Esta tendência vai ao encontro de uma nova tipologia de consumo que assenta na customização do produto ou serviço para que o consumidor/cliente se sinta único. Ambas tendências podem ser úteis no cenário criativo e cultural em Macau como forma de potenciar a economia local e de dar lugar a uma reconversão do tecido empresarial. Tratar-se-á de aprofundar a secular vocação para a mobilidade, de dar resposta à tendência para a procura daquilo que é impar e manter a marca que Macau foi conseguindo, um espaço vocacionado para o lazer.

É, ainda, de referir que ao contrário da fruição passiva da herança cultural, as indústrias criativas e culturais são extremamente eficazes na recriação de tradições e na par-





tilha de saberes. São, por essa razão, muito adaptadas a fins de recriação a par de uma base cultural. Os workshops de artesanato, a reinterpretação de espaços e a diversificação de finalidades dadas a objectos culturais podem constituir um atractivo específico para os que não gostam do aspecto contemplativo da cultura.

CRIATIVIDADE, CULTURA E TURISMO

A preservação do património cultural, material e imaterial, são importantes na construção do valor simbólico de uma região. Alguns países, como Portugal, depois da aposta na valorização do património tangível, têm agora virado a sua atenção para o património intangível, tendo mesmo lançado um Kit de Recolha de Património Imaterial. O património é, indubitavelmente, uma âncora para o reconhecimento cultural de um lugar, mas o seu potencial pode ser bem maior. Um dos desafios das indústrias culturais e criativas é a criação de

O QUE ESTÁ DEFINIDO COMO INDÚSTRIA CULTURAL?

Na China e de acordo com a classificação industrial nacional, as indústrias criativas podem ser abrangidas por nove categorias: serviços de notícias, serviços de copyright; rádio; televisão e filmes; Serviços culturais e artes; redes de serviços culturais, serviços culturais e de recreação, outros serviços culturais; bens culturais, equipamentos relacionados com produtos; bens culturais, equipamentos e comercialização de produtos culturais.

produtos e serviços que se renovem constantemente, dado os seus produtos serem geralmente de consumo efémero e se regularem por considerações estéticas que estão em permanente mudança.

De acordo com os dados do Centro de Investigação do Instituto do Turismo, 16,9 por cento das visitas turísticas são motivadas pelo património e 16,7 por cento pela culinária. Significa que duas áreas directamente ligadas à cultura e à criatividade lideram as causas de escolhas do território como destino turístico. Se nos concentrarmos apenas

nestes dois aspectos, já é observável o que a oferta de produtos e serviços únicos poderá potenciar numa sociedade que tem um traço constante, a mobilidade e o encontro de diferenças. Os negócios da cultura e criatividade poderão ser a base da diversificação da economia local, mas em simultâneo o retorno a uma história de transacção de produtos culturais. O encontro entre economia e cultura constitui apenas o retomar de uma longa história de convergências baseadas no valor simbólico, como o testemunham o chá e as porcelanas. ■

Da criatividade fez-se um bairro

T FILIPA ARAÚJO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Entre as sombras de um dos ex-libris de Macau, as Ruínas de São Paulo, nasceu aquele que é o primeiro de vários projectos na área das indústrias criativas, idealizados pela empresa privada Number 81. Cor, luz e arte invadiram as ruas e estão para ficar no primeiro bairro criativo de Macau



ARUA de Nossa Senhora do Amparo e o Pátio de Chôn Sau não mais carregam entre si o silêncio de um espaço vazio e de entulho acumulado de vida de quem que por ali habita. Desde o início de Fevereiro que o silêncio desta artéria foi rasgado pela cor e movimento de um novo projecto.

Number 81 é o nome da empresa privada responsável por esta iniciativa. Preocupada com a cultura e ciente da urgência na aposta das indústrias criativas, a companhia dedicou-se por inteiro ao desenvolvimento de um ponto cultural em Macau.

Um ano depois este é o resultado: um bairro criativo que dá espaço a jovens artistas de expor e comercializar as suas criações. “O projecto conta com 12 lojas, mas apenas nove estão abertas ao público para já”, começa por partilhar Duarte Silvério, um dos gestores do

projecto. Por ali há um pouco de tudo, a arte em variadas formas de o ser, comida, roupa, esculturas, quadros e até doces. Muitos são também os nomes de artistas que ali marcam presença de diferentes nacionalidades, sejam eles artistas locais, portugueses, chineses ou africanos.

São as estátuas animadas – principalmente de cabras coloridas, fazendo jus ao ano que acabou de começar – que saltam à vista de quem por ali passa. Com o chão carregado de cor, e com as montras das lojas a condizerem, esta nova rua ganha outra vida. Que o digam os que nos prédios antigos moram. “Tentámos durante todo o processo de criação deste pólo criativo, e continuamos a tentar, ter uma relação de respeito e entejada com os residentes desta zona”, explica o representante, sublinhando sempre a boa aceitação dos moradores. “Eles



HÁ UM POUCO DE TUDO, A ARTE EM VARIADAS FORMAS DE O SER, COMIDA, ROUPA, ESCULTURAS, QUADROS E ATÉ DOCES. MUITOS SÃO TAMBÉM OS NOMES DE ARTISTAS QUE ALI MARCAM PRESENÇA DE DIFERENTES NACIONALIDADES, SEJAM ELES ARTISTAS LOCAIS, PORTUGUESES, CHINESES OU AFRICANOS

gostam de como ficou a rua: está mais animada, mais limpa, tem mais gente. Algumas das suas casas foram também remodeladas, pintámos algumas paredes, fizemos alguns arranjos em coisas estragadas, portanto há uma boa relação”, clarifica Duarte Silvério, adiantando que “tendo em conta o abandono da rua antes deste projecto, é normal que seja bem aceite”.

Criatividade no topo

É de facto o sector das indústrias criativas que detém o papel principal neste projecto, sendo então a grande aposta da empresa, que conta com diversos apoios privados. “É inegável a nossa aposta nas indústrias criativas e nas artes, mas não deixa de ser verdade que também queremos trazer mais além disso”, adianta Duarte Silvério. A Number 81 quer por isso criar uma vasta variedade cultural na zona e por isso mesmo o processo de selecção de candidatos para ocupar as lojas não tem sido tarefa fácil.

“Algumas lojas foram propostas nossas por convites, mas desde que o projecto foi inaugurado tem existido uma grande procura por parte de investidores, que querem marcar presença neste espaço”, conta o representante, sem negar que a empresa pretende “crescer com calma e escolher bem os seus parceiros”. Segundo ele, a empresa “está com uma postura de total abertura”, mas será sempre feita uma avaliação ao tipo de lojas que se idealizaram e pensaram para o local. “Algumas são parceiras outras estão arrendadas”, aponta, adiantando que os preços das rendas são ligeiramente mais baixos que os praticados no actual mercado imobiliário. “No final das contas isto são negócios e os negócios só funcionam se os números concordarem entre si”, clarifica. Sem entrar em pormenores, avança apenas que o investimento total no projecto ultrapassou os nove dígitos de orçamento.

Primeiro entranha-se

O retorno dos comerciantes, também ele, tem sido “bastante positivo”, conta Duarte Silvério. Caso disso é a pastelaria Cacao Patisserie, a terceira em Macau, que apostou “de forma bastante forte neste pólo”. “Este nosso parceiro trouxe um *chef* de França para esta loja e têm tido bastante sucesso.” As funcionárias confirmam-no: a procura tem sido grande.

Ao percorrer a rua os olhos são atraídos por uma mancha de cores vivas e cheiro doce. É a Buddy, um loja de guloseimas. “Queríamos



“ É ENGRAÇADO VER AS PESSOAS QUE COMEÇAM A ESPREITAR CURIOSAS E DEPOIS CLARO TIRAM IMENSAS FOTOGRAFIAS. MACAU NUNCA VIU NADA ASSIM”

**DUARTE SILVÉRIO,
GESTOR DA NUMBER 81**

ter um espaço que agradasse a qualquer tipo de público, mulheres, homens, novos e velhos”, começa por explicar o representante, adiantando que “para além de toda a cor que esta loja tem nada melhor que doces para agradar às crianças”, não sendo só elas as seduzidas. A colaboradora que ali passa os dias





conta que muitas têm sido as pessoas que ali entram, “principalmente pelo tecto ser todo decorado com balões”, e são muitas, diz, as que não resistem e compram doces. “E não é só para as crianças”, brinca.

Bem lá no fundo está a Kuso, uma galeria onde o artista Mário Reis está representado com as suas peças em cerâmica. Ao lado surgem os tons quentes da África do Sul, com a loja de artesanato Paper Scissors Rocks. À espreita está a loja Tow, com peças de arte de vários artistas chineses, sendo que um deles se dedica quase por inteiro à criação de mobílias tradicionais chinesas, desenhando-as “de uma forma moderna: em acrílico”. De Itália surge ainda a Murano Glass, bem conhecida pelas suas obras em vidro, que segundo se percebe ao entrar na loja e pelo número de peças vendidas, muito tem agradado ao público. Duarte Silvério assim o confirma: “A arte e as indústrias criativas têm conquistado o público chinês e pode ser uma excelente aposta para a diversificação da economia da Macau”. “Como se pode ver pela variedade de lojas, queremos trazer uma diversidade, coisas que não existem cá em Macau.” Para breve está também a abertura do café macaense SAB8 que fará as delícias dos admiradores da gastronomia local.

Ver, comprar e saborear

Sem levantar o véu quanto às próximas parcerias e possíveis lojas, Duarte Silvério garante que o projecto “não vai ficar por aqui”, adiantando apenas que a empresa Number 81 já chegou a acordo com um investidor do imobiliário para construir novos pólos criativos, que incluem galerias e ruas coloridas. Este não foi o primeiro projecto da empresa privada. No ano passado, a Number 81 foi a responsável pela abertura de uma galeria no Largo do Lilau. “Esta também foi uma tentativa para reabilitar aquela zona que apesar de tão característica e ponto de turismo de Macau não tem vida, pouco ou nada se passa por lá, para além da Casa de Mandarim”, explica. “A aposta nas indústrias criativas e na criação deste tipo de pólos criativos traz outra coisa a Macau e às suas gentes: uma aposta na reabilitação de bairros antigos”, que é uma também um dos planos contemplados no projecto e idealizados pela empresa. A dedicação a este tipo de projectos passa também por trazer um mercado turístico diferente à região. “Macau não é só jogo, há mais, temos muito mais”, defende. É, então, no



conjunto destes três factores – diversificação económica, reabilitação dos bairros antigos e turismo, unidos às indústrias criativas – que o projecto detém as suas bases.

O próximo projecto surgirá ainda este ano noutra zona de Macau. “Queremos, como tenho sempre defendido, crescer de forma orgânica, natural. A empresa não está



interessada num *boom* de crescimento, isto porque, a dona da empresa é uma pessoa muito ligada às artes e ao mundo artístico, gosta claramente das indústrias criativas e considera que isso faz falta a Macau. Esses factores e o facto de termos pessoas com vontade de o fazer, trouxe-nos até aqui e levar-nos-á a outros sítios com certeza.”

Nestes primeiros meses de existência a Rua da Nossa Senhora do Amparo e o Pátio de Chôn Sal já foram local de visita de milhares de curiosos, turistas e locais, e alvo de outras milhares de fotografias. “É engraçado ver as pessoas que começam a espreitar curiosas e depois claro tiram imensas fotografias. Macau nunca viu nada assim.” ■



Pautas que cruzaram o mundo

É uma parceria que começou a milhares de quilómetros. O compositor português João Melo, ex-integrante da banda A Fúria do Açúcar, está a colaborar com a cantora chinesa Micky Tang. De visita à RAEM, o músico explicou à MACAU a importância de se manter uma “linguagem própria” num mundo globalizado

T SOFIA JESUS
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

JOÃO MELO chegou a Macau carregado com um computador “gigantesco” que, ao contrário do que temia, “veio inteiro”. É nesse computador que o artista português, vocalista da antiga banda A Fúria do Açúcar, tem trabalhado nas músicas que está a compor para a cantora chinesa Micky Tang.

“Como artista, gosto de me meter dentro de diversos universos, diversas realidades, para tentar compreender”, explicou à MACAU, durante as férias que passou recentemente no território, para visitar um amigo, também músico, actualmente a viver na RAEM. Foi pela voz desse amigo que surgiu a ideia da colaboração com Micky Tang.

João Melo, sedado em Londres, achou o desafio “interessante, por si só,” e assim começaram os contactos via Skype. Viu o que a cantora tinha feito, tomou conhecimento de um pouco daquilo que se fazia na China e concluiu que uma das variantes do seu trabalho de composição “tinha tudo a ver” com a Ásia e, em particular, “com a ambiência sonora da China”.

Começou por enviar duas músicas a Micky Tang: uma que já tinha composto e à qual fez

um arranjo que julgou apropriado para a intérprete chinesa; outra que compôs “do nada” para a ocasião. “Ela adorou”, garante, e “está a pensar incluí-las no próximo CD”.

O projecto passa por João Melo compor as músicas e escrever as letras em inglês, e Micky Tang interpretá-las, em mandarim. “Eu explico toda a ideia da letra e ela faz a adaptação”, esclarece o músico português, sublinhando que não se trata propriamente de uma tradução, porque isso “é quase impossível”. Que o diga a experiência que o compositor teve com *Eu gosto é do Verão*, uma música bem-humorada que fez furor em Portugal nos anos 1990: “Houve alguém que traduziu, depois mostrei a várias pessoas que percebem mandarim e essas comentaram: ‘Esta é uma música muito triste, não é? Porque dizem que na Suécia se matam, que passam a Primavera toda a espirrar...’”

“Uma cultura que nunca mais acaba”

A barreira linguística é, no entanto, um dos factores que contribuem para o “fascínio” que João Melo ganhou pela cultura chinesa, nesta visita a Macau. “[Está] tudo escrito em chinês e português e nenhuma das comunidades percebe a outra”, comenta, assumindo que, para si, seria “uma loucura” viver em Macau sem falar chinês. Mesmo só de férias a curiosidade levou-o a querer reconhecer alguns caracteres – na pequena colecção dos que decorou estão “Grande” e “Pequeno”.

À chegada à RAEM, o músico emocionou-se com os vestígios da presença portuguesa na cidade, “impressionado” não só com o facto de os portugueses terem conseguido chegar “tão longe”, “em meia dúzia de barquitos”, mas também com o facto de a sua influência se fazer sentir ainda hoje e de essa ligação ser incentivada pelas autoridades chinesas.

Macau surgiu-lhe como “único”: “Podia viver aqui o resto da minha vida, a tentar absorver as cambiantes da cultura, da língua e da maneira de ser e acabava por morrer sem conhecer um décimo. Portanto, é muito entusiasmante para o meu espírito curioso tentar descodificar isto.”

João Melo, também intérprete e produtor, ex-apresentador de televisão e com anos de experiência em produções infantis, explica que compor – o seu “maior prazer na música” – é um trabalho que pode ser feito a partir de qualquer lado do mundo, mas, para conhecer melhor o mercado, os gostos e a forma de pensar das pessoas, a vinda a Macau era mes-

mo necessária. “Para eu, sem perder a minha identidade e a minha própria linguagem, poder adequar [as minhas criações] à realidade [local]”, justifica.

As férias em solo chinês revelaram-lhe um mercado que considera “fantástico”, com “potencialidades inacreditáveis”. O músico não pensa, “de maneira alguma”, num regresso a Portugal e, para já, sair de Londres também não está nos seus planos, mas mostra-se interessado em “deixar a porta aberta” a novos projectos deste lado do mundo.

Linguagens únicas

Quanto ao actual panorama musical na China, João Melo considera que, dos artistas que viu, a tendência principal é a de que “é tudo um bocadinho comercial”, mas, ao mesmo tempo, com “uma linguagem mais ou menos própria”. No entender do músico português, a força da cultura chinesa e a distância física e temporal em relação às influências de Inglaterra e dos Estados Unidos permitem aos artistas manterem “alguma pureza” e continuarem “ligados a algumas raízes ancestrais que fazem com que [a sua

○ PROJECTO PASSA POR JOÃO MELO COMPOR AS MÚSICAS E ESCREVER AS LETRAS EM INGLÊS, E MICKY TANG INTERPRETÁ-LAS EM MANDARIM. NÃO SE TRATAM DE TRADUÇÕES À RISCA, MAS SIM DE ADAPTAÇÕES À LÍNGUA CHINESA

criação] seja qualquer coisa ainda única”. Uma vantagem, garante.

“Desde que passei a compor regularmente, deixei de ouvir muita coisa, porque preciso de algum silêncio. Preciso de um silêncio dentro de mim. [...] Preciso de me ouvir cá dentro”, explica o artista. Afinal, diz, “num mundo em que é tudo igual e tudo sem sentido, acho que devemos ter a nossa própria linguagem”. “Investir nisso”, acrescenta, é, por vezes, “um risco, mas também pode ser uma grande vantagem”. E é como se sente “mais confortável”. ■



澳門

Macao

盛事精華 薈萃
GREAT THINGS
come in Compact Packages

- 世界旅遊休閒中心・國際級會展設施
A World Tourism and Leisure Centre Equipped with World-class Convention and Exhibition facilities
- 位處大珠三角地區・地理位置優越
Advantageous location in the Greater Pearl River Delta region
- 政府提供鼓勵會展優惠政策
The Government provides preferential policies to encourage the development of the convention and exhibition industry
- 貿易投資促進局提供會展競投及支援“一站式”服務
IPIM provides “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macao
Macao Trade and Investment Promotion Institute

聯絡資料 / Contact Information:

地址: 澳門友誼大馬路918號世貿中心一至四樓

Address: Av. Amizade, No. 918, Edif. World Trade Centre, 4 andas, Macao

網址 Website: www.ipim.gov.mo / 電郵 E-mail: mice-onestop@ipim.gov.mo

電話 Tel: (853) 2671 0300 / 傳真 Fax: (853) 2859 0309 / 2872 6777

辦公時間 / Office Hours:

上午 Morning: 09:00 - 13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)

下午 Afternoon: 14:30 - 17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)

14:30 - 17:30 (星期五 / Friday)

會展競投及支援“一站式”服務

“One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

服務內容 • SERVICE FIELDS

招攬・引進會展活動在澳門舉辦 ◆ Attract and introduce convention and exhibition projects to Macao

協助競投會展項目 ◆ Assist in bidding for convention and exhibition projects

“一站式”會展資訊 ◆ “One-stop” Convention and exhibition updates

委派專人協助跟進落實澳門舉辦會展項目 ◆ Designated staff to provide follow-up service and assist in organising events in Macao

協助申請會展活動激勵計劃 ◆ Assist in the application for the Convention and Exhibition Stimulation Programme

協助於本局參與之活動(澳門境內外)進行宣傳推廣 ◆ Provide publicity and promotion opportunities in local and overseas events participated by IPIM

協調與本澳相關政府部門聯繫 ◆ Co-ordinate and liaise with Macao government departments

協助在澳成立公司開展會展項目 ◆ Assist Macao Companies to develop MICE projects


提供會展合作配對服務・協助尋找合作伙伴 ◆ Provide MICE cooperation matching service in search for potential partners



SANDRA BATTAGLIA

Dança, um apelo maior

T FÁTIMA VALENTE **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO



Fundou a primeira escola de dança quando estava no liceu em Lisboa. A bailarina e coreógrafa Sandra Battaglia continua a sonhar e a criar após um percurso de mais de 25 anos. E agora com Macau nos planos, depois de ter aceitado o desafio de ser a directora artística do “Desfile por Macau, Cidade Latina” em 2011



DIA MUNDIAL da Dança, Oeiras, 29 de Abril de 2009. Vestido vermelho no corpo, nas mãos uns “sapatos lindos de verniz” que num ímpeto de liberdade não consegue calçar. É Sandra Battaglia no palco, prestes a receber a homenagem por “um dos percursos significativos da Dança em Portugal”. Dança sempre descalça? “Danço. [risos] Há um lado em mim que as pessoas não conhecem bem, porque me vêem calma, tranquila, mas tenho um lado selvagem, que é muito livre. Só a Isadora Duncan (bailarina norte-americana, 1877–1927) fazia estas loucuras de andar com sapatos na mão e panos por todo o lado”, assume, com um brilho nos olhos.

O momento impulsivo ajuda a descrever a personalidade da artista que é muitos nomes: “Na verdade chamo-me Ana Alexandra. Em termos profissionais conheço-me por Sandra Battaglia, mas quando comecei a vir para

Macau tive de escrever conforme o registo de nascimento e começaram a chamar-me Alexandra Battaglia”. Só que entretanto o nome Sandra acabou por se impor: “É mais curto, funciona melhor. E, às vezes, ainda uso o ‘AlSandra’, numa tentativa de juntar os dois”, adianta. Complexa, esta batalha da identidade tem origem num terramoto, em Itália, no século XIX, que apanha dois irmãos napolitanos de férias em Lisboa. Com a família perdida no desastre, decidem ficar em Portugal, criam laços de sangue e assim inscrevem nos registos lisboetas o apelido Battaglia. No caso da bailarina, o sobrenome é herdado da avó materna e, segundo conta, “Sandra parece ser um diminutivo de Alexandra em italiano”.

Verdes anos

Sandra Battaglia nasceu em Lisboa, filha de uma professora e de um militar, curiosamente membro da Liga da

SANDRA BATTAGLIA NASCEU EM LISBOA, FILHA DE UMA PROFESSORA E DE UM MILITAR, CURIOSAMENTE MEMBRO DA LIGA DA MULTISSECCULAR AMIZADE PORTUGAL CHINA E, POR ISSO, CONHECEDOR DE MACAU

Multisseccular Amizade Portugal China e, por isso, conhecedor de Macau. Com uma “infância privilegiada, em Lisboa, e na Arrábida”, Sandra está em contacto com a natureza e com as artes quase desde o berço. “Acho que nunca quis ser bailarina. Dancei sempre, por isso costumo dizer que a



dança é que me escolheu. Eu queria ser bióloga marinha, talvez por causa dos oceanos e dos animais, mas a dança foi um apelo maior”, recorda.

Por volta dos quatro anos começa a ter aulas de dança com “a mestra” Margarida de Abreu. Aquela que descreve como uma “segunda mãe” acompanhou-a durante quase 30 anos, desde a estreia, ainda criança, na ópera *Aida*, no Teatro Nacional de São Carlos. Aos 15 anos, quis muito ser bailarina clássica, mas “não era esguia e magrinha” o suficiente. Na altura custou-lhe. Agora, olhando para trás, vê nesse momento “uma oportunidade” para seguir outros caminhos.

O poder do impulso

A dança foi companheira dos livros até que a vontade de fazer carreira como bailarina se impôs aos 18 anos. “Tive uma reunião familiar e disse: ‘Vou para o Conservatório’. Foi um escândalo, porque, embora a arte fizesse parte da nossa educação, a dança era um complemento, não era uma escolha profissional”, recorda.

Na capital portuguesa viviam-se os anos 1980. Pela televisão chegava o frenesim contagiante do *Fama*, a série musical norte-americana que fascinou gerações. É então que, imbuída por toda aquela “energia e alegria”, a jovem Sandra irrompe pelo conselho directivo do Liceu Rainha Dona Leonor, em Lisboa, e num “impulso” comunica o desejo de abrir uma escola de dança. “Eu tinha destas coisas – era muito mais corajosa do que agora – e durante dois anos foi o que fiz: pus toda a gente a dançar; havia dança nos átrios, nos corredores, em todo o lado do liceu”.



A experiência acabou por se tornar na maior academia que alguma vez fundou na vida: “Eram talvez uns 200 alunos, porque era o liceu inteiro. Não volta a acontecer [risos]”.

Trabalhar com comunidades

Abriu “a primeira companhia à séria” – o Círculo de Dan-

ça – após o curso na Escola de Dança do Conservatório Nacional. Mais tarde, concluiu uma licenciatura e mestrado na Escola Superior de Dança em Lisboa. “Eu abria escolas e a seguir ia estudar uns três anos, no máximo. E isto de uma forma muito impulsiva, muito intuitiva, já com uma vontade de criar, de ensinar, e

“TIVE UMA REUNIÃO FAMILIAR E DISSE: ‘VOU PARA O CONSERVATÓRIO’. FOI UM ESCÂNDALO, PORQUE, EMBORA A ARTE FIZESSE PARTE DA NOSSA EDUCAÇÃO, A DANÇA ERA UM COMPLEMENTO, NÃO ERA UMA ESCOLHA PROFISSIONAL. TIVE DE ROMPER COM ISSO E ASSUMIR QUE QUERIA SER BAILARINA”

de trabalhar com grupos, com comunidades”, descreve. A seguir ao Círculo de Dança mergulha na Escola de Dança de Mafra, um projecto ligado à autarquia e do qual se orgulha por ter levado a expressão do movimento “a todas as escolas do concelho, até às aldeias mais recônditas”.

Em paralelo descobriu a televisão e o cinema, tendo assumido, por exemplo, a direcção de actores no filme *Os Canibais*, de Manoel de Oliveira. E a vontade de explorar novos caminhos levaram-na também a trabalhar com diversos artistas nacionais e estrangeiros, e a interessar-se por diferentes estilos: clássico, contemporâneo, danças antigas, afro-moderno, danças indianas, flamenco... “Eu andava sempre à procura da dança que me podia satisfazer e complementar como pessoa”, justifica. Foi assim que andou uns tempos “completamente apaixonada” pela cultura asiática, apesar de o contacto com o Oriente só ter acontecido bastante mais tarde, quando o seu destino se cruzou com o do bailarino Pedro Paz, que tinha vivido em Macau. No ano 2000 fundam a Amalgama – Companhia de Dança, um projecto dividido entre o Alentejo – com as residências artísticas no Hotel



Convento de São Paulo, para explorar o “corpo e mente em contacto com a natureza” – e Lisboa, na Escola Superior de Medicina Tradicional Chinesa, onde aprofundaram conhecimentos nas metodologias orientais. E é esse conjunto de experiências que Sandra Battaglia quer fomentar em Macau.

Dragão e fogo

Quando se lhe pergunta quem é Sandra Battaglia, as palavras

que lhe vêm à cabeça são “dragão e fogo”, uma definição confirmada por quem já desenvolveu criações com a artista em Macau. “Trabalhar com a Sandra é muito gratificante. Ela é um turbilhão que precisa de apoio e, às vezes, de um certo travão, mas é uma fonte de inspiração constante”, descreve o fotógrafo António Mil-Homens. A também coreógrafa Stella Ho, por sua vez, elogia-lhe o arrojo: “Ela é uma pessoa muito aberta e defende que a arte é para todos. Eu concordo com essa ideia, mas ela é muito mais arrojada. Sempre que colaboramos, sinto-me muito influenciada por ela”. E Ana Manhão destaca o seu envolvimento pessoal. “Ela vê todos os pormenores e dedica-se a 100 por cento. Ela não desaparece, ela está dentro do projecto, e foi esse o ‘clique’ que tivemos”, conta a responsável da Associação Macau no Coração. ■

UMA LIGAÇÃO “NÃO RACIONAL”

Pisou a calçada portuguesa de Macau pela primeira vez em 2011, mas o território já faz parte de si. “Há algo que me liga muito a Macau, não se explica, não é racional”, assume. Quase quatro anos volvidos, a pertença ao Oriente é comparada às raízes da Lisboa que a viu nascer: “Não é que custe estar lá, Portugal pertence-nos, está nas nossas veias. Se calhar Macau também. Eu acho que Portugal e Macau são territórios híbridos, muito especiais, são assim uma espécie de territórios de ninguém, de almas navegantes e de diáspora”.

O sonho de uma escola para todos

Uma escola de artes alicerçada na dança é o sonho da bailarina e coreógrafa portuguesa Sandra Battaglia para Macau. Um sonho que tem vindo a ser ajustado e que pode começar com o lançamento de um curso numa instituição local. A artista espera que o projecto ganhe fôlego com os *workshops* que vai apresentar este mês em Macau

T FÁTIMA VALENTE

A **SEMENTE** do projecto da escola de artes foi lançada já lá vão quatro anos, após o primeiro trabalho em Macau, para dirigir o desfile “Parada Latina”, que assinala o aniversário do estabelecimento da RAEM, em Dezembro. A partir daí as energias fluíram e outros projectos agarraram Sandra Battaglia a Macau durante largas temporadas. Um dia do ano passado, o telefone tocou em Portugal. Do outro lado era Ana Manhão, uma amizade travada em Macau no âmbito do UnitYgate, a plataforma de intercâmbio cultural entre o Ocidente e o Oriente, que Sandra Battaglia lançou em conjunto com vários parceiros. “Não esperamos mais! Avança”, disse-lhe a responsável da Associação Macau no Coração. Mas o projecto não ganhou logo asas. Entretanto houve ajustes, mais contactos. Nesta nova visita a Macau, a bailarina espera cimentar as bases e definir o formato do projecto de uma escola superior de dança.

“Não se desistiu da ideia, caminhou-se mais devagar; está-se a pensar em como introduzir um curso superior, para que tenha visibilidade e reconhecimento, mas sem abrir propriamente uma estrutura universitária em Macau”, explica. Para a também directora da companhia de dança Amalgama, “o que seria interessante,

e está a ser estudado, era abrir um curso ligado à área da dança, numa visão mais holística, tanto ao nível da formação vocacional, como das saídas profissionais, mais técnicas ou coreográficas, ligado a uma universidade em Macau”.

A coreógrafa garante que “há interesse” e contactos com uma instituição de ensino superior em Macau, mas prefere, para já, não avançar pormenores. A concretizar-se, o curso irá “colmatar lacunas” ao nível da formação superior em dança, defende. Outra possibilidade é criar um curso profissionalizante ligado às áreas performativas em geral ou, especificamente, à dança. “Seria mais ao nível de um espaço: um centro de artes”, descreve, indicando que “a proposta está mais ou menos estudada”, mas “para avançar precisa de um investidor”.

Terceira temporada de *workshops*

Para manter viva a chama do projecto escola/curso em Macau, a coreógrafa apresenta este mês de Abril em Macau uma nova série de *workshops*. “A ideia é sensibilizar públicos para esse novo curso, através de blocos intensivos de formação ao longo do ano”, explica.

O convite partiu da Macau no Coração, e desta vez os públicos locais vão poder participar – entre 8 e 12 de Abril – em acções de curta duração, incluindo danças ibéricas, danças tradicionais portuguesas, danças europeias, e danças afro-modernas, ministrados pela coreógrafa e pela também bailarina Joana Silva, ambas da Amalgama. “Há uma aula aberta ainda de dança criativa e de danças tradicionais de roda. É um convite a todas as crianças e à participação dos pais. É um espaço muito aberto e de celebração: acima de tudo para motivar e dar a conhecer o potencial que a dança tem”, resume. ■

PARA MANTER VIVA A CHAMA DO PROJECTO ESCOLA/CURSO EM MACAU, A COREÓGRAFA APRESENTA ESTE MÊS EM MACAU UMA NOVA SÉRIE DE WORKSHOPS



MAIO DE ARTES

O Festival de Artes de Macau está de volta e o Instituto Cultural já apresentou o programa completo. Em destaque, naquela que é já a 26ª edição do evento, está o teatro

Arranca com passos de dança e termina com teatro. Durante o mês de Maio, a 26.ª edição do Festival de Artes de Macau (FAM) traz à região grandes nomes internacionais de diferentes áreas artísticas sem, no entanto, esquecer os talentos locais. Sob a direcção de Thomas Lebrun, *Lied Ballet*, do Centre Chorégraphique National de Tours, marca a abertura do festival.



Uma peça que, segundo o coreógrafo francês, é “de hoje” mas “cruza duas formas maiores da época romântica” – uma “coreográfica”, outra “musical”. A participação no FAM representa a estreia asiática do espectáculo apresentado no ano passado no Festival de Avignon, em França. Em destaque na edição deste ano está ainda o teatro. Também de França chega a peça *O Fato*, do Théâtre des Bouffes du Nord – a organização do festival fala numa “produção concisa” de Peter Brook, que promete tocar “fundo os corações”. Já Macau está representado no palco com *Decisão Fatal*, uma peça encenada por Emmy Ip e Philip Chan, dramaturgos locais cujo guião venceu o primeiro prémio do 10.º Concurso de Literatura de Macau, na categoria de teatro. Do programa do festival faz parte também o Teatro de Ópera Kun, que chega do Interior da China com *1699 – O leque de flores de pessegueiro*. De acordo com o Instituto Cultural, encarregue da organização do FAM, a peça dirigida por Tian Qinxin traduz “uma atraente história de amor no final de uma dinastia” e retrata “as magníficas culturas da China”.

O cair do pano fica a cargo do grupo alemão Schaubühne am Lehniner Platz, que sobe ao palco para dar vida a *Trust*. A peça, que também constitui uma estreia na Ásia, conta com a marca de Falk Richter, “um dos mais importantes dramaturgos e encenadores alemães dos nossos tempos”, como sublinham os organizadores do FAM, que, este ano, escolheram para slogan um desafio dirigido ao público: “Este Maio, interprete a arte à sua maneira.”

FESTIVAL DE ARTES DE MACAU

1 A 31 DE MAIO

WWW.ICM.GOV.MO/FAM/26/PT/

NA AGENDA



CINEMA



Macau Indies

Integrado em mais uma edição do Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Macau, o *Macau Indies* dá a conhecer 26 produções locais independentes, como a curta-metragem *O Ladrão de Riquexós*, de Maxim Bessmertny, a animação *Poesia Cantada*, de Lampo Leong, ou o documentário *Império Nuclear*, de Patrícia Neves. DE 12 A 16 DE MAIO
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a MOP 60



TEATRO



O Feio

A peça do alemão Marius von Mayenburg, interpretada em cantonense pela companhia On & On Theatre Workshop, de Hong Kong, e encenada por Weigo Lee, conta a história de Lette, um homem que reconstruiu o rosto para ser bonito, mas descobre que se transformou em alguém que se parece com toda a gente. 18 DE ABRIL @ 20H00
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a MOP 180



MÚSICA



Do Novo Mundo, pela Orquestra de Macau

É um “serão de estilo americano” que a Orquestra de Macau se propõe a oferecer ao público, no Teatro Dom Pedro V. O concerto, de uma hora, inclui interpretações de Summer Music, de Samuel Barber, e de American, um quarteto de cordas clássico composto por Antonín Dvořák. 17 DE ABRIL @ 20H00
TEATRO DOM PEDRO V
Bilhetes a partir de MOP 80

JOANA VASCONCELOS NO MGM

“O QUE ME INSPIRA É A VIDA NO SEU DIA-A-DIA”

Dias antes da abertura daquela que é a sua primeira exposição individual em solo chinês, a artista portuguesa Joana Vasconcelos explicou à MACAU o conceito por detrás de *Valkyrie Octopus*. Uma peça que evoca o diálogo entre Portugal e a China, na instalação que dá “uma nova vida” à Grande Praça do MGM Macau



T SOFIA JESUS

Há Portugal, há China e há o mar entre os dois, na mais recente criação de Joana Vasconcelos. *Valkyrie Octopus* – peça central na obra que a artista traz a Macau – evoca, segundo a autora, “as viagens épicas dos portugueses até ao Oriente”, numa instalação que, no seu conjunto, “procura reflectir sobre as ligações históricas” entre os dois países, através de uma síntese de “elementos característicos das duas culturas”.

“Tal como em toda a minha obra, o que me inspira é a vida no seu dia-a-dia: os símbolos, os objectos de que nos rodeamos, os comportamentos da sociedade contemporânea”, explica Joana Vasconcelos, em entrevista à MACAU. Neste caso, adianta, para o processo de criação desta exposição contribuiu também o facto de a sua família ter vivido em Macau e partilhado consigo essa experiência. Concebida especificamente para o espaço da Grande Praça do MGM Macau, a monumental instalação é composta por quatro peças inéditas, todas elas construídas à mão no ateliê da escultora, em Lisboa. Assente em têxteis e inúmeros adereços – com recurso a técnicas artesanais, como o crochet ou o bordado, mas também a tecidos industriais –, o trabalho durou mais de dez meses a completar e envolveu uma equipa de mais de 50 pessoas de diferentes áreas profissionais, incluindo arquitectura, engenharia e costura.

Uma reflexão monumental

Com 34 metros de comprimento e 20 de altura, *Valkyrie Octopus* constitui a maior obra da chamada série Valquírias, que a artista tem vindo a desenvolver. A obra, conta Joana Vasconcelos, integra também algumas “crenças e princípios” característicos da cultura chinesa: “Os seus oito braços estão associados à fortuna simbólica que este



número representa na China. Os princípios do *feng shui* foram integrados nas cores suaves dos têxteis utilizados.”

“As Valquírias são personagens femininas da mitologia nórdica que, segundo a lenda, sobrevoavam os campos de batalha, escolhendo os guerreiros que iriam sobreviver. As minhas Valquírias assumem, de certo modo, o papel de dar uma nova vida aos sítios onde estão”, explica a artista, lembrando que “os locais por onde passam costumam ter um problema em serem habitados”, sendo “sítios estranhos em termos de ambiente e não sítios habituais para a exposição de obras de arte”.

Valkyrie Octopus, que pesa cerca de 1200 quilos, está por sua vez ligada, através de “longos braços têxteis”, a outras três esculturas, neste caso da série *Tétris: Alfama, Chiado e Madragoa* são estruturas “inteiramente revestidas a azulejo”, que, explica a autora, estabelecem “uma relação directa com a arquitectura da Grande Praça, onde surgem representações de edifícios icónicos portugueses, com fachadas decoradas com temas e padrões da azulejaria portuguesa”. As três peças permitem ainda ao público adoptar diferentes perspectivas sobre o conjunto da exposição.

Artista reconhecida internacionalmente, Joana Vasconcelos tem marcada presença na Bienal de Veneza e já expôs em locais como Versailles ou o Museu de Arte de Tel Aviv. Expor individualmente em Macau, pela primeira vez, representa “um momento muito especial” na sua carreira, admite, e uma “grande oportunidade” para divulgar o seu trabalho “neste novo mercado”.

“A minha ideia é de receber conhecimento e partilhar a minha obra com o mundo”, explica. A Austrália e a Índia são alguns dos países onde gostaria de expor no futuro, mas para já mostra-se “muito entusiasmada” com um projecto que tem para o próximo ano: a sua primeira exposição em Baku, no Azerbaijão.

JOANA VASCONCELOS AT MGM MACAU

ATÉ 31 DE OUTUBRO
GRANDE PRAÇA, MGM MACAU

Entrada livre



Homenagem aos mestres que nos inspiraram Trabalhos de 10 artistas de Hong Kong e Macau

A mostra remete para o intrigante processo da criação artística, que é sempre influenciado por algo ou alguém. Frank Lei é o curador desta exposição que reúne trabalhos de diferentes áreas, como a pintura ou a fotografia.

ATÉ 10 DE MAIO
ARMAZÉM DO BOI
DE SEGUNDA-FEIRA A DOMINGO
(EXCEPTO TERÇA-FEIRA)
☉ DAS 12H00 ÀS 19H00

Entrada livre

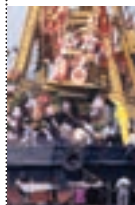


Retratos a Óleo dos Séculos XIX e XX - Colecção do Museu de Arte de Macau

A arte do retrato protagoniza esta exposição que reúne 26 pinturas dos séculos XIX e XX, concebidas por mais de uma dezena de artistas chineses e estrangeiros. A maioria das obras é realista, com algumas “características impressionistas, expressionistas e de arte moderna”, explica a curadora Weng Chiao.

ATÉ 31 DE DEZEMBRO
MUSEU DE ARTE DE MACAU

Bilhetes a MOP5



Pescadores de Macau e o Culto de Chu Tai Sin

Patente em Lisboa, a exposição dá a conhecer a festividade Da Jiu e o culto a Chu Tai Sin, deus taoista, patrono dos pescadores. A mostra – co-organizada pelo Museu Marítimo de Macau – integra objectos rituais, fotografias e documentários, dando a conhecer uma tradição que, dizem os organizadores, “faz parte do património intangível de Macau”, mas está hoje “ameaçada”.

ATÉ 19 DE ABRIL
MUSEU DO ORIENTE, EM LISBOA
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO

Bilhetes a partir de 6 Euros



CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE MACAU DE ENCONTROS E DESENCONTROS

Do início do século XVI ao final do século XX, a nova edição de Cronologia da História de Macau, de Beatriz Basto da Silva, percorre 500 anos de relações luso-chinesas marcadas por convergência e divergência

T SOFIA JESUS

Há duas coisas que fazem Beatriz Basto da Silva “perder a noção do tempo”: uma é pintar a óleo, a outra é fazer buscas historiográficas. Foi esta última paixão que ocupou a historiadora “de manhã, de noite, em férias e

feriados”, ao longo dos últimos quatro anos, quando se lançou no trabalho de reformulação e ampliação da sua obra *Cronologia da História de Macau*, editada pela primeira vez na década de 1990.

Agora com a chancela da editora Livros do Oriente, que este ano assinala o seu 25º aniversário, a nova edição – a terceira – consiste em quatro volumes que vão do início do século XVI a 20 de Dezembro de 1999 (a edição anterior terminava na Assinatura da Declaração Luso-Chinesa, em 1987), com o último volume dedicado a referências bibliográficas.

Em conversa com a MACAU, Beatriz Basto da Silva conta que a ideia de reeditar a obra ganhou forma quando lhe disseram que a mesma estava esgotada e era “muito procurada”. A investigadora, que desde a última edição vinha recolhendo material que lhe ia chegando às mãos, abraçou o desafio. O

trabalho que se seguiu beneficiou de traduções recentes feitas por académicos chineses, bem como de “novas perspectivas” de vários estudiosos, que verificaram que, nesta história luso-chinesa, houve “mais encontro que desencontro”.

Busca incessante

Foi em meados dos anos 1970 que Beatriz Basto da Silva começou a trabalhar naquela que viria a ser a sua “obra de vida”. Começou por recolher “verbetes”, “em caixas de sapatos”, e, em 1992, nascia o primeiro dos cinco volumes que compuseram a primeira edição de *Cronologia da História de Macau*. O que “deu forças” à autora para arrancar com o projecto foi a sua ligação ao Arquivo Histórico de Macau, de que foi directora. Um serviço “apaixonante” e “gratificante”, comenta. Convicta de que “na vida de uma pessoa (ou de muitas) não cabe uma História de Macau”, a investigadora optou por criar uma cronologia, certa de que esta “permite balizar a história” e fazer “uma pincelada” de cada época, mostrando que “houve gente que lutou, que cresceu”, que “isto não aconteceu do pé para a mão” nem foi “uma conquista de meia dúzia de pessoas”. “Foi uma gesta luso-chinesa de convergência e divergência, de acordos e desacordos, muito penosa, muito sofrida”, resume, destacando a “transparência” com que portugueses e chineses tiveram de “viver face a face”, numa relação que foi, desde sempre, a de uma “janela de oportunidades”.

Hoje, Beatriz Basto da Silva lamenta que, apesar de “muito bonita” e “única no mundo”, a história de Macau seja desconhecida de grande parte da nova geração. A investigadora – que foi também professora de liceu e directora da Escola do Magistério Primário – critica a falta de manuais específicos da história de Macau nas escolas chinesas locais. Uma lacuna que espera ver suprimida no futuro. De contrário, alerta, “como é que [os jovens] vão respeitar um património que se diz classificado?”

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE MACAU

QUATRO VOLUMES

AUTORA: BEATRIZ BASTO DA SILVA

EDITORA: LIVROS DO ORIENTE



O Pintor no seu Labirinto – Histórias da Pintura na China

Paulo Maia e Carmo

Livros do Meio, 2015

Apresentada como o primeiro livro escrito em português sobre a pintura clássica chinesa, a obra de Paulo Maia e Castro aborda o trabalho de oito pintores marcantes dos séculos XI e XVII. Uma realidade que o autor, também ele pintor, acredita ser ainda pouco conhecida entre o público ocidental.



Escritos do Amor e do Desafecto – Crónicas de Cidadania

António Conceição Júnior

COD, 2015

A obra reúne uma série de crónicas escritas pelo artista macaense António Conceição Júnior. Reflexões em torno da ideia de cidadania, em Macau, tecidas pelo autor a propósito de temas que marcaram o período da transferência da Administração de Macau para a China.



Zhongshan, uma cidade de empresários

Thomas Chan e

Louise do Rosário

Macaulink, 2014

Este é o sexto volume da série dedicada ao Delta do Rio das Pérolas. Os autores explicam as potencialidades actuais do município próximo de Macau (cujo antigo nome era Xiangshan), um dos locais onde os portugueses se estabeleceram quando chegaram à China durante a dinastia Ming.



LARGO DA SÉ, 1875



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

EDIFICADA ENTRE 1622 e 1623, a Igreja da Sé (*Tai Tong* ou *Tai Mio*, em chinês, que quer dizer templo grande) foi originalmente construída com taipa (um composto de terra e palha). Em 1836, ficou seriamente danificada depois da passagem de um tufão pela região e o seu restauro só ficou concluído em 1850, pelas mãos do arquitecto macaense Tomás d'Aquino.

Em 1937, sofreu uma reconstrução total em betão armado e mantém até hoje a traça desta remodelação. Desde o século XVII que o Largo da Sé e a área envolvente têm sido centro religioso, político e cultural da cidade. Todos os anos, na altura da Quaresma, os católicos aqui se reúnem para a Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. O Largo foi remodelado em 2004, criando-se uma praça com calçada portuguesa e uma réplica da cruz original ao centro.



MACAU 2014

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO”, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong

收藏

澳門郵票

Coleccion Selos
de Macau

Collect
Macao's Stamps



澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2853 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo 網址 Website: www.macaupost.gov.mo/philately/



情真意切 助您商賢
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios